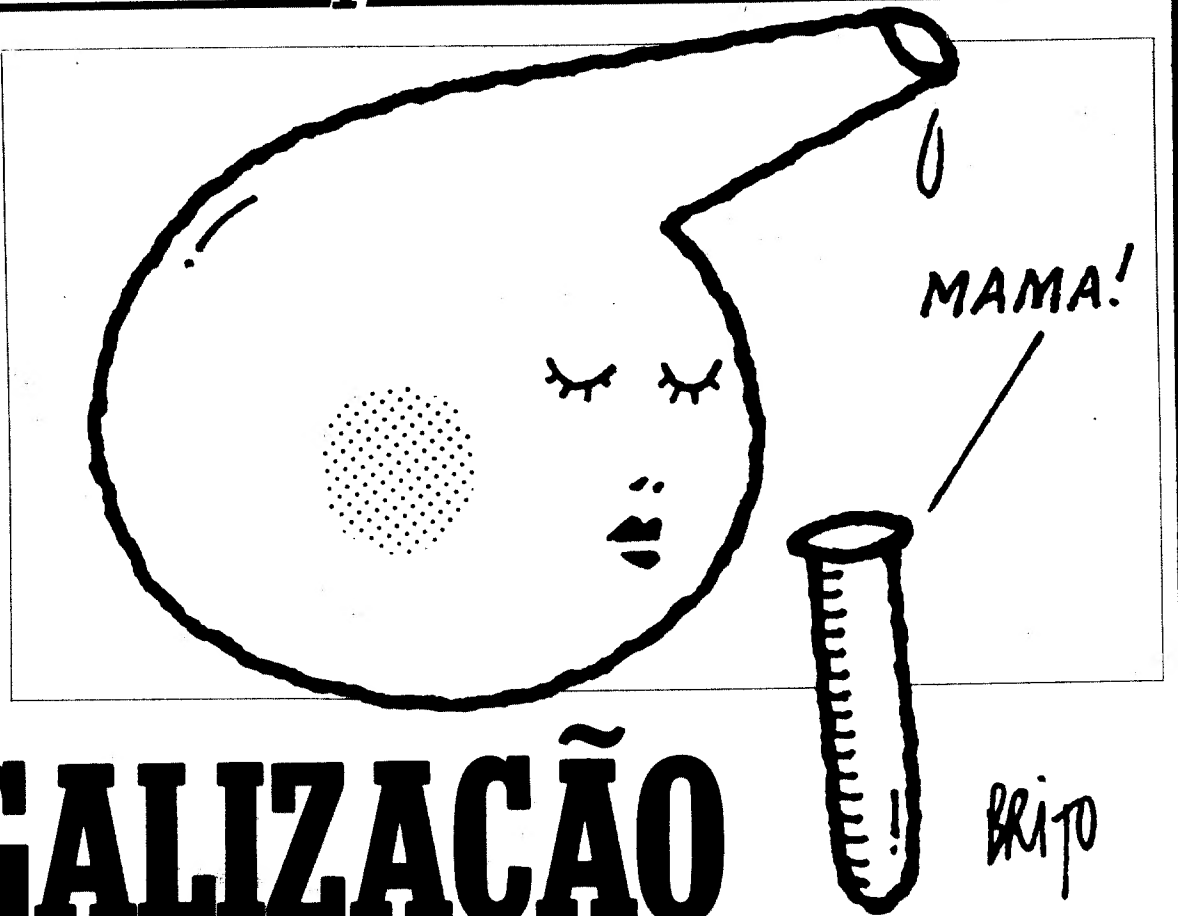


Afirmando que "tocar no corpo é tocar na alma"

IGREJA AMEAÇA: BATALHA CONTRA LEGALIZAÇÃO DA FECUNDAÇÃO ARTIFICIAL



A Igreja católica manifestou-se ontem, em documento divulgado simultaneamente em todo o mundo, contra a procriação humana fora do acto conjugal, condenando, nomeadamente, a fertilização «in vitro», o sistema das «mães de aluguer», as experiências com embriões vivos e os bancos de esperma. Coube ao secretariado da Conferência Episcopal portuguesa, presidida pelo arcebispo de

Évora, a divulgação em Lisboa do documento do Vaticano, intitulado «Instrução sobre o respeito da vida humana na sua origem e sobre a dignidade da procriação», classificado já nos EUA de «ultra-conservador». O arcebispo de Évora prometeu intensa batalha da Igreja contra a legalização de tais práticas.

Pág. 4



Só uma delegação foi até S. Bento

GNR travou o passo à Reforma Agrária

Pág. 6

Ao vencer no Estoril

**O espanhol
Carlos Sainz
lidera
Rallye
de Portugal**

Pág. 19



"DL" no Rallye de Portugal

com a

poligrupo

Problemas de uma maior longevidade

III - Haverá pão para todos?

Manuel Maria

(Serviço Especial EFE em exclusivo para Portugal)

Um terceiro problema derivado desta maior longevidade é o do sustento material de um excesso de população tão duradouro, por exemplo no sector da alimentação. Como se hão-de multiplicar os pães e os peixes, para que, pelo menos, o dobro da população possa comer?



As verduras e a soja parecem ser os elementos básicos da alimentação do futuro

Haverá pão para todos?

Contudo a quantidade de solo cultivável será sempre a mesma e embora tenhamos de contar com a evolução das técnicas agrícolas, a pergunta mantém-se: haverá pão para todos? Todo o mundo conhece, pelo menos em teoria, o princípio-chave de Malthus: não deve existir mais população do que aquela que seja possível alimentar. Isto é, deve existir um equilíbrio entre a população e as possibilidades da sua alimentação, caso contrário, gera-se o caos.

Actualmente, é do conhecimento geral que milhares de milhões de indivíduos passam necessidades. A fome invade quase toda a África, grande parte da Ásia e da América. Quase 2 mil milhões de pessoas, um terço da humanidade, não estão suficientemente tratadas. O que irá acontecer quando formos quatro vezes mais?

Até há pouco tempo, pensava-se que a Terra não teria capacidade para alimentar tanta gente, mas hoje sabe-se que tem. Orville Freeman, ex-secretário da Agricultura dos

EUA, afirmou que «actualmente apenas se cultiva metade da terra de lavoura de todo o mundo. A outra metade não dispõe das infraestruturas necessárias, e a sua exploração requeria enormes investimentos de capital.

Gary Imhoff, director executivo da **Carrying Capacity**, organização investigadora em matéria de alimentação, queixou-se recentemente acerca da possível falta de alimentos nos EUA e apontou para o mar como fonte de abastecimento. Outros cientistas afirmaram que o cultivo de algas, espirulinas e outras formas de micro-algas pode ser a salvação. Não se está tão certo acerca do sabor desses alimentos, pelo menos se entrarmos em comparação com os alimentos actuais; porém, tudo seria uma questão de hábito.

A população do mundo duplicará

Os seguintes dados foram recolhidos de um artigo de Edward J. Kormondy, professor de Biologia e vice-presidente da Universidade Estatal

da Califórnia em Los Angeles: com as actuais taxas de crescimento, a Europa necessitará de 187 anos para duplicar a sua população, a América do Norte 95, a Ásia 37 e a América do Sul e a África apenas 24.

A população da Ásia ronda actualmente os 2 600 milhões de habitantes e, a menos que se verifique uma alteração na sua taxa de crescimento, no ano 2020 alcançará os 5 300 milhões. Isto significa um aumento de 19 a 198 pessoas por km², comparado com apenas 13 na América do Norte, para além de implicar que haverá muitas mais bocas para alimentar.

O professor Grande Covian, um dos nutrólogos mais famosos do mundo, referiu situações extremas muito interessantes. Citando Bernard Gilland, afirmou, em 1984, que a Terra seria capaz de alimentar 7 500 milhões de habitantes com um consumo diário de 9 000 quilocalorias de energia vegetal, quantidade que já se produzia na altura.

«As gerações futuras», escreve Grande Covian, «terão muito provavelmente de reduzir o consumo e produção de carne, no intuito de canalizar para a alimentação humana parte dos cereais e leguminosas que hoje em dia se destinam à alimentação do gado.»

O paradoxo está em que enquanto meia humanidade morre de fome, a outra metade farta-se de comer. As doenças degenerativas comuns no Ocidente, como o cancro e as cardiovasculares, têm origem numa alimentação excessiva, exactamente o contrário do que se verifica no Terceiro Mundo. Por outro lado, muito cereal e grão é destinado à alimentação do gado, quando muita gente em dificuldades suplica que esses cereais lhes sejam enviados.

Problema de organização

Em 1982, a OMS forneceu os seguintes dados: a mortalidade infantil foi de 160 crianças por cada mil nascidas vivas nos 31 países não desenvolvidos, de 94 nos 89 países em vias de desenvolvimento e de 19 nos países desenvolvidos. Inversamente, a esperança de vida foi de 45 anos, nos primeiros países, de 60 nos segundos, e de 72 nos terceiros. Estes dados são proporcionais aos da fome e pobreza. Existe, actualmente, no mundo, uma má organização e distribuição da riqueza e dos alimentos.

Será isto que ocorrerá, eventualmente, no futuro, Malthus já afirmara que para uns seres humanos terem excedente de alimentos e de outros bens materiais, era necessário que outros padecessem com a sua escassez: de facto, não se enganou, e cremos que para o afirmar se baseou, não nas leis da natureza, mas na consciência humana. O pastor de Albury previu há 200 anos o que hoje se está a verificar.

Contudo, acreditamos, tal como Ignacy Sachs, professor de Ciências Sociais em Paris, que é uma esperança vã de pensar que uma política demográfica malthusiana possa substituir uma boa estratégia de desenvolvimento a qual, por sua vez, consiga o aumento da população e a sua distribuição mais equitativa.

IV - O FANTASMA DO DESEMPREGO



José Hipólito, 23 anos, estagiário em empresa de confeções

"Só em pequenas quantidades é que vamos lá"

Trabalhavas antes?

— Sim, fui litógrafo. Mas em Portugal isso não dá nada e resolvi desistir.

As confeções vão bem?

— Pode-se optar mais.

Que tipo de actividade tens?

— Vou falar com clientes, por exemplo. Não é nada desagradável esta parte, contacta-se com as pessoas. É um trabalho de rua, como o do jornalista. Aprende-se a conhecer as pessoas e isso agrada-me bastante. Gosto da função de Relações Públicas.

A comunicação tipo Relações Públicas não será muito fria, muito... funcional, apenas?

— Depende da maneira como falarmos. Claro, é mais oficial, mas não me desagrada. As pessoas interessam-me.

Tens um jeito natural?

— Tento ter.

Que mais fazes, no teu estágio?

— Coisas de escritório.

A parte má?

— Olha, depois de ter andado desempregado e de ter estado a trabalhar nas obras, tudo se faz bem. Ainda bem que consegui um emprego. Temos que nos adaptar às coisas.

Pesavas lá em casa?

— Sim, os meus pais não têm muitas possibilidades económicas. Quando andava a estudar queria ser livre, não estar dependente.

E agora, já não és dependente?

— Oh, pá! Há sempre qualquer coisa que nos condiciona. Mas de facto eu gostava de poder fazer o que gosto.

Consegues?

— Ninguém consegue. Já chega tomar-lhe o gosto.

Como é que é isso?

— Só em pequenas quantidades é que vamos lá.

ALGO DE NOVO NA FRENTE LESTE-OESTE

Beja Santos

Vive-se presentemente o período de maior descompressão na ordem internacional após os acontecimentos inerentes à «dupla decisão» da NATO e à ingerência soviética no Afeganistão, em 1979.

Que e quem produziu a melhoria? A Conferência de Estocolmo? A Cimeira de Reiquejavique? As alterações ocorridas na política interna soviética? A crescente vulnerabilidade da Administração Reagan? A multiplicação de vozes credenciadas e anónimas a pedir no à militarização do espaço e à consagração de um sistema mundial de segurança militar? Trata-se de um conjunto de epifenómenos ou a abertura a nova era com um fim de milénio sem armas nucleares?

1. A realidade emergente do pós-guerra criou uma situação de bipolaridade mundial centrada em dois dos vencedores das forças do Eixo, conjuntamente aliados: os EUA e a URSS.

Cedo se demonstrou que estes dois colossos militares arrastavam consigo modos de vida bem distintos, com o inevitável agrupamento de aliados político-militares: por parte dos EUA, alegava-se pugnar pela defesa dos valores da civilização ocidental, consagrados na livre iniciativa, pluralismo político, parlamentos eleitos por sufrágio directo, tolerância religiosa, liberdade de expressão e circulação irrestritas, etc.; por parte da URSS, a consagração do poder proletário através de um partido dirigente, marxista-leninista, orientado para a solução de determinado tipo de interesses básicos: salvaguarda do direito ao trabalho e à habitação, acesso gratuito à educação e aos cuidados de saúde, etc.

A guerra fria, que se prolongou teoricamente até ao fim da guerra da Coreia (1953) mas cujas sequelas se podem verificar nos acontecimentos ligados à crise de Cuba (1962), demonstrou quão frágil era a aproximação entre os colossos militares.

A partir de então, iniciou-se um processo inevitável de diálogo e de negociação dos seus próprios interesses específicos. Foi a constatação da paridade nuclear e do perigo de uma guerra total entre as duas superpotências (instalação do telefone vermelho como último diferendo para diferendos extremos); foi a passagem da estratégia directa para formas indirectas de actuação, privilegiando-se a coacção económica e a influência através de países terceiros; foi a passagem de uma situação de desenfreada corrida armamentista a conversações sobre desarmamento; foi a abertura oficial a Leste, traduzida na denominada Ostpolitik; era a influência marcante da ONU e a própria contracção do mundo adveniente do avanço imparável da ciência e da técnica sem fronteiras.

A Acta Final de Helsínquia (1.8.75) ilustra o momento da inevitável «coexistência pacífica» entre ambos os sistemas de que os EUA e a URSS são os líderes incontestáveis. De facto, já então não era fácil a liderança absoluta por parte dos EUA, no Ocidente, e da URSS, no Leste. Em cada um dos dois sistemas, forças centrífugas, nacionalismos, novas doutrinas, novas concepções de vida, novas estratégias, novos poderes, iam pondo em questão o condomínio das superpotências. Esses novos poderes, com influência notória na opinião pública mundial, ainda que sem capacidade de alterar o «statu

quo», iam subvertendo a rigidez dos blocos: intercâmbio científico e cultural, respostas conjuntas face à ameaça ecológica, permutas culturais, turismo, documentos políticos conjuntos, cooperação económica, por exemplo. E assim, sob a liderança dos EUA iam surgindo as Comunidades Europeias e à sombra da NATO irrompia o Eurogrupo, e foi-se progressivamente manifestando a velha União da Europa Ocidental; sob a liderança da URSS aconteceram as crises da Jugoslávia, Hungria, Albânia, Checoslováquia e Polónia, as duas últimas excepcionalmente importantes para a análise de que pretende ser a política de Gorbachev, isto é, a dialéctica do comunismo competitivo.

Esta introdução sucinta procura ter a finalidade de demonstrar que o monolitismo é mais aparente que real, que até o mais exacerbado conflito político entre superpotências subentende formas de cooperação diversificadas, dando azo a que outros poderes, à revelia dos sistemas, aparentemente institucionalizados, se tornem em arautos na convergência e na aproximação, obrigando as superpotências a acentuar o ritmo do desanuviamento este-Oeste.

Ora este meteórico apanhado de reflexões vem a propósito das aberturas em curso a Leste e no Ocidente.

2. A opinião pública internacional tem vindo a ser galvanizada para a chamada «transparência» e «reestruturação» internas da URSS sob a égide de Gorbachev. Trata-se de algo de novo ou algo de inevitável? No campo dos direitos humanos, a URSS e o Leste europeu vinham sendo sistematicamente acusados de violar os mais elementares princípios da dignidade humana: prisões sem culpa formada; silenciamento ou perseguição de consciências do património universal, como Sakharov; intolerância religiosa e perseguição a judeus; falta de liberdade de expressão com a imprensa amordaçada e forçada a cantar em uníssono as bondades do sistema; hospitais psiquiátricos na URSS, «campos de recuperação» na RDA e Bulgária; dificuldades à emigração e reunificação de famílias — era, enfim, o pôr-se em causa a violação elementar do terceiro capítulo da Acta Final de Helsínquia.

No campo das negociações do desarmamento, assistimos nos últimos anos a posições de tal forma irreconciliáveis em que, no dizer da diplomacia soviética, a instalação dos mísseis de médio alcance «SS-20» jamais seria discutida se por parte do Ocidente não fosse cancelada a instalação dos «Pershing II» e «Cruise», o que levou à ruptura das conversações de Genebra, em fins de 1983; e igualmente estava posto fora de questão qualquer reatamento de negociações que não fosse acompanhado do cancelamento da «Iniciativa de Defesa Estratégica».

No âmbito da política externa: a presença soviética no Afeganistão era interpretada no Ocidente como forma de expansionismo à boa maneira czarista, afectando todo o desenvolvimento internacional.

Na área económica, a URSS, apesar de se equiparar à sua rival nos domínios militares, ofensivos e defensivos, encontra-se numa posição subalterna: acentuada perda de competitividade a reflectir-se no comércio externo, envelhecimento dos equipamentos, absentismo nas empresas, descoordenação estrutural, etc.

É neste cenário que aquele a quem

chamam o delfim de Andropov vem aparentemente dar satisfação às principais críticas ocidentais, como se passa a enunciar.

No campo dos direitos humanos, dá-se a libertação de muitos perseguidos políticos, assistindo-se à aparição pública de Sakharov e de outros onhecidos dissidentes; altera-se legislação que permitia a prisão fácil e arbitrária de críticos do regime; facilita-se a emigração de cidadãos soviéticos, é anunciada mais tolerância religiosa, etc.

No campo das negociações de desarmamento, Gorbachev surpreende tudo e todos quando na Cimeira de Reiquejavique faz suas algumas das propostas norte-americanas, nomeadamente a «opção zero» quanto a euromísseis e concorda em reduções significativas ao nível dos armamentos estratégicos; e é prolongada «sine die» moratória sobre testes nucleares, ainda que este conjunto de medidas apareça subordinado ao adiamento por 10 anos da «Iniciativa de Defesa Estratégica» (aliás, já se tinha assistido na Conferência de Desanuviamento de Estocolmo, concluída em Janeiro de 1986, a uma frutuosa implementação de medidas de confiança no teatro europeu), etc.

No campo da política externa, assistimos à declaração unilateral do cessar-fogo no Afeganistão e à abertura de negociações multilaterais para pôr fim à presença soviética naquele aís.

No campo económico, deu-se a abertura à iniciativa privada em múltiplos sectores de actividade, tomaram-se medidas de controlo laboral e foi anunciada a guerra sem quartel à burocracia emperradora; de igual modo foi anunciado um programa de melhoria da qualidade de vida, com Gorbachev a anunciar publicamente que a qualidade e a exigência de muitos produtos alimentares estão aquém do sofrível.

Dito por outras palavras: tudo leva a supor que a URSS se tornou sensível às críticas do Ocidente, que, ainda que não fossem interpretadas por Gorbachev como se se tratasse de uma debilidade do sistema, permitiu a este, ao aceitá-las, melhorar de imediato a imagem negativa que a URSS tem no Ocidente. Seguramente que é prematuro proceder a balanços, mas qualquer que seja o percurso estratégico e as vias a prosseguir já não há retorno possível a formas anteriores de crispção.

3. Só a demagogia e a falsificação dos acontecimentos permite que alguns observadores pratiquem a injustiça de não visionar, também no Ocidente, algumas demonstrações também potenciadoras de abertura como as referidas no Leste, e que polarizámos no líder soviético por ser inconcebível que algo de fundamental mude nas concepções do Leste sem haver indicadores duradouros na sede do Poder no Kremlin.

Ainda há dias, em Lisboa, e através do porta-voz norte-americano nas conversações em Genebra, Max Kampelman, tivemos conhecimento que afinal as conclusões de Reiquejavique estavam a ser seriamente ponderadas pela administração Reagan, a traduzir um eventual acordo com a URSS ao nível dos euromísseis, das armas estratégicas e quanto a armas espaciais.

Não menos significativa, se atendermos à personalidade do grupo de pressão, nos parece a recente declaração da CES (Confederação Europeia



Mikail Gorbachev e Max Kampelman: desarmamento em questão

de Sindicatos), organização onde estão filiados todos os sindicatos de ideologia social-democrata, e onde, resumidamente, se pode ler:

«— A CES manifesta a sua satisfação quanto ao facto de o presidente Reagan e o secretário-geral do PCUS, Gorbachev, tenham estado quase a chegar a um entendimento quanto a uma redução substancial de armamentos, a abolição total de mísseis intercontinentais e das armas nucleares de alcance intermédio e o fim dos ensaios nucleares; todavia, deplora-se que as negociações de Reiquejavique não tenham tido êxito, por causa das divergências quanto ao desenvolvimento futuro da iniciativa da defesa do espaço dos EUA;

«— A CES manifesta a sua satisfação quanto aos acordos alcançados na Conferência de Estocolmo — primeiro acordo sobre o desarmamento depois dos acordos de Viena e SALT II em 1979 — que prevêem procedimentos de inspecção e de verificação do desmantelamento de armamentos e redução substancial dos armamentos convencionais;

«— A CES deseja ver aumentar a participação dos países da Europa de Leste nos desenvolvimentos económicos e comerciais internacionais;

«— Uma condição essencial para manutenção da paz duradoura é que se estabeleça uma confiança política e que a actual desconfiança entre o Leste e o Ocidente seja ultrapassada — é particularmente importante que haja contactos entre os povos de todos os países no espírito dos acordos de Helsínquia, e as organizações-membros da CES deveriam examinar de que maneira os contactos com as organizações correspondentes da Europa de Leste podem contribuir para a compreensão e o estabelecimento da confiança.

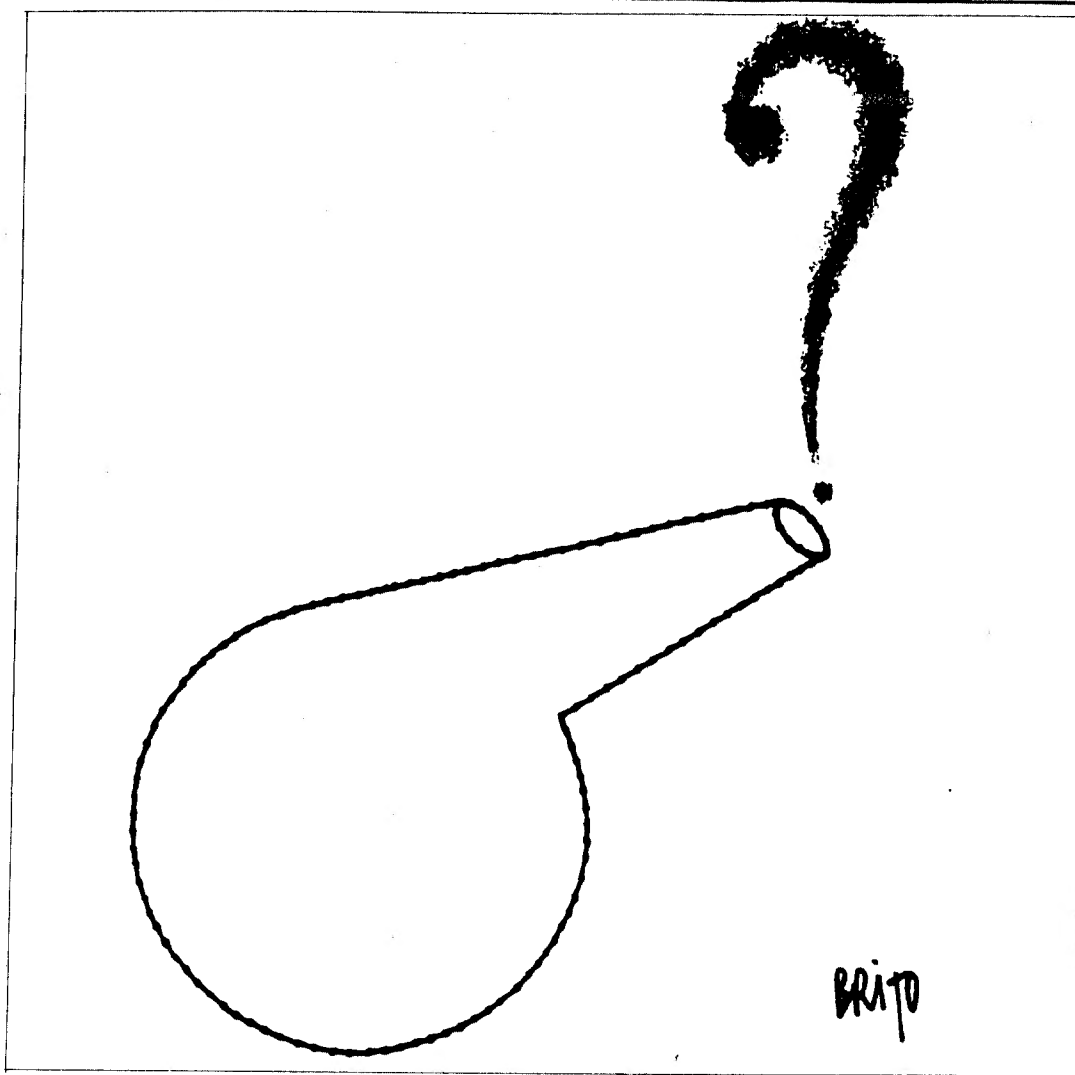
«— As organizações filiadas na CES chamam a atenção das organiza-

ções congéneres da Europa de Leste para o compromisso subscrito em 1981 aquando da última reunião de sindicatos de Leste e do Ocidente, face ao qual todos os sindicatos fariam pressão junto dos seus respectivos governos para se eliminarem todas as armas nucleares instaladas ou apontadas para a Europa.

«— A CES compromete-se às seguintes acções práticas para dar seguimento ao conteúdo desta recomendação: pedir uma entrevista com as equipas de negociadores norte-americanos e soviéticos em Genebra; pedir entrevista aos participantes nas negociações MBFR (redução de armamentos convencionais) e na Conferência de Segurança e Cooperação Europeia em Viena; pedir para debater o desarmamento com os participantes da Conferência das Nações Unidas sobre o Desarmamento em Genebra; pedir para ser consultada pela CEE sobre a questão da multiplicação de contactos sobre as questões económicas e sociais entre a CEE e os países da Europa de Leste.»

Urgindo pôr termo a este apontamento, a reflexão final que se pretende transmitir ao leitor é que estamos em presença de uma realidade que as superpotências ajudam a forjar em Helsínquia, mas que, por razões diversas, não tinham cumprido em todas as suas dimensões. O «espírito de Helsínquia» está hoje disseminado pelos seus 35 protagonistas: estados-membros, grupos de pressão, credos religiosos, forças intelectuais, massas trabalhadoras.

Por muito que os mercenários da propaganda teimem em abafar, há agora uma voz universal que reclama uma paz firmemente alicerçada no respeito pela diferença. É este o algo de novo que justifica a cólera habilmente contida dos dogmáticos, a Leste e a Ocidente, neste exaltante e esperançoso tempo que vivemos.



Documento divulgado também em Lisboa

IGREJA CONTRA PROcriação FORA DO ACTO CONJUGAL

O secretariado-geral da Conferência Episcopal portuguesa manifestou-se ontem, em conferência de Imprensa presidida pelo arcebispo de Évora, D. Maurílio Gouveia, contra a procriação humana fora do acto conjugal.

Num documento de 40 páginas, elaborado nos últimos anos por especialistas e teólogos da Igreja Romana e ontem divulgado em todo o mundo, condena-se, nomeadamente, a fertilização «in vitro», o sistema das «mães de aluguer», as experiências com embriões vivos e os bancos de esperma.

O documento, intitulado «Instrução sobre o Respeito da Vida Humana na sua Origem e sobre a Dignidade da Procriação», foi apresentado nas suas linhas gerais por António Monteiro, professor de Teologia Moral na Universidade Católica que a dado passo frisou: «hoje já não se aceita a dicotomia entre alma e corpo. Tocar no corpo é tocar na alma».

O arcebispo de Évora admitiu, durante a conferência, que a Igreja poderá (caso o poder político legalize práticas de fecundação artificial) vir a travar uma «batalha» idêntica à que levou a cabo sobre a legalização do aborto.

Segundo o documento, «os esposos que sofrem a provação da esterilidade são chamados a descobrir nela a oportunidade para uma particular participação na cruz do Senhor, fonte de fecundidade espiritual».

Reacções nos EUA

Responsáveis católicos dos EUA elogiaram o documento, dizendo-o conforme os princípios da Igreja católica, mas médicos e legisladores mostraram-se desapontados.

Noel Keane, director do Centro de Infertilidade de Nova Iorque, considerou que a Igreja ultrapassou os seus limites e Robert White, director do departamento de neurocirurgia do hospital de Cleveland, qualificou o documento de «ultra-conservador».



D. Maurílio Gouveia

Mota Amaral preocupado com lacticínios

Soares vai promulgar Estatuto dos Açores

Mário Soares vai promulgar, dentro de dias, o estatuto autonómico dos Açores, indicou Mota Amaral, à saída de uma audiência em Belém com o PR.

O líder açoriano, que se avisou igualmente com o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, disse ainda ter informado o Presidente da República sobre alguns dos problemas da região autónoma, nomeadamente o recente diploma do Governo que atribui subsídios à produção de lacticínios no continente, contestado pelo Executivo regional.

Segundo Mota Amaral, tal diploma comporta «gravíssimos riscos para essa actividade económica nos Açores», além de constituir uma solução «injusta» para os produtores do arquipélago. Disse, a propósito, ter recebido garantias de Cavaco de que «essa situação deverá em breve ser revista».

Instado pelos jornalistas, o chefe do Executivo açoriano confirmou ter recebido de João Jardim um documento contendo propostas sobre a revisão constitucional, tema que os dois responsáveis regionais vão abordar numa reunião prevista para final do corrente mês.

Amaral frisou ser a revisão constitucional uma questão da competência da Assembleia da República, acrescentando que será através do seu partido, o PSD, que canalizará as suas ideias sobre a matéria.

PR visitou o LNETI

Portugal participa em quatro

programas internacionais de investigação, incluindo o «Eureka», soube ontem o Presidente da República, no decorrer da visita que fez ao LNETI (Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial).

Carvalho Rodrigues, director do Instituto de Electromecânica do LNETI, explicou a Soares que o primeiro projecto do nosso país, no âmbito do programa «Eureka», é o «Roblas», destinado à construção de uma unidade flexível para a indústria de confecções.

Portugal, referiu o mesmo responsável, está a participar ainda em dois programas de investigação da CEE, o «Esprit» e o «Brite» (relacionados com electrónica e comunicações) e em dois da NATO, o «Agard» e o «Science for Stability», o primeiro sobre investigação de visão automática para robots e o segundo destinado à detecção remota de recursos naturais.

Soares que esteve acompanhado pelo director de LNETI, Veiga Simão, foi ainda informado da evolução dos raios laser, desde que foram produzidos em 1960 (o primeiro laser construído em Portugal data de 1969) e da sua aplicação em Medicina (o PR viu o aparelho que tratou da lesão de Carlos Lopes antes da vitória olímpica de Los Angeles e de Eva Pinto, a primeira transplantação ao coração em Portugal).

Garante secretário de Estado

Portugal e Guiné-Bissau com boas relações

O secretário de Estado das Pescas, Oliveira Godinho, classificou ontem «excelentes» as relações de cooperação entre Lisboa e Bissau no domínio das Pescas.

Este membro de Governo, que fazia o balanço do encontro que manteve com o seu homólogo, Abubacar Balde, na capital guineense, disse ainda que as relações de cooperação entre os dois países na área das pescas têm condições para se desenvolver ainda mais, com vista a garantir a autosuficiência alimentar dos respectivos povos. De acordo com Oliveira Godinho, os armadores portugueses vão pôr à disposição da Secretaria de Estado das Pescas da Guiné-Bissau uma embarcação com capacidade e equipamentos capazes de reforçar as actividades do projecto da pesca artesanal de Bubaque.

O secretário de Estado português, que se fez acompanhar

har ao encontro que teve com Balde pelo representante do Instituto de Participação do Estado de Portugal (IPE), procedeu com as autoridades guineenses ao estudo sobre a melhor forma de garantir o funcionamento das estruturas de terra e de produção na área das pescas. O projecto económico, que poderá vir um dia a concretizar-se, mereceu, entretanto, a atenção do representante do IPE.

Um protocolo assinado na ocasião da visita prevê a realização, em Portugal, de estágios e treinos de pequena e média duração de pessoal guineense na área de aptidão, no Instituto Nacional e Serviços da Especialidade, para a utilização na Guiné-Bissau. A delegação portuguesa, que regressa hoje mesmo a Lisboa, foi recebida em audiência pelo presidente do Conselho de Estado da Guiné-Bissau, João Bernardo Vieira.



Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista publica mais um volume

Quirino de Jesus: o ideólogo do Estado Novo e mestre de Salazar

Uma das personagens menos conhecida mas não menos importante da história dos primeiros anos da ditadura foi Quirino de Jesus - velho advogado monárquico e católico que se tornou num dos maiores propagandistas do nacionalismo português e ideólogos do Estado Novo. A sua relação com António Oliveira Salazar e a influência que nele exerceu constam do 18º. volume divulgado hoje em Lisboa pela Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista que, para o efeito, deu uma conferência de imprensa no edifício da Teixeira Gomes.

Para uma ideia mais exacta de quem foi efectivamente Quirino de Jesus, os investigadores transcreveram nas páginas introdutórias desse livro citações de Rolão Preto, Cunha Leal, Carlos Ferreira e Sarmento Pimentel. Uns apontavam-no como o «verdadeiro mestre de um Salazar» que não via «um palmo à frente do nariz em matéria de política económica», outros «uma eminência parda» e «inventor do Império parturejado pela sua imaginação deformadora». Aliás na opinião de Sarmento Pimentel foi exactamente a circunstância de Quirino de Jesus se haver transformado numa «eminência parda» do regime que o levou ao fim da vida - «porque deu à língua, a coisa chegou aos ouvidos de Salazar e ele morreu em condições rodeadas de mistério». Socorrendo-se de numerosos elementos e escritos da época, a comissão recorda no livro que o «teorizador do terceiro Império e do novo

ciclo africano» não fazia de resto segredo da sua cooperação «em diplomas e outros documentos básicos da ditadura».

Fernando Rosas, investigador e colaborador da Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista explicou, a propósito, que Quirino de Jesus teve na verdade um papel preponderante no modelo do desenvolvimento económico do Estado Novo, com um ascendente enorme sobre Oliveira Salazar. Aliás, quando o ditador assumiu as rédeas do poder (ainda jovem), já Quirino tinha 71 anos, circunstância essa que torna

compreensiva a atitude paternalista que sempre teve em relação a Salazar e que, segundo Fernando Rosas, «chegava a roçar a condescendência».

O volume, de 200 páginas, constitui uma revelação, sobretudo porque dá a conhecer a identificação de um homem que a história tem de algum modo ignorado ou omitido, não obstante o papel que desempenhou entre os que quiseram tornar ingovernável a primeira República e entre os que estiveram na primeira linha de combate por um Estado totalitário, porventura - de acordo com Raul Rego - o mais «hipócrita de todos quantos existiram desigualmente os nazis de Mussolini e Hitler». «Só não foi tão violento», acrescentou Raul Rego que esteve acompanhado na conferência de imprensa de José Magalhães Godinho e Fernando Piteira Santos, membros da Comissão, e Fernando Rosas seu colaborador.

PARLAMENTO QUER MAIS INFORMAÇÃO SOBRE QUESTÕES COMUNITÁRIAS

Aurea Sampaio

A Assembleia da República fez ontem o balanço deste primeiro ano de adesão de Portugal às Comunidades. Nesta apreciação, os deputados deram um ênfase muito especial à circulação de informação. E aqui, foi ouvir as queixas sistemáticas dos partidos da Oposição. Em síntese, o Governo foi acusado de «práticas secretistas» dificultando assim o exacto conhecimento da Câmara sobre aspectos fundamentais da nossa participação na Comunidade.

A importância deste aspecto não foi enfatizada por circunstâncias ligadas ao natural confronto Governo-Oposição. Na verdade, com a entrada em vigor da Acto Unico Europeu são reduzidos os poderes da Assembleia em matérias cuja competência se transfere para órgãos comunitários. Nesta medida, a comissão parlamentar de Integração Europeia elaborou um relatório - aprovado com os votos favoráveis do PS, PRD, PCP e a abstenção do PSD - que, para obviar a esta situação, prevê a criação de condições para que a Assembleia da República possa «acompanhar mais estreitamente a preparação das decisões dos órgãos comunitários com maior impacto nos interesses nacionais».

Já no final da sessão, aqueles três partidos, mais o CDS e o MDP fizeram aprovar um projecto de resolução que dá força à pretensão dos deputados de serem informados «em tempo útil» dos trabalhos preparatórios, propostas e análises quer da administração portuguesa, quer ao nível da Comissão e do Conselho das Comunidades.

Eles não estavam à espera...

Quanto ao balanço propriamente dito as atitudes fo-

ram diferentes... a começar pela própria bancada do Governo. Satisfação plena foi demonstrada pelo Ministro dos Negócios Estrangeiros, Pires de Miranda, que não poupou palavras de louvor à acção do Gabinete de que faz parte... até porque «para muita gente em Bruxelas fomos a agradável surpresa» (risos). E logo de seguida: «Não estavam à espera que demonstrassem tanta capacidade de resposta». Embaldado, o mesmo ministro pôs o acento tónico no «apreciável sucesso» de vários processos de negociação, designadamente as regras de origem nas trocas comerciais luso-espanholas e quanto aos condicionamentos da exportação têxtil.

Mais sóbrio, o Ministro do Plano e da Administração do Território, Valente de Oliveira, recusou-se a opiniões definitivas - «o horizonte temporal de um ano é demasiado curto». Este responsável governamental começou por teorizar sobre a matéria para, de seguida, tentar esmagar a oposição com números sonantes: durante este ano «Portugal viu aprovados créditos de mais 57 milhões de contos para projectos no foro do desenvolvimento regional»; no âmbito do FEDER os projectos apresentados correspondem a

um conjunto de investimentos da ordem dos 115 milhões de contos no domínio da agricultura, sendo que as candidaturas às ajudas comunitárias ascendem a uma verba de 22,2 milhões de contos.

Na linha do discurso do MNE, a posição do PSD sintetizada pelo deputado Vitor Crespo: «O primeiro ano de adesão foi bom. Basta realirmá-lo».

Já temos política agrícola

A oposição não se mostrou ofuscada com os números. O renovador Silva Lopes ao referir-se ao tom de vitória do Ministro dos Negócios Estrangeiros a propósito da existência de um saldo positivo de 30 milhões de contos nas transferências financeiras, diria mesmo existirem «razões de sobra para crer que o saldo poderia ter sido substancialmente maior se tivesse havido mais eficácia na utilização dos recursos comunitários a que Portugal teve acesso».

Este deputado apontou ainda «deficiências» no relatório que o Governo apresentou sobre este primeiro ano de integração europeia: falta de objectividade, «reservas» quanto à «natureza, eficácia e custos de muitos dos projectos financiados» pelo Fundo Social Europeu e sobretudo, «reparos na utilização de recursos destinados ao sector agrícola».

Sector que, para o centrista Soares Cruz ganhou com a adesão: é que se antes não havia política agrícola no nosso país, com a entrada para a CEE «a agricultura portuguesa passou a dispor de uma política agrícola - a política agrícola comum».

Imagine-se o que tal afirmação significa para o comunista Carlos Carvalhas

preocupado com o «desregulamento das economias da CEE a 10». E que, segundo explicou, tal desorientação criou excessos, crises sectoriais e estruturais que conduziram a determinadas políticas de retracção da capacidade de produção e, até, ao estabelecimento de quotas. E o problema de Portugal é exactamente o inverso: «há um grande défice agro-alimentar e industrial mesmo em relação ao seu consumo interno». Em síntese, defende Carvalhas, para se desenvolver Portugal precisa de aumentar, não de diminuir a produção.

Por tudo isto o deputado comunista afirmou «a exigência nacional da renegociação dos tratados de adesão».

Governo seco

Da parte dos socialistas, Jorge Sampaio, num longo discurso de 20 páginas, deu especial ênfase à necessidade de «modificações estruturais» sem as quais «a tão falada integração harmoniosa não será conseguida» o que «trará custos sociais dificilmente suportáveis». Mas quanto a isto o deputado socialista manifestou algum cepticismo. E que, na sua óptica, «o Governo está mais apostado em gerir, como pode e sabe, a crise, do que em promover as reformas de fundo de que o país carece».

E numa apreciação global da actuação do Executivo, Sampaio rematou: «(...) este ano europeu reforçou-nos a convicção de que estamos perante um Governo seco de ideias e de ideais (...)».

Realce ainda para um facto: o centrista Adriano Moreira veio esgrimir pela realização de eleições para o Parlamento Europeu este ano. Sem eco na sessão de ontem.

Decisões sobre CEE

AR quer participar

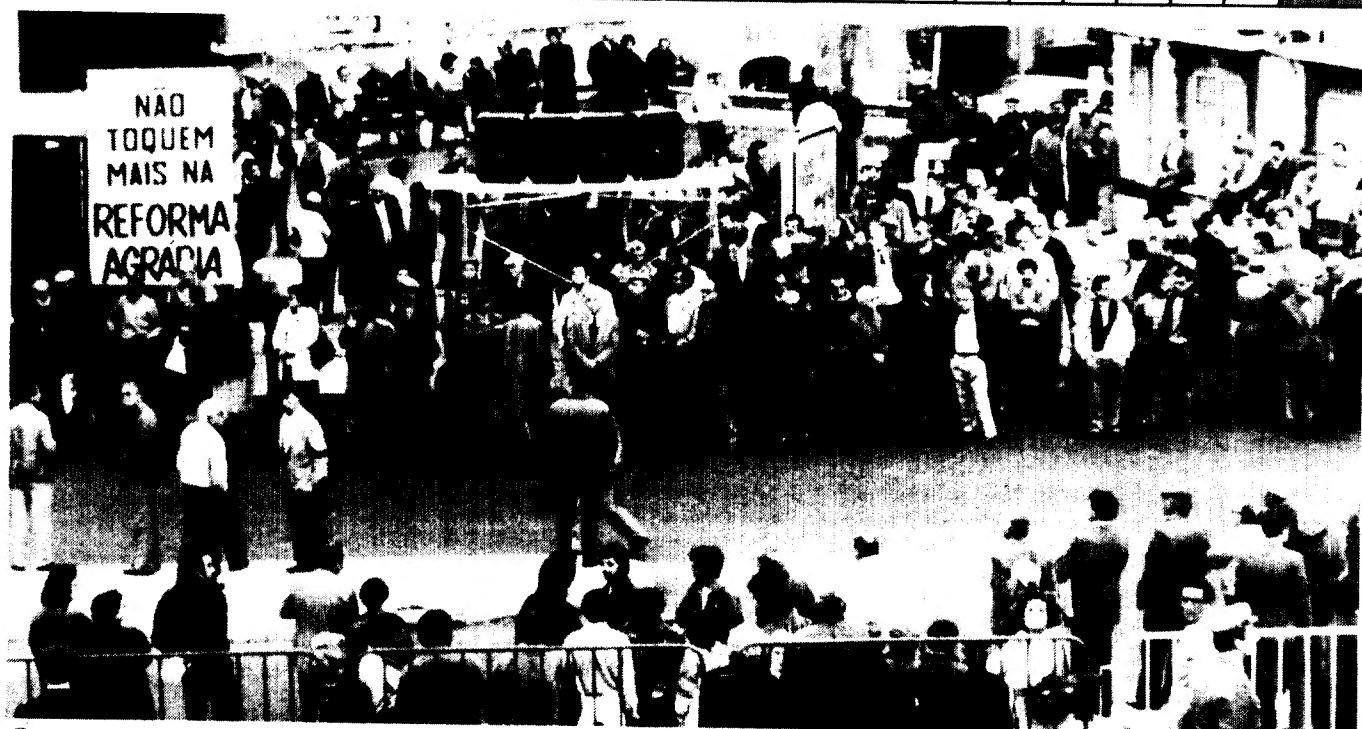
O Partido Socialista e o Partido Comunista Português apresentaram ontem, na Assembleia da República, dois projectos de lei que defendem a participação obrigatória do Parlamento nas decisões do Governo sobre política comunitária.

O texto do PS defende que o Governo consulte o Parlamento «sobre as posições a assumir nas várias instituições comunitárias, sendo tal consulta obrigatória sempre que seja solicitada pela Assembleia da República e desde que esteja em causa matéria que envolva a competência do Parlamento».

Pelo seu lado, e em termos de competência, o articulado comunista preconiza que a A.R. se pronuncie sobre «questões relativas à política da Comunidade», que acompanhe «o processo de implementação do Tratado de Adesão e as negociações dele decorrentes» e ainda apreciar a actividade legislativa do Governo que incida sobre actos comunitários».



Dois ministros, dois estilos completamente diferentes.



Punho no ar: uma constante, durante a noite, entre Vila Franca e a Portela de Sacavém (fotos de Rui Pacheco)



A população dos concelhos de Loures e de Vila Franca não faltou à chamada nesta jornada de protesto da Reforma Agrária contra o Governo

Centenas de manifestantes aguardaram, durante horas, a chegada da caravana ao Largo de S. Bento...

Marcha da Reforma Agrária não entrou em S. Bento

MAS NEM TUDO ACABOU NO RALIS

• GNR atrasou caravana ao longo de todo o percurso

A Marcha da Reforma Agrária para Lisboa não passou do ex-Ralis, unidade militar que há precisamente doze anos, hoje comemorados, entrou no processo revolucionário português e passou a constituir referência importante na história recente da nossa jovem democracia. Mas quando, ontem à noite, as cerca de oitocentas viaturas (sobretudo tractores e camionetas) entraram na Avenida dr. Alfredo Bensaúde e desfilaram perante o Regimento de Artilharia de Lisboa (actual designação do Ralis), não havia soldados à porta, nem militares de punho no ar.

Já lá vão doze anos. Nos últimos dez, os sucessivos Governos «roubaram as máquinas, as terras, o gado, e as instalações» à Reforma Agrária. Por isso, milhares de trabalhadores da Reforma Agrária vieram ontem a tempo de ir à Assembleia da República, para onde estava marcada uma concentração. Inúmeras peripécias, intercepções da GNR e da polícia, goraram esse propósito. Para entrarem em S. Bento, não contando com esses contratemplos, calcorrearam em média cerca de trezentos quilómetros.

Houve quem fizesse mais e se levantasse às três da madrugada. Por exemplo: José Guerreiro, sentado no seu tractor, da UCP, «strela de Mira», concelho de Odemira. «Vale a pena esta marcha? Então não há-de valer?», retorquiu ao repórter, em plena estrada, logo acrescentando: «Isto é uma luta para durar».

Com a mesma determinação, outros tractoristas, trabalhadores da Reforma Agrária aconchegados em camionetas de mercadorias e de transportes, gritavam bem alto: «Chegou a hora do Governo se ir embora». Um estribilho que ouvimos no troço final da Estrada Nacional n.º 10, entre Vila Franca de Xira e a Portela

de Sacavém. Aqui, a poucos metros do actual RAI (Regimento de Artilharia de Lisboa), uma força da PSP com alguns elementos do Corpo de Intervenção aguardava os manifestantes, já a noite avançava. Disseram-nos no local que haveria mais elementos do CI da PSP espalhados por Lisboa. Duas voltas até ao «relógio» não no-lo permitiram confirmar. Mas isso era o menos, porque já então a marcha fora interrompida, uma vez que quando chegasse ao Parlamento ele estaria fechado.

«Não toquem mais na Reforma Agrária»

Nem tudo correu bem para os trabalhadores da Reforma Agrária que vieram até à capital para denunciar este Governo e acusar os que o antecederam nos últimos dez anos. «O Governo não olha a meios para atingir os seus fins. Rasga a Constituição, não respeita as leis, desafia os tribunais e a Assembleia da República», dizia a convocatória da Marcha da Reforma Agrária para Lisboa, explicando as suas razões. «O ataque à Reforma Agrária é feito com a utilização de escandalosas ilegalidades, corrupção e falcaturas», acrescentava o mesmo docu-

mento com o sugestivo chamamento: «Não Toquem Mais na Reforma Agrária».

Eram quase 23 horas e, às vistas do ex-Ralis, elementos da organização da Marcha da Reforma Agrária, passavam a palavra para a caravana retornar a Vila Franca de Xira, onde se demorara bastante tempo porque a GNR procedera a nova «fiscalização», objectivamente — segundo os promotores — para atrasar a sua chegada a Lisboa. «A intenção foi desmobilizar-nos, provocar-nos, mas nós não nos deixamos levar nem intimidar», disse-nos António Casanova, da União dos Sindicatos de Lisboa (USL) perto da Covina.

Segundo ele, desde Casabres que as dificuldades postas pela GNR se avolumaram, a ponto da caravana ser obrigada a parar para que os motoristas das camionetas exibissem os seus documentos. Questionados sobre as razões de tal respondiam, univocamente, ao longo de todo o trajecto: «A nossa missão é fiscalizar».

É claro que não conseguiram desmobilizar quem já tinha no lombo — em especial os tractoristas — muitas e muitas dezenas, até centenas, de quilómetros — mas dificultaram a sua chegada em tempo útil a Lisboa. Fiscalizar era a palavra de ordem para a GNR, e não há dúvida que a cumpriram metodicamente. Porque, quando os primeiros tractores chegaram, pela estrada dita velha de Vila Franca, a EN n.º 10, à Portela de Sacavém, já a Assembleia da República tinha fechado. O largo fronteiro ao Parlamento era o seu destino, porque a AR aprovou em 6 de Janeiro

dois projectos de lei na generalidade que retiram competências ao ministro para entregar reservas, mas Alvaro Barreto — segundo os Secretários e União das UCP's/Cooperativas Agrícolas e os Sindicatos dos Trabalhadores Agrícolas dos cinco distritos da Reforma Agrária — em vez de se conter, «ainda intensificou mais as acções de destruição da RA». E o que querem os trabalhadores? Que «pare a destruição da Reforma Agrária e da produção». Nada mais.

Milhares de pessoas a partir de Vila Franca

Com eles e em defesa da Reforma Agrária se alinharam milhares de pessoas ontem à noite ao longo da Estrada Nacional n.º 10, entre Vila Franca de Xira e a Portela de Sacavém. Pessoas que não querem Cavaco no Governo e que deram vivas à Reforma

Agrária. «Cavaco para a rua, a luta continua». Mudam os chefes do Governo, não muda a política do sector, permanece a palavra de ordem, mudando apenas o nome do Primeiro-Ministro. Ouvimos, de punho erguido, com fervor nos rostos e nas palavras, muitos populares em Alverca, na Póvoa de Santa Iria («junto ao Cabanas» e antes e depois deste restaurante), em Santa Iria de Azoia (nas saídas para o Bairro da Castelhana, junto ao «Miratejo», à «Covina») e mais além, já em S. João da Talha, depois do «Benfica». Gente que veio para a rua porque os trabalhadores da Reforma Agrária se dirigiam para Lisboa.

O encontro dos trabalhadores dos cinco distritos da Reforma Agrária (Beja, Évora, Setúbal, Portalegre e Santarém) deu-se no Infantado, já com algum atraso, ontem de manhã, em relação à hora pre-

vista. Depois, os retardamentos foram-se acumulando, razão por que até à última hora ninguém sabia bem o desfecho da marcha. No entanto, às 21 horas já havia uma decisão, que José Luís, (ex-presidente da CM de Avis) deu a conhecer às portas de Lisboa: a manifestação não passaria dali, uma vez que a sessão da AR já havia terminado. A palavra correu por entre os elementos da organização (Astúcia, Areias e Vítor Carvalho). Ouvimos Vítor Carvalho que, apesar de tudo, considerou a marcha «como uma vitória». Era já noite avançada, a PSP não deixava os manifestantes entrar na Retunda do Aeroporto através da Avenida Cidade do Porto, mas havia a Avenida dr. Alfredo Bem Saúde, onde está a porta de armas do ex-Ralis, e a Avenida Infante D. Henrique, como percurso alternativo. Para Vítor Carvalho, contudo, «foi positivo. Não conseguimos chegar lá, a S. Bento, mas foi importante chegar a Lisboa».

A decisão de interromper a marcha foi tomada depois de um contacto de uma delegação da Marcha da Reforma Agrária que se deslocou à Assembleia da República. A esmagadora maioria dos manifestantes tinha já vinte horas de viagem (sem tempo para comer) e havia resistido a toda a espécie de dificuldades postas pela GNR, inclusive a integração de carros alheios à manifestação na caravana. A GNR colocou problemas de toda a ordem, como disse José Luís (do Secretariado das UCP's), sobretudo na Recta do Cabo, entre Porto Alto e Vila Franca — dez quilómetros que a caravana percorreu em mais de duas horas...

Regresso a casa esta madrugada

Regressaram a casa, esta madrugada, os participantes da Marcha da Reforma Agrária que pernотaram em Vila Franca de Xira sem se haverem manifestado junto do Parlamento — que era o seu principal objectivo.

Regressaram a casa, às primeiras horas desta madrugada, que alguns deles haviam deixado já na segunda-feira à noite. Para os tractoristas foi um calvário, porque não é fácil percorrer mais de seiscentos quilómetros em cima de uma viatura daquelas. Vieram cerca de oitocentos veículos, três centenas das quais tractores. Neles, milhares de pessoas — mas não tantas como as que se lhes deparam ao longo do percurso. Em especial a partir de Vila Franca. Houve festa na estrada.

A manifestação não chegou, ontem, ao Parlamento. Mas lá virá o dia em que os entraves de toda a maneira e feitio que a GNR ontem urdiu serão ultrapassados. Em S. Bento, onde a manifestação deveria chegar às 18 horas, centenas de apoiantes aguardavam-na. Também a PSP, que montara um dispositivo em torno da AR, isolando o palácio, com várias carrinhas do Corpo de Intervenção no local.

"HÁ NOS SERVIÇOS PÚBLICOS QUEM NÃO PRIVILEGIE A QUALIDADE"

Nuno Ribeiro

Depois da tomada de posse, os novos órgãos sociais da Associação dos Arquitectos Portugueses deram ontem uma conferência de imprensa onde revelaram as iniciativas que a AAP irá desencadear durante o corrente ano. Para além do futuro, o presente foi também focado e alvo de críticas, com Pedro Brandão, do Conselho Directivo Nacional a afirmar a propósito dos «concursos de preços», que «há nos serviços públicos quem não privilegie a qualidade».

«Há uma acção didáctica para oferecer os serviços da Associação dos Arquitectos Portugueses no acompanhamento dos concursos», declarou Pedro Brandão, respondendo a uma questão colocada pelo «DL» sobre as medidas reclamadas pela AAP em relação ao modo, método e respeito das decisões dos júris constituídos para avaliarem os trabalhos dos profissionais de arquitectura.

«Muitas vezes é a própria iniciativa privada que solicita a nossa colaboração», prosseguiu, lamentando que em Portugal «se tenha a ideia que um concurso de arquitectura constitui um risco, porque implica a constituição de um júri, e não a valorização da ideia do promotor que, em muitos casos, não tem condições técnicas para se poder pronunciar».

Por outro lado, as próprias entidades oficiais parecem reger-se, na apreciação dos trabalhos apresentados, por critérios meramente económicos, «jogando com o desemprego dos profissionais pois, de acordo com números de 1984, só 30 por cento dos arquitectos viviam exclusivamente da sua profissão». «Ao nível central está a ser preparada uma regulamentação dos concursos», referiu Pedro Brandão sublinhando «que temo-nos deparado com grandes oposições, pois há nos serviços públicos quem não privilegie a qualidade».

«Torre de Braga é ultrajante»

Paralelamente a este facto, muitas vezes, os resultados dos júris não são respeitados como ocorreu em Lisboa, por duas vezes, tendo como pano de fundo os trabalhos apresentados por arquitectos para os monumentos ao 25 de Abril e a Sá Carneiro.

A este propósito, Nuno Teotónio Pereira referiu-se ao tema, considerando «ser necessário que as entidades promotoras avancem com alternativas». «Em relação ao monumento ao 25 de Abril, em que foram intervenientes a Câmara Municipal de Lisboa e o Executivo então presidido por Mário Soares, fizemos algumas demarques para alertar o Governo para não se chegar a uma situação de facto consumado», referiu.

«No caso do monumento a

Sá Carneiro, em que são intervenientes a Câmara de Lisboa e uma comissão presidida pelo drº Fernando Amaral, presidente da Assembleia da República», prosseguiu, «fizemos a mesma coisa, mas não temos tido boa receptividade por parte dos promotores».

De acordo com os novos corpos dirigentes da Associação dos Arquitectos Portugueses, a ultrapassagem deste tipo de situações só será possível quando os concursos, e a actividade dos arquitectos, forem entendidas como factos e valores culturais, embora a declaração da AAP em Associação Pública mediante decreto-lei que já está assinado pelos Ministérios envolvidos e que irá ser aprovado em próximo Conselho de Ministros, seja também um importante passo. «A alteração permite a nossa intervenção em aspectos relacionados com a profissão, mas sem nos substituímos às autoridades com jurisdição própria», declarou Teotónio Pereira.

O presidente do Conselho Directivo Nacional da AAP salientou que a «Associação não tem capacidade para se pronunciar sobre todas as questões que surgem, porque também não convém continuarmos sempre a bater, pois isso banalizaria a nossa actuação». «Falamos sempre de casos concretos, e penso que é necessário termos mais informação, informação antecipada para podermos evitar as situações», revelou, congratulando-se com o bom eco que a denuncia da situação das Torres dos Jerónimos encontrou na opinião pública, nos meios de informação e junto das autoridades.

No caso da Torre de Braga, segundo Pedro Brandão, «a Associação dos Arquitectos Portugueses foi consultada pela Direcção Geral do Ordenamento para analisar o caso e emitir um parecer, no sentido de essa situação ser aproveitada para desencadear uma acção exemplar contra a construção clandestina em Portugal». «O caso de Braga», prosseguiu Pedro Brandão, «é demasiadamente ultrajante das exigências históricas do local, dos interesses da população, e deve ser feita uma acção exemplar no sentido de obrigar o construtor a repôr a situação de acordo com o projecto inicial, ao abrigo do plano de pormenor». Caso contrário, frisou, «vão aparecer mais atropelos aos planos e ao ambiente nas cidades».

«Não nos satisfazemos com uma política pontual»

A iniciativa de Lucas Pires e Coimbra Martins que reuniu consenso e aplauso no Parlamento Europeu tendo em vista a recuperação de zonas históricas de Lisboa foi igualmente abordada.

Segundo Nuno Teotónio Pereira «já manifestámos a nossa disponibilidade em participar, e a AAP entrou em contacto com os promotores, e já recebemos a proposta». «O nosso desejo é participar nesses trabalhos, mas há aspectos metodológicos e processuais a considerar».

De entre eles, Pedro Brandão destacou que «no caso de Lisboa há que proceder a um levantamento das situações e saber qual o âmbito desta acção, definir áreas de intervenção, definir também quem são os agentes da degradação, e determinar quais são as entidades competentes para administrarem os recursos que vão ser postos à disposição». «Paralelamente», continuou, «para as zonas históricas há que procurar instrumentos de planeamento, de gestão e de investimentos».

Sobre a possível utilização dos trabalhos entretanto desenvolvidos pelos grupos de recuperação de Alfama e Mouraria, Pedro Brandão considerou que pouco foi feito, «pois não é com um orçamento de 600 contos por ano, como foi o do primeiro para a recuperação de Alfama, que se faz um trabalho sério». «Os recursos adstritos da Câmara Municipal de Lisboa à recuperação de Alfama são insuficientes», sublinhou.

Respondendo a uma questão colocada pelo «DL», sobre a viabilidade de criação de zonas protegidas, constituindo como que ilhas dentro de um tecido urbano degradado, Nuno Teotónio Pereira revelou que «a delimitação de pequenas zonas de protecção não chega para resolver os problemas, mas pode constituir acções exemplares, e ter um efeito multiplicador para as áreas mais degradadas». «É claro, que não nos satisfazemos com uma política pontual», assinalou.

Degradação também a Norte

A situação que se vive no Norte do País foi tema para o arquitecto José Carlos Loureiro. Apoiado em múltiplos exemplos, do que o mais re-

cente e sonante será o da Torre de Braga, aquele vice-presidente do Conselho Directivo Nacional da Associação dos Arquitectos Portugueses declarou que «no Porto, os problemas são um pouco semelhantes, repercutindo-se um pouco por todo o Norte, revelando a justeza da insistência da AAP na participação dos arquitectos na vida do País».

«Quando o fazemos, não é apenas porque queremos melhorar a situação dos nossos associados, mas porque temos a noção exacta de que é aí que se pode contribuir para a melhoria do habitat, pois a Associação dos Arquitectos Portugueses está a defender o País», sublinhou.

Passando a enumerar alguns casos concretos, Carlos Loureiro revelou que no Porto existem também problemas de clandestinidade e atropelos, «talvez não com as turbulências que surgem aqui em Lisboa». «Em Viana do Castelo foi cometido um grande atropelo, há 15 anos, que prejudicou gravemente a estrutura urbana e a paisagem

da cidade», exemplificou, garantindo que «isto está a acontecer um pouco por todo o lado, em Bragança, em Chaves...».

Segundo a sua opinião, tal facto deve-se ao «desconhecimento, à especulação e a compadrios de toda a natureza», sublinhando que «a presença de técnicos especializados poderá ajudar os autarcas».

Para Pedro Brandão, «seguindo o exemplo de Lisboa, alguns autarcas estão a utilizar as mais valias, tapando com elas as suas dificuldades financeiras».

Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa

Enquanto que a AAP mantém as suas reivindicações «históricas», como a da revisão do decreto 73/73, que permitiu que indivíduos não profissionais apresentassem projectos, comprometendo a estética e levando ao desemprego dos técnicos, pois 95 por cento das construções particulares são desenhadas

sem risco de arquitectos e 65 por cento das Câmaras do nosso País dispõem nos seus quadros de profissionais competentes, não faltam planos nem iniciativas para 1987.

Deste modo, a Associação dos Arquitectos Portugueses pretende ser ouvida sobre a regionalização. «É um assunto muito importante, e vamos organizar um encontro para discutir esse problema», revelou Nuno Teotónio Pereira. «O mesmo vai acontecer com a Habitação, pois é um problema crucial da população portuguesa, no qual estamos profundamente implicados», sublinhou.

Entre as iniciativas ontem anunciadas para o ano de 1987, destaque para o Prémio Nacional de Arquitectura, a ser atribuído pela AAP, à comemoração do Ano Europeu do Ambiente ao lançamento, para breve, de um Guia Urbanístico e Arquitectónico de Lisboa, cuja importância, neste tempo de desordem urbana, é fácil de constatar.



ACÇÃO COMUM PORTUGAL/CEE
REGULAMENTO (CEE) 4.028/86



AJUDAS DA CEE PARA:

MODERNIZAÇÃO DA FROTA AQUICULTURA AVISO

Avisam-se os investidores interessados que desejem beneficiar das Ajudas no âmbito do Regulamento (CEE) n.º 4.028/86 que, a Direcção Geral das Pescas, em colaboração com o IFADAP, realiza reuniões de informação/divulgação nas seguintes datas e localidades:

Dia 12/3 — Viana do Castelo — Aveiro — Peniche — Sesimbra — Portimão.

Dia 13/3 — Póvoa do Varzim / Vila do Conde — Figueira da Foz — Lisboa — Setúbal — Olhão.

Dia 14/3 — Matosinhos — Aveiro — Peniche — Sines — Vila Real de St.º António.

Dia 15/3 — Póvoa do Varzim / Vila do Conde — Figueira da Foz — Nazaré — Sesimbra — Tavira.

Local das reuniões: Serviço de Lota e Vendagens, pelas 15 horas.

O FUTURO DE VÍTOR JORGE DEPENDE DO EXAME PSIQUIÁTRICO

Os interrogatórios e julgamento de Vítor Jorge, autor dos crimes da Praia do Osso da Baleia e do Casalito, locais situados na área de Leiria, vão ficar condicionados aos resultados de exames psiquiátricos que as autoridades judiciais vão solicitar. Estes exames têm em vista determinar a possível inimizabilidade do alegado assassino bem como decidir de eventuais prejuízos agravantes para a sua sanidade mental.

Segundo alguns clínicos que se estão a debruçar já sobre a personalidade de Vítor Jorge, não se trata de um psicopata, doença de carácter, mas de um esquizofrénico numa fase já crepuscular de que nunca mais recuperará. Os peritos designam-a por cancro branco, dado que não é previsível a cura.

Nestas condições e durante a fase de instrução processual, os interrogatórios do réu estarão prejudicados e o julgamento dependerá na-

turalmente do juiz perante as conclusões dos peritos médicos. O relatório médico não é vinculativo mas o magistrado terá de o levar em conta antes de tomar uma decisão.

Assim, Vítor Jorge poderá ver o seu julgamento adiado indefinidamente e mantido preso em anexo psiquiátrico como medida preventiva. Mesmo a realizar-se o julgamento e cumprida a eventual pena, pode o internamento prolongar-se como medida de segurança.

Outro tema que tem levantado alguma polémica prende-se com o princípio de territorialidade: qual o tribunal que tem competência para efectuar o julgamento?

Note-se que Osso da Baleia, onde o maior número de crimes foi cometido, pertence à comarca da Figueira da Foz, e o lugar onde se praticaram os últimos foi apontado como sendo Amieira, comarca da Marinha Grande. No entanto determinou-se que os homicídios da mulher e da filha foram consumados no lugar de Casalito, já na comarca de Leiria, pelo que tratando-se de crime continuado deverão os magistrados decidir por esta última comarca como a competente para conhecer de toda a matéria e proceder ao julgamento ou apreciação final do caso.

Mário Castrim



Este mundo, caramba! Já não há respeito, já não há nada. E é que eu não sei mesmo onde isto vai parar. Pessimismo? Qual quê, manos. Pura observação da realidade. A gente lê jornais, vê televisão, olha à volta de si — e fica desanimado. Não há leis, não há regras, não há educação, uma tristeza. Talvez noutros tempos também não houvesse, enfim. Mas notava-se menos, não era? Fazia-se tudo como hei-de dizer, fazia-se tudo com mais arte.

Estou assim como estou por vários motivos em geral e por um em particular.

Na América do Sul (como o mundo é pequeno!) durante um jogo oficial de futebol, um jogador disse qualquer coisa ao árbitro, segundo parece disse-o até de forma pacata, género «o que você é, é uma besta».

Que faz o árbitro? Pois, senhores, não está com meias medidas. Podia puxar do cartão amarelo, podia até puxar do cartão encarnado — mas, em vez disso, puxou de uma faca.

Em menos de um relâmpago, o jogador viu-se caído na relva, completamente obcecado pela morte, com sete facadas qualquer delas decisiva. Ainda o levaram para o hospital, mas o resultado estava feito.

Vejam só, meus amigos, onde a paixão pode levar. Eu digo-o já, para evitar qualquer especulação e qualquer atrito com a comissão dos árbitros, nada tenho contra tão digna classe. Admiro-os profundamente, pois um apito assim era instrumento que eu não teria nunca no meu arsenal.

Mas não posso deixar de condenar a acção do árbitro da nossa história. Aquilo não se faz. Um árbitro, antes de ter mão nos jogadores, deve ter mão em si próprio, dominar-se, cultivar a serenidade até ao Nirvana. Deve ter a consciência do seu lugar no espectáculo. Se não...

...Se não, acontecem coisas tão lamentáveis. Que é que vai acontecer? O jogo vai ter de repetir-se, não se sabe quando, com prejuízo dos clubes e dos adeptos!

Não. O campeonato não pode estar à mercê de árbitros tão irresponsáveis.

Dragagem no Guadiana

começa em Maio

A direcção-geral de Portos anunciou hoje à Câmara de Vila Real de Santo António que a operação de dragagem do Guadiana se iniciará em Maio, disse uma fonte daquele município.

A operação, que irá ser efectuada pela empresa pública «Dragaport», vai tornar mais fácil a navegação naquele rio, actualmente condicionada ao movimento das marés.

Limpeza de praias

pedida a Carlos Pimenta

A Liga dos Amigos de Setúbal e Azeitão entregou ao secretário de Estado do Ambiente e Recursos Naturais, Carlos Pimenta, um documento solicitando a limpeza das praias entre a Albarquel e Comenda.

O documento solicita «a limpeza daquelas praias, as verdadeiras e mais populares de Setúbal, cujo estado de ocupação e conservação as torna incapazes de servirem como locais de lazer da população em geral».

A LASA pediu ainda ao secretário de Estado que «seja elaborado um plano de utilização da Arrábida coerente com o meio a preservar e o lícito desejo da sua fruição».

Clandestinos de Albarquel

demolidos até ao Verão

As casas clandestinas da Praia de Albarquel, em Setúbal, serão demolidas até ao próximo Verão — disse o vereador Frederico Nascimento, do pelouro de Urbanismo e Habitação da Câmara Municipal de Setúbal.

Aquele autarca disse que as cerca de 50 construções clandestinas da Albarquel irão ser demolidas em colaboração com a Secretaria de Estado do Ambiente e que tal acção «faz parte do plano de aproveitamento geral e integral da costa, desde a Arrábida até Albarquel».

Frederico Nascimento disse ainda que «em Agosto próximo estará em discussão pública o anteprojecto de recuperação da zona degradada da Arrábida».

«Queremos a participação de representantes culturais e organismos de ambiente a fim de que haja uma profunda discussão sobre o que deverá ser a Arrábida e que tipo de turismo se irá implementar» — disse aquele vereador.

Incêndios florestais:

Necessária colaboração entre bombeiros e investigadores

A necessidade de intercâmbio e colaboração entre os serviços ligados à prevenção e combate dos incêndios florestais e os investigadores científicos foi defendida pelos promotores de um curso de meteorologia aplicada aos incêndios da floresta, ontem iniciada em Coimbra.

A iniciativa foi organizada pelo director do Centro de Mecânica dos Fluidos da Faculdade de Ciências e Tecnologia, professor Domingos Xavier, que desde há algum tempo vem procedendo a investigações dentro deste âmbito.

«É imperativo — disse — para quantos têm de lidar com este problema, dispor de um conjunto de conhecimentos sobre os fenómenos meteorológicos, em particular os que mais favorecem o início e desenvolvimento dos incêndios».

É o primeiro caso de SIDA

nos Açores

É um emigrante no Canadá o primeiro caso de suspeita de SIDA detectado nos Açores.

O doente foi transferido do Hospital de Ponta Delgada para Lisboa, a fim de ser confirmado o diagnóstico de Síndrome de Imunodeficiência Adquirida.

Também a companhia deste emigrante açoriano, com idade compreendida entre os 30 e os 40 anos, foi enviada para o Hospital Egas Moniz, por poder ter sido afectada nos seus contactos com o indivíduo.

Subsídios de incêndio para Castelo Branco

Os trabalhadores rurais de seis dos onze concelhos do distrito de Castelo Branco vão receber do Governo Civil cerca de 30 milhões de escudos em subsídios de menorização dos efeitos negativos dos incêndios florestais ocorridos o ano passado, naquela região.

As verbas a distribuir abrangem os concelhos de Penamacor, Vila do Rei, Sertão, Proença-a-Nova, Fundão e Castelo Branco, e incidem sobre os produtores que têm a floresta como única fonte de rendimento.

Bombeiros de Lamego ganham prémio

Com a apresentação de um filme em vídeo registando a extinção de um incêndio na torre mais alta de Lamego, um

edifício com 21 andares, os bombeiros voluntários daquela cidade obtiveram o primeiro prémio de um concurso internacional de vídeo sobre prevenção e extinção de incêndios decorrido em Badajoz, na vizinha Espanha.

A operação foi feita em simulacro, e nela participaram 15 viaturas, 87 homens e um corpo feminino de bombeiros. No certame participaram 40 filmes, em representação da Espanha, França, Estados Unidos, Alemanha Federal, Canadá e Inglaterra.

Realizado em Maio do ano passado, o vídeo da corporação de bombeiros de Lamego, única representação portuguesa presente no concurso, incluía a demonstração de uma equipa de «rappel» — um exercício de evacuação de feridos e salvamento de bombeiros em acção, muito apreciado pelo júri.

"Daily Telegraph" comenta trabalho infantil português

Já é comentado no estrangeiro a existência de trabalho infantil em Portugal. Na sua edição de ontem, o jornal britânico «Daily Telegraph» anunciou como «prática habitual» o trabalho infantil no Porto, Braga, Viseu, Aveiro e Viana do Castelo, contribuindo decisivamente para o sucesso das exportações de têxteis e calçado português.

A fonte contactada por aquele jornal foi a Inspecção de Trabalho, que recentemente visitou algumas dezenas de fábricas no Norte do País, após ter sido informada de que crianças entre os 9 e os 14 anos trabalhavam 15 horas por dia ganhando apenas entre 5600 e 9400 escudos por mês.

No artigo do «Daily Telegraph» diz-se que as crianças têm como tarefa coser sapatos e artigos de vestuário, o que fazem em garagens e caves sem as mínimas condições para serem usadas como locais de trabalho. Para impedir o tempo de descanso da hora de refeição, acrescenta o articulista britânico, os empregadores das crianças dão-lhes uma sopa, que é ingerida rapidamente.

ARTIGO DE FUNDO

Quando atraca no porto da Horta, Açores

EXPLOÇÃO NA CORVETA "ANTÓNIO ENES" FAZ 4 MORTOS, 10 FERIDOS E 2 DESAPARECIDOS

● **Marinheiro internado em S. José continua em estado grave**

Continuava esta manhã hospitalizado em S. José, no serviço de cuidados intensivos, o marinheiro João Cristo, transportado esta madrugada de urgência para Lisboa depois de ter recebido graves ferimentos na explosão que ontem ocorreu a bordo da corveta «António Enes», quando entrava no porto da Horta, Açores. O acidente — está excluída a hipótese de sabotagem — provocou ainda quatro mortos, 10 feridos e dois desaparecidos.

A explosão ocorreu na zona da popa da «António Enes» quando, ao fim da tarde de ontem, no final de uma operação rotineira de fiscalização nas águas territoriais dos Açores, regressava à ilha do Faial, preparando-se para atracar ao porto da Horta. Até ao fim da manhã desconheciam-se as causas da explosão, que provocou um incêndio naquela zona do navio, embora o mesmo tivesse já começado a ser inspeccionado por peritos da marinha.

Um rebocador britânico e oito embarcações locais acorreram em auxílio da corveta, ajudando-a nas operações de acostagem. Um primeiro exame da zona atingida levantou dúvidas sobre se a explosão teria sido originada no paiol da popa ou na casa das máquinas do leme, propagando-se ao paiol. Já esta manhã, contudo, os primeiros exames demonstravam que o paiol estava intacto e que era pouco provável que a explosão tivesse sido consequência da activação da máquina do leme para

a manobra de atracagem.

A explosão foi muito forte, tendo estilhaçado parte da popa do navio e fazendo-se ouvir na cidade da Horta, da qual se podiam também observar as chamas que saíam da «António Enes».

Quatro homens morreram imediatamente e 10 outros sofreram ferimentos, enquanto dois eram (e continuam a ser) dados como desaparecidos. Ao que se julga, as vítimas encontravam-se no convés no navio, por cima do local onde ocorreu a explosão.

Os mortos são o 2º tenente Francisco Vicente da Rosa, o 2º grumete fuzileiro Mendes, o 1º marinheiro Roberto Matos Arruda e o 1º marinheiro Júlio Correia Marques.

Quanto aos dez feridos, seis continuam internados no hospital da Horta — os grumetes Paulo Garrido, Fernando Santos, Francisco Bogas, Jorge Caeiro e Fernando Dias e o marinheiro José Oliveira — sofrendo de queimaduras do segundo grau e

apresentando, alguns, estilhaços no corpo; os outros quatro, João Cristo veio de emergência para Lisboa, em estado de coma, sofrendo de traumatismo crânio, e os restantes três tiveram de imediato alta: os cabos Honorato Martins e Leopoldino Silva e o grumete Mário Coelho.

Desaparecidos encontram-se ainda o 1º marinheiro artilheiro Domingos do Nascimento Raposo e o grumete, também artilheiro, Paulo de Almeida Castelhamo.

Dos feridos, João Cristo é o único que se encontra em estado crítico. Um relatório emitido hoje de manhã pelo hospital de S. José indicava que João Cristo estava «politraumatizado» e ligado a um sistema de respiração mecânica.

Na Horta não havia condições para o assistir, pelo que foi transportado, num Aviocar, para Ponta Delgada, onde o avião da carreira da TAP atrasou três horas a sua partida a fim de o transportar para Lisboa.

No aeroporto da capital uma ambulância da marinha aguardava a sua chegada, tendo-o transportado de imediato para S. José, onde deu entrada cerca das 4 horas da madrugada.

Estado Maior avisa as famílias das vítimas

A revelação da identidade das vítimas foi atrasada algumas horas pelo Estado Maior

da Armada — que antes das 10 horas da noite já tinha conhecimento de todos os nomes — a fim de que dois oficiais, destacados para o efeito, tivessem tempo de avisar pessoalmente as famílias das vítimas, muitas das quais residentes na margem sul. Ao mesmo tempo e relativamente às famílias que vivem fora da área da capital, eram expedidos telegramas assinados pelo chefe do Estado Maior da Armada, almirante Sousa Leitão, enquanto outras foram contactadas telefonicamente.

Nos Açores, entretanto, o comandante naval, almirante Pereira Leite, acompanha-do por um oficial engenheiro maquinista naval e pelo comandante do porto da Horta (ausente na altura do acidente) seguiram imediatamente para a ilha do Faial.

Poucos desastres na Armada

Desastres como este, têm sido muito raros em navios de guerra portugueses.

Desde o fim da guerra colonial, só há memória de um outro acidente grave em 1976, quando um sargento morreu em consequência do abaloamento de um navio patrulha por um arrastão, ao largo da costa do Algarve.

Fora disto, tem havido alguns acidentes menores, nomeadamente princípios de incêndios, mas sem vítimas mortais.



A corveta «António Enes» quando era lançada ao mar

TECTO
COOPERATIVA DE HABITAÇÃO ECONÓMICA, C.R.L.
Rua Prof. Luís Reis Santos, 5
1600 LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 21.º dos Estatutos e do n.º 2 do Art.º 42 do Código Cooperativo, convoco a Assembleia Geral da CHE TECTO, para uma reunião ordinária, que se realizará no dia 27 de Março de 1987, pelas 21 horas, no Bloco G3/4 — Rua Prof. Delfim Santos, em Lisboa, Telheiras, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

PONTO ÚNICO — Apreciação e votação do balanço, Relatório e Contas e Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1986.

Lisboa, 6 de Março de 1987

O Presidente da Assembleia Geral
António Miguel Pereira Soares

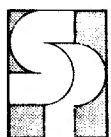
CONVOCATÓRIA

A pedido da Direcção, convoco a Assembleia Geral da CHE TECTO para uma reunião extraordinária a realizar no dia 27 de Março de 1987, pelas 21 horas e 30 minutos, no Bloco G3/4 — Rua Prof. Delfim Santos, Lisboa — Telheiras, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Informações;
- 2 — Admissão de novos Cooperadores;
- 3 — Demissão de sócios com quotas em atraso;
- 4 — Atribuição do Fogo T3 do Bloco 3-2D
- 5 — Resolução da cobertura das cozinhas.

Lisboa, 6 de Março de 1987

O Presidente da Assembleia Geral
António Miguel Pereira Soares



SINDICATO
DOS
PROFESSORES

ZONA
SUL

ASSEMBLEIA GERAL DESCENTRALIZADA CONVOCATÓRIA

Convoca-se a ASSEMBLEIA GERAL DESCENTRALIZADA, ao abrigo do Art.º 111 ponto 4.2. dos Estatutos do S.P.Z.S., a realizar no dia 23 de Março de 1987, pelas 18 horas, com a seguinte O.T.:

1. Acção reivindicativa: proposta de calendário de luta incluindo Greve de dois dias (26 e 27 de Março).
2. Discussão e Aprovação do Relatório e Contas de 1986 e Orçamento para 1987.

Os locais em que decorrerá a Assembleia Geral Descentralizada serão oportunamente indicados.

Évora, 5 de Março de 1987

O PRESIDENTE DA MESA DA
ASSEMBLEIA GERAL
(Dr. Jorge Araújo)



SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA

PRÉMIOS

«NUNES CORREA VERDADES DE FARIA»

Em cumprimento da disposição testamentária do benemérito Enrique Mantero Belard, a Misericórdia de Lisboa instituiu e dá público conhecimento do resultado do concurso de atribuição dos Prémios «Nunes Correa Verdades de Faria», relativos a 1986.

O Júri do concurso deliberou a conceder com Esc.: 350 000\$00 (conforme se previa no aviso oportunamente divulgado), cada um dos seguintes candidatos:

- **Maria da Graça Pinto Braga Heitor Catarino (Nina Catarino)**, presidente da Direcção da Associação das Obras Assistenciais das Conferências Femininas de S. Vicente de Paulo — pelo cuidado e carinho dedicado em toda a sua vida às crianças, jovens, famílias e sobretudo idosos desprotegidos;
- **Departamento de Geriatria da Universidade Internacional da Terceira Idade** — pela actividade desenvolvida no âmbito do progresso da medicina aplicada às pessoas idosas;
- **Fundação Portuguesa de Cardiologia** — pela divulgação em larga escala dos conhecimentos científicos que permitem o tratamento preventivo das doenças crónico-degenerativas que são causa principal de mortalidade na população portuguesa, designadamente a mais idosa: as doenças cardiovasculares.

BORRAS DE VINHO

Rui Eduardo Paes

A taberna do senhor Agostinho é das mais antigas e inalteradas das que existem pelo Bairro Alto. Inclusive os seus clientes regulares continuam os mesmos há já várias décadas. As novas faunas que foram invadindo o bairro não param lá os pés, ao contrário do que vai acontecendo noutras tascas. Antiga carvoaria, é dos pouquíssimos lugares mágicos que restam neste canto de Lisboa, e é essa a verdade.



Foi um grande fadista, é um homem que a morte conhece

Não sei se a melancolia é uma das propriedades do vinho. Porque o esmaecimento parece não vir da ordem do efeito, está preso às coisas, não é condição do olhar. A iluminação da tasca, por exemplo, tão débil e amarelecida como é.

Tinha acabado de sair a revista «Élan», comprei-a e fui desfolhá-la para lá, encostado ao balcão. Alguém empergaminhado espreita-me pelo ombro: «Oh, que noite bem passada. Tão quentinha. E este Inverno que está tão frio!»

Mas depressa as expressões mais líbricas se silenciam, pois os diálogos suscitados passam a versar os rigores dos meses inverneiros. Todos começam a falar do tempo, lamentando-se e à ciática. Esta gente já entrou no fulcro das coisas, dos elementos, digamos, e sente-os como absolutos. As mulheres ficaram de fora, mais os jogos que inspiram.

Vinho-sinal

Peço um penalti. Copo alto e esguio, cheio do tinto até às bordas, e bebo-o lentamente. Vou ficando. Mas depressa percebo da minha condição à parte, porque mais ninguém bebe de copos tão grandes como o meu. Os dos outros são bem mais reduzidos, e para mais os clientes da taberna pedem só metades.

Agora percebo por que é que o taberneiro me perguntou se eu preferia do «especial». Os consumos ali estão no domínio das posses, que são reduzidas e apenas redutíveis a dedais de vinho.

Penso que o alcoolismo destes homens demorou a vencer mais anos do que em casos humanos mais providos, e somente três goles são o bastante para o manter. Daí que o resíduo, o excesso esteja sobretudo significado. O vinho como produto representativo. E por isso enigmático.

Mas são também os cigarros. Ninguém compra maços fechados. Adquirem-se dois, quatro, seis, porventura um apenas, consoante a imediatez das vontades. Entram e saem fuzadamente os praticantes deste comércio avulso, raparigas melancólicas — lá está! — que se sabe terem-se vestido por mera apresentação ao

emprego e agora voltam e preparam-se para outras vidas.

Como vejo, os decilitros de vinho e o número de cigarros explicitam o que há de mais social: são indicativos. Nesta taberna vêm beber e mastigar sandes de torresmos todos aqueles que vemos a pedir nos «snacks» do Bairro Alto. Em meio uma disputa daquelas, em que a banalidade atinge as raízes do precioso, ouço um remate moral: «Não se deve gozar com os taberneiros nem com os pedintes.»

Ora, pois então. O taberneiro é um homem de poder, naquilo que numa tasca há de mais essencial no poder que se tenha: o fiar e o oferecer («toma mais uma pinga e gira para casa que já chega por hoje»). E o pedinte é aquele que tem como destino o receber. É o oferecer e o receber como vivências que unem os percursos de dois sujeitos que se olham de cada lado de um balcão.

Onde se fala de Max Von Sidow

Converso a um canto com um amigo poeta. Falamos sobre o velho cinema mudo e vamos por aí fora. Enquanto ele tenta lembrar-se do nome de um actor das suas preferências, levanto-me e peço uma conserva qualquer para acalmar o vinho. «Sabe, aquele actor muito branco...»

— Max Von Sidow!

Atira-me, de lado. Mas um dos bebedores julga que é consigo. «Não entendo essa linguística, não falo estrangeiro. Para que que você vem dizer essas coisas práqui?»

— Eu cá não cuspo na minha bandeira. E adoro o meu hino, é lindo. Para mim só a linguística portuguesa, sou português e vivo em Portugal, só isso é que me interessa. Onde é que é você?

— Eu? Eu sou de Alfama.

— Ná. Não acredito. O nome do

bairro vem no bilhete de identidade? —... Oiça, não costuma dar confiança a quem se acredita no que digo se eu mostrar o meu bilhete de identidade!

Comentário de um expectante sentado, homem de uns 70 anos, barba branca de uma semana: «Olha o cabrão do rapaz!»

De repente lembrei-me, nem mais, de Salazar. De Salazar e do nacionalismo lusitano, do isolamento pátrio, a exaltação da raça portuguesa, «essa raça de descobridores e homens do mar». Não, nada disso morreu ainda. Nesta tasca Portugal tem as dimensões do mundo, e é assim que tem de ser: são os geometrismos emotivos do espaço. No pequeno se pode encontrar perfeitamente o grande. Nem sequer é uma questão de equivalências, mesmo que da ordem do místico. É literalmente isto: o grande cabe no pequeno, porque só por ele pode ser inteligido. A grandeza de Portugal foi e continua a ser uma ideia ou de fracos ou de medíocres, de pequenos portanto. Ao contrário do muito que se tem insistido, a base do fascismo português esteve socialmente sustentado na gente parca e destituída.

Altruísmo

O cabo-verdiano é o único que come. Pedacos de uma morcela cozida e uma carcaça ao lado. No fim dois dedos de conversa. Depois procura nos bolsos uma moeda de 25\$00. Não tem, troca outras com a precisa: o patrão já está preparado para eventualidades como esta.

Põe a moeda na «juke-box», escolhe um fado de Ada de Castro. A canção começa a ele sai da taberna. Meu Deus, o que é este gesto senão puro altruísmo? Põe música não para si mas para os outros e vai-se embora. Que sentidos íntimos isto tem? Mensagem? Recado? Partilha simbólica, com a sua saída a querer dizer algo em intenção inversa? Digamos que são estranhos os desígnios dos homens.

A magia e as varizes sangradas

O inebriamente faz-nos pensar mais rapidamente. Há quem julgue que ficamos mais argutos, mas não é bem isso. Se somos mais inteligentes quando bebemos, ou pelo menos temos a ilusão disso, é muito simplesmente porque pensamos mais rápido. E atenção: ao entarmelarem-se as palavras, ao esquecer-se o que se ia dizer não é porque o vinho limpa, mas porque somos tão rápidos no pensar que a fala, e até a formulação de antes da fala, fica inevitavelmente para trás.

Temos esse toque especial quando bebemos como quando sonhamos e depois, se acaso restou algum por menor na memória, parece-nos incrível que tal tenha acontecido. «Superei-me», pensamos.

Usam-se as expressões que noutras alturas nem fazem parte do nosso repositório, fazem-se raciocínios acrobáticos, brilhantes, geniais. Estamos inspirados. Mas o frio do mármore da mesa, ou outra coisa assim tão sem nada a ver com nada, como que nos acorda para a realidade sem



magia alguma. E o super-ego que põe-se alerta e retém o que já transbordava e o velho bêbado repara finalmente que tem a perna ligada porque de manhã foi ao posto para mais um tratamento às varizes sangradas.

E dói-lhe. Há pouco perguntaram-lhe o que ele tinha na perna. Gracejou, mudou de conversa. Naturalmente, pois naquele momento ele encontrava-se fora da realidade, ou dizendo de um modo certamente melhor, a realidade estava fora dele, e a perna não era sequer sua.

Mas quando lhe dói, ou seja, quando regressa do universo mágico, a solução é-lhe imediata: mais um copo de vinho.

Fados

Aqui discute-se sobre fado. Política? Corneamentos? Custo de vida? Doenças? Não, sobre fados. Ou melhor: sobre quem os canta e quem os toca, porque o fado em si não é coisa que se pegue com ambas as mãos, não é duro nem mole nem nada. É, isso sim... um sopro, e sobre tal o que pode ser dito?

Discute-se, portanto, a propósito de fadistas. Não o Carlos do Carmo ou a Amália Rodrigues, gentes de outros firmamentos. São moradores do Bairro Alto, cantantes e guitarristas de taberna, amadores, que servem de tema aos diálogos. «Pá, o gajo perdeu a voz, coitado.» «Nada disso, ele nunca a teve, diz antes. O Almeida é muito melhor.» «Eu gostei quando ele cantou no outro dia, não vi grande mal.» «A mulher é que o anda a pôr assim, só lhe traz trabalhos a megera.»

Esses acidentes que compõem a vida são finalmente postos no seu estado irreversível de ornamentos. Pronto, o nosso fadista tem uma mulher que o faz beber, mas a história surge na sequência, quando o que está em questão é concluir dos dotes do citado. As nossas propriedades — é essa a linha de pensamento — lixam as nossas características: o que se liga a nós pode destruir ou enaltecer o que somos.

Uma maldição do princípio dos tempos

«A minha mulher, coitadinha, nem é má de todo. Há piores, porra. Mas no outro dia ela fez-me uma que eu tive de lhe dar com a fivela do into. Filhas de uma cabra! As mulheres são assim, o que se há-de fazer. Pu-la de molho du-

rante vinte dias. Até tive que ir à farmácia comprar um pó... não me lembra agora o nome... para pôr nas feridas. As mulheres têm é que ser postas na ordem, de vez em quando precisam de levar uma tarefa, tem de ser.»

Tem de ser. Por debaixo das palavras há a suficiência dos pesares. Bater chega-lhe como imposição, é um comportamento, sim, mas com todo o determinismo das filosofias de vida que, se bem que não o consciencializando, integram como que uma maldição partida do princípio dos tempos.

A caixa de serradura

Beber o vinho daqui é um pouco como ir glosando a morte. De modo tortuoso, no entanto, pois o tempo encontra-se suspenso neste recinto. Tudo tem um sacralizado aspecto de velho e antigo, a madeira dos pipos, os bancos, os homens. Mas esse tudo indica que foi sempre assim, simplesmente esta tosca nunca pôde parecer outra coisa, vem dos tempos.

O que incomoda mais a este nível ainda é a caixa de serradura que se encontra à entrada. Não somente pelas alusões que sugere, dos anos em que era costume geral do Bairro Alto espalhar a serradura pelo soalho das casas porque para aí se cuspiam. Não. Sobre tudo porque é uma sobra, não cumprindo a menor utilidade que agora tem, a de ajudar o taberneiro quando limpa a loja na hora de fechar.

É isso, o taberneiro não precisa de tanta serradura, porém nunca a deixa chegar sequer a meio. Todo o esvair a que se assiste é revitalizado, volta ao princípio de um ciclo, e assim se perde a idade específica destas paredes e deste chão. Não tem nada a ver com 1987, nem teve com 1977, nem com 1967. Aqui exalta-se o «tem de ser», como se fosse um templo pagão em que a morte é deusa.

E deusa precisamente porque não chegando a morrer o que por aqui paira a morte se transforma na própria vida. Sei que alguns destes bebedores não têm mais que alguns meses, e com sorte anos, para queimarem neste mundo. Quando tal acontecer e eles forem enterrados continuarão a beber na taberna, porque desde sempre o fizeram.

Apetece-me acreditar até que um ou outro deles já morreu há muito, são fantasmas. Cinzentos, macilentos, hesitantes nas suas forças me aparecem, guardando consigo uma verdade essencial que me escapa. Talvez por isso, não me vêem.

Portugal vai ter equipamento de ressonância magnética

Quem necessita, no nosso país, de ser examinado por meio de um aparelho de ressonância magnética, sabe já que a única hipótese que se lhe depara é o recurso ao estrangeiro, no menos uma ida a Espanha. E para isso é preciso algum dinheiro em caixa.

Contra isso, quinze médicos radiologistas e neuroradiologistas juntaram-se e consideraram que existem finalmente condições clínicas para montar em Portugal este tipo de equipamento. Desde 1981 que esperam o desenvolvimento desta nova tecnologia e pensam chegada a hora.

Um equipamento de ressonância magnética, que é, adiante-se antes do mais, um sistema computadorizado, proporciona estudos anatómicos e funcionais do corpo humano sem intervenção de quaisquer radiações ionizantes, apenas pela utilização de campos magnéticos. O diagnóstico faz-se pela imagem, e por exemplo o estudo de artérias e veias já não implica a utilização de contrastes, ou seja, o paciente não tem de levar uma injeção previamente.

Dois dos maiores activistas do projecto de instalação em Portugal do aparelho de ressonância magnética, que está orçado em algumas centenas de milhares de contos, são o doutor Cruz Maurício, da ala de Tomografia do Hospital Egas Moniz, e o doutor Eduardo Medina, também daquela instituição hospitalar e servindo ainda no Hospital Psiquiátrico Júlio de Matos.

Ambos nos dizem haver patologia que só pode ser estudada por este equipamento, o que o coloca para já numa situação complementar aos exames por tomografia, um outro sistema computadorizado, embora recorrendo ainda a radiação de que o Hospital Egas Moniz dispõe. E, a prazo a ressonância magnética propõe-se numa perspectiva já substitutiva.

Neste momento envidam-se esforços para encontrar o terreno onde será montada, em Lisboa, a nova aparelhagem médica. A iniciativa é de cariz privado, com investimentos sobretudo privados e garantidos fundamentalmente pela própria empresa que produz o equipamento: a General Electric. Mas, dizem-nos Cruz Maurício e Eduardo Medina, conta-se nesta matéria com a boa vontade dos serviços estatais de saúde.

Deu ontem posse à CI do Hospital de Faro

BELEZA QUER MATERNIDADES "DEVIDAMENTE EQUIPADAS"

A maternidade do Hospital de Lagos vai ser desactivada, como o «Diário de Lisboa» oportunamente noticiou, constituindo um dos vários pontos da rede hospitalar algarvia que a ministra da Saúde abordou ao discursar na posse dos novos membros da Comissão Instaladora do Hospital Distrital de Faro. Leonor Beleza defendeu abertamente a necessidade de racionalização dos serviços de obstetrícia nos hospitais e a implementação de maternidades convenientemente equipadas.

Para Leonor Beleza, as maternidades devem servir áreas geográficas que garantam um número de partos acima dos 1 500/ano. É este o número estipulado pelo seu Ministério como mínimo de garantia da segurança e qualidade dos serviços de uma maternidade.

Os hospitais com serviços de obstetrícia que não atinjam esse número, terão de ser desactivados e as parturientes «desviadas» para maternidades dentro dos parâmetros definidos,

«onde o risco será sempre menor», frisou a ministra da Saúde.

Com esta decisão, considerou Leonor Beleza, Portugal diminuir a mortalidade infantil por via do parto, «mas não podemos continuar a permitir que morram crianças à nascença, só porque as pessoas não compreendem que mais vale uma assistência segura, numa maternidade dimensionada, mesmo que tenham de percorrer mais alguns quilómetros.

A ministra da Saúde referia-se, como acima se diz, ao caso (particular) do Hospital de Lagos, cuja maternidade vai ser desactivada por ali não se realizarem mais que 400 partos por ano, passando a ser utilizado, futuramente, o Hospital de Portimão.

Entretanto, Beleza manifestou o seu «total empenhamento e apoio» na nova comissão instaladora do Hospital Distrital de Faro.

A titular da Saúde sublinhou

em Faro que apoiará «sem reservas» a nova equipa dirigente, exigindo em contrapartida ao Hospital um esforço «mais intenso» que o desenvolvimento nos restantes do País.

A ministra da Saúde considerou que o Hospital de Faro tem de ser «um pólo essencial nos cuidados de saúde na Região Sul», mas a «situação de precariedade» que tem vivido impediu, até agora, a concretização desse objectivo.

Leonor Beleza admitiu, por outro lado, que o Hospital de Faro tem capacidades técnicas e meios humanos para vir a ser considerado, no futuro, uma unidade do nível 4 (Hospital Central), tendo em conta que está inserido numa região de grande densidade populacional que ultrapassa, na época de Verão, um milhão de habitantes.

A Comissão Instaladora do Hospital é presidida pelo cirurgião Mário Silva e tem como vogais os clínicos José Gago Leiria, Daniel Vieira da Costa,

Carlos Gil Carvalheira, Bertrand Brás, a enfermeira Élia Cabrita Gomes e o gestor administrativo Manuel Fernandes Malaquias.

O novo presidente do Hospital de Faro revelou, entretanto, que existe um subaproveitamento das capacidades de funcionalidade dos serviços daquele estabelecimento de saúde, nomeadamente no bloco operativo e consultas externas.

Mário Silva manifestou a intenção de manter a funcionar 12 horas/dia, em regime normal, o bloco operativo com vista a escoar a lista de espera existente, prevendo também a redução das listas das consultas externas, implementando maior celeridade no atendimento com mais equipas de clínicos.

Elevar o Hospital de Faro à categoria de Central é, também, segundo Mário Silva, um dos objectivos da Comissão, atendendo à importância que representa aquele estabelecimento de saúde para a região.

Clube Português de Imprensa



Prémios de Jornalismo/86

Prémio de Reportagem — valor 300 000\$00

Prémios de Foto-Reportagem — valor 150 000\$00

Apoios — EPNC, PRESSELIVRE, RENASCENÇA GRÁFICA, SOJORNAL, PRO-JORNAL, EMPRESA DO JORNAL NOTÍCIAS SARL, INTERPRESS, VASP, IMPRENOVA, SELECÇÕES DO READER'S DIGEST, DIRECÇÃO-GERAL DA COMUNICAÇÃO SOCIAL

Prémio Europa — valor 500 000\$00

1 viagem a Bruxelas com visita à sede da CEE

Edição em livro do trabalho premiado

(Texto original sobre a adesão de Portugal às Comunidades, com o mínimo de 120 páginas dactilografadas)

Apoios — CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS E COMUNIDADES EUROPEIAS

Prazo de entrega — 31 de Março

Prémio Ensaio — valor 250 000\$00

(Destinado exclusivamente a estudantes de Comunicação Social. Trabalho original sobre os «media», com o máximo de 40 páginas dactilografadas)

Apoio — PRESSELIVRE

Prazo de entrega — 31 de Março

GRANDE ÊXITO NA LOTARIA POPULAR

Andou ontem a roda da primeira Lotaria Popular, que é, também, a primeira Lotaria que se emite 203 anos após ter sido instituída, pela rainha D. Maria I, a Lotaria Nacional.

Foi um êxito estrondoso, pois o interesse manifestado, desde a primeira hora, pelo público, ultrapassou tudo quanto se esperava, de tal sorte que, em poucos dias, a Lotaria esgotou.

Tal situação logo levou o comércio a iniciar a venda da segunda Lotaria, cujo sorteio será no próximo dia 17, que se encontra, também esta, praticamente esgotada.

Os mil contos do primeiro prémio contemplaram o número 270 108, que foi vendido em Setúbal a um indivíduo que, apenas por 150\$00, ficou milionário, tendo imediatamente recebido o seu prémio.

O segundo prémio, no valor de 250 contos, coube ao número 461 703; o terceiro no valor de 150 contos, ao número 102 537 e o quarto prémio, no total de 100 contos ao número 14 222.

Além de milhares de outros prémios, foram sorteados, ainda, 499 de 50 contos, cada, que bafejaram algumas centenas de famílias, apenas com o simples dispêndio de 150\$00.

O director da Lotaria Nacional apela para a população no sentido de deixar de jogar nas «rifas clandestinas», habilitando-se antes na Lotaria Popular. Deste modo, tentará não só a sua sorte, como contribuirá para a filantrópica Obra de Bem-Fazer da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Jogue na Lotaria Popular, e, se puder também na Nacional, que faz as pessoas várias vezes milionárias.

Publicação nos periódicos dos números do exercício das respectivas empresas

O Conselho de Imprensa, em recente reunião, lembra que a Lei de Imprensa estabelece que «a relação dos detentores de partes sociais das empresas jornalísticas, bem como a discriminação daquelas, deverão ser publicadas anualmente durante o mês de Abril, em todas as publicações periódicas de que as empresas sejam proprietárias».

Assim, de acordo com o espírito e a letra do referido preceito legal, o CI emitiu em 17 de Dezembro de 1985 uma recomendação às empresas jornalísticas para que, em Abril de 1986, publicassem em todas as publicações periódicas de que fossem proprietárias a relação dos detentores de partes sociais das empresas, bem como a sua discriminação.

Na sua recomendação, o Conselho de Imprensa referia ainda que «as contas das empresas jornalísticas, públicas ou privadas, são outro elemento cujo conhecimento pela opinião pública contribuirá para o esclarecimento desta», daí que deveriam ser «as próprias empresas a tomar a iniciativa de, anualmente e nas páginas das suas publicações periódicas, divulgar os relatórios e contas da sua actividade».

Tendo em conta o facto de, em 1986, apenas parte da Imprensa escrita ter dado cumprimento a esse preceito da Lei de Imprensa, o CI deliberou recordar a toda a Imprensa, incluindo a Regional, a exigência legal de, em Abril próximo, efectuarem a publicação das partes do capital social, nos devidos termos legais. Decidiu ainda o Conselho de Imprensa propor de novo aos Órgãos de Comunicação Social que, por iniciativa própria, publiquem no corrente ano as contas referentes a 1986, a exemplo do que alguns já fizeram no ano transacto, dado tal procedimento revestir-se também de essencial importância para a transparência das empresas perante o público.

Cooperante português morto em Moçambique pela Renamo

O cooperante português em Moçambique Manuel Carvalho Martins foi morto ontem a 30 quilómetros de Cuamba, província do Niassa, durante uma emboscada montada pela Renamo, disse à Agência Lusa fonte oficial.

Manuel Carvalho Martins, de 50 anos, solteiro, natural de Águas Santas, Porto, trabalhava em Moçambique na empresa de electricidade, onde era mestre de obras e tinha um contrato de trabalho de cinco anos.

Manuel Carvalho Martins trabalhava em Moçambique, como cooperante, desde 1982.

A BARRACA

Teatro Nacional D. Maria II (sala experimental)

Reservas tel: 32 22 10
37 10 78

Só até fim de Março

E eu que o diga!

Aqui está um
espectáculo FANTÁSTICO
com uma história
verdadeiramente
DIABÓLICA!

O DIABINHO
DA MÃO FURADA

com
Maria do Céu Guerra
João Maria Pinto

António Cardoso
António Gomes
João Azevedo
José Carreiras

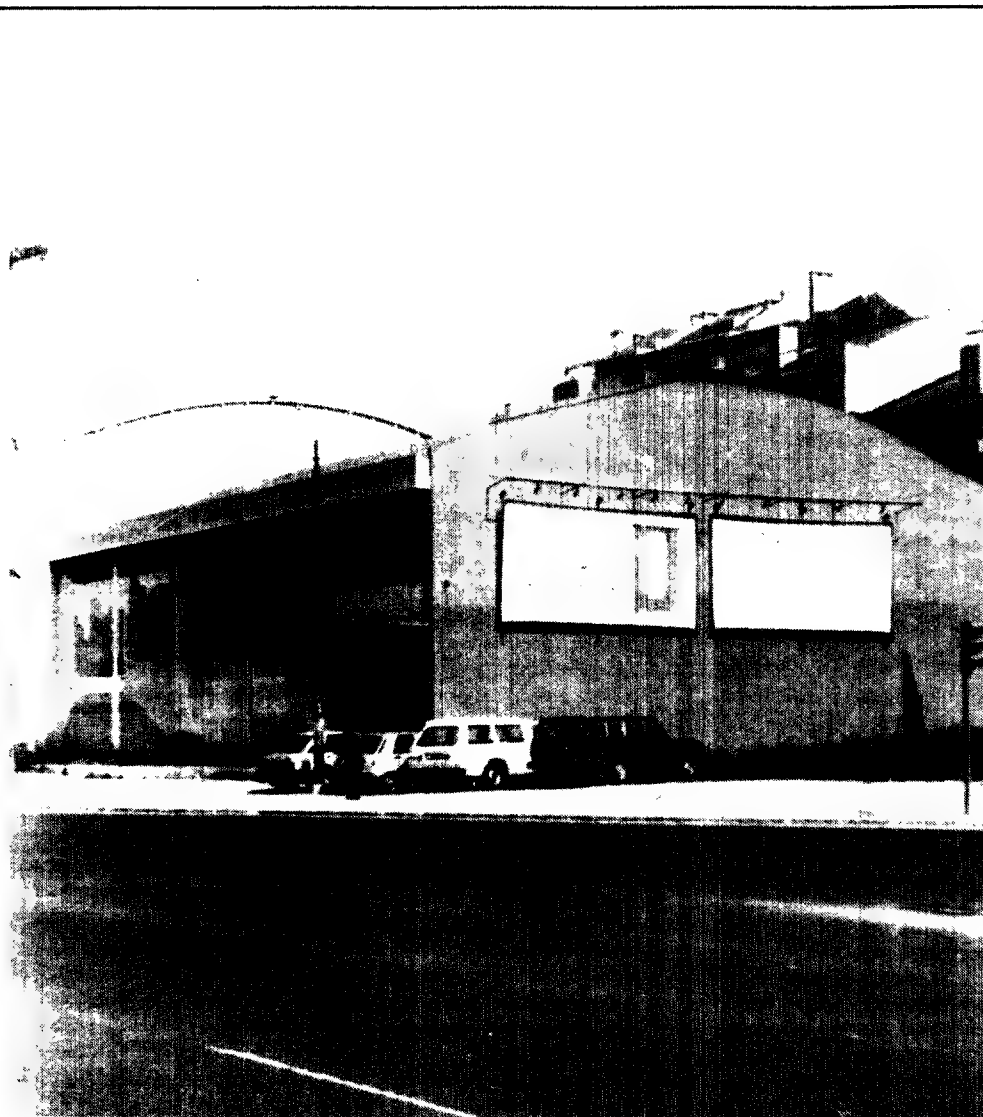
Luís Tomar
Maria João
Paula Sousa
Teresa Faria

versão e encenação
de Helder Costa

ESTREIA
5ª feia dia 12

3ª a Sábado
às 21.45h
Sábados e domingos
às 16h

cenografia: Rui Pimentel
canções: Orlando Costa
guarda-roupa: José Carreiras



Decidido em reunião

TEATRO ABERTO VAI SER DEMOLIDO... QUANDO EXISTIR UMA ALTERNATIVA

A Câmara Municipal de Lisboa e o Novo Grupo de Teatro chegaram ontem a um acordo no que respeita à futura demolição do Teatro Aberto, um edifício instalado em terreno comarário a título precário mas que foi ficando.

Assim, o Teatro Aberto não será demolido sem que antes a Câmara assegure a construção de um novo espaço teatral que tenha idêntica capacidade.

A decisão nasceu de uma reunião entre o vereador do pelouro da Cultura, Vítor Reis, com o encenador João Lourenço e os actores Rui Mendes e Irene Cruz, do Novo Grupo de Teatro, que desenvolve a sua actividade no Teatro Aberto, à Praça de Espanha.

A demolição do edifício, que terá de ser feita

até final de 1988, está prevista no âmbito de um plano de renovação da Praça de Espanha.

Existem já várias hipóteses no que concerne à localização do novo teatro. Uma será a sua construção em terrenos municipais que se situem entre o palacete da Embaixada de Espanha e o viaduto de acesso à Avenida José Malhoa, alternativa que parece agradar mais ao Novo Grupo de Teatro.

A razão que os assiste deriva do facto de a zona da Praça de Espanha ser hoje um centro teatral

em Lisboa, pois ali, para além do Teatro Aberto, está a Comuna e a Gulbenkian. Comentou a actriz Irene Cruz que o Teatro Aberto «não tem vocação nem condições para ser um teatro de periferia».

Irene Cruz lembrou que o edifício a demolir foi construído a expensas da própria companhia e que ainda hoje está a ser pago.

As outras duas alternativas são o Calhariz de Benfica, junto à segunda circular, e o antigo teatro Tália, situado junto ao Palácio do Conde de Faro, na Estrada das Laranjeiras. O edifício, que é património do Estado, está no entanto em adiantado estado de degradação.

Paulo Quintela sepultado ontem

Foi ontem a enterrar, em Bragança, o corpo de Paulo Quintela, falecido a passada segunda-feira, com 81 anos.

Maria Helena da Rocha Pereira, presidente do Conselho Científico da Faculdade de Letras de Coimbra, fez o elogio fúnebre do professor, afirmando que a sua obra, designadamente no domínio do teatro, influiu numa «juventude irrequieta, donde saíram muitos dos grandes nomes da actualidade, que consigo aprenderam a sentir e a transmitir tanto a graça e espontaneidade de mestre Gil como a angústia e o terror dos trágicos gregos».

Os restos mortais de Paulo Quintela foram recebidos à entrada de Bragança pelo governador civil, Manuel Bento, o presidente da Câmara Municipal, José Luís Pinheiro, e outras personalidades da cultura e do ensino bragançanos.

Fernando Rebelo, vice-reitor da Faculdade de Letras de Coimbra, em representação do Presidente da República, lamentou a perda de um homem de grande estatura moral como Paulo Quintela: «Contactei com ele como estudante e conheci-o bem como professor e ensaiador a partir de 1974, anos difíceis para a Universidade portuguesa. Só o professor Paulo Quintela conseguiu acalmar os ânimos e resolver problemas graves na Faculdade de Letras nos anos de 1974/75, e daqui a minha admiração pelo homem que nos deixou».

Entretanto, o TEUC, fundado por Paulo Quintela em 1938, manifestou «profundo pesar» pela morte do germanófilo e homem de teatro, que considerou ter contribuído para o prestígio internacional da Academia de Coimbra através dos trabalhos teatrais que dirigiu.

Amanhã

às 16 horas

Cordão de professores cercará o MEC

Um cordão de professores cercará amanhã, às 16 horas, o quartelão da 5 de Outubro, onde ficam as instalações do Ministério da Educação.

Simbolizar o isolamento do ministro e do seu Ministério e assim protestar contra a política de João de Deus Pinheiro, é o objectivo da manifestação que se realiza a escassas semanas da greve nacional de professores.

Em seguida, o cordão fará um percurso surpresa e culminará algures na cidade de Lisboa com uma intervenção do secretariado da Fenprof.

«Fechado nas suas verdades, o ministro João de Deus Pinheiro anda agora pelo país fora, tentando dar a entender que está aberto ao diálogo e ser possuidor de uma dinâmica que, como publicamente se sabe, não corresponde ao que se passa na 5 de Outubro» — diz a Fenprof em comunicado.

Começaram as greves sectoriais na CP

Uma greve sectorial dos ferroviários começou, hoje, a perturbar os serviços da CP, embora se preveja que as perturbações sérias da circulação de comboios, nomeadamente nos acessos a Lisboa, só sejam sentidas na segunda-feira próxima.

Esta é uma das várias paralisações de trabalho previstas para o dia de hoje em todo o País e em que avulta, também, a greve da construção civil e obras públicas do distrito do Porto.

Na CP, as paralisações sectoriais de hoje envolveram o segundo período dos trabalhadores da área industrial, armazéns, brigadas eléctricas, laboratórios, bares e cantinas. Amanhã é a vez, também num dos períodos de trabalho, dos guardas das passagens de nível e motoristas de autocarros.

Segunda-feira já se farão sentir os efeitos directos destas greves sectoriais na circulação das composições com a correspondente dificuldade de acesso a Lisboa, nomeadamente pelas linhas de Cascais e Sintra.

Construção civil

Por convocatória da Federação Nacional dos Sindicatos da Construção, Madeiras e Mármore, o sector da construção civil e obras públicas do distrito do Porto cumpre, hoje, uma greve de 24 horas que inclui uma concentração frente à sede da associação patronal.

Está em causa a negociação do contrato colectivo de trabalho, a que o patronato se tem furtado, sem apresentar quaisquer contrapropostas, depois de duas reuniões realizadas em Lisboa, no mês de Fevereiro.

Os trabalhadores da construção civil pretendem um aumento salarial de 20 por cento, subsídios de refeição de 300 escudos e a redução do horário de trabalho para 40 horas semanais.

Actualmente o salário base da indústria de construção civil e obras públicas no distrito do Porto é de 33.250 escudos o que os trabalhadores consideram mal para a própria alimentação.

UTIC e Hotel Fénix

No Hotel Fénix, em Lisboa está também a decorrer uma greve de 24 horas observada nalgumas secções a 100 por cento e noutras apenas quebrada pelos respectivos chefes.

Ontem, a UTIC esteve parada duas horas em cada um dos períodos da jornada de trabalho, na fábrica de Lisboa. Hoje cumpre-se idêntica greve parcial no Porto. Na sexta-feira a paralisação será agravada para três horas em cada turno.

Os trabalhadores de esta empresa de montagem e venda de camiões e veículos pesados de transporte batem-se pela viabilização da empresa

Menos 5,2 por cento no ano passado

DÉFICE DO COMÉRCIO EXTERNO MANTÉM TENDÊNCIA DE BAIXA

As compras portuguesas no estrangeiro continuam a ser superiores às nossas vendas de bens e serviços nos mercados internacionais, embora a diferença esteja a diminuir, acentuando-se a tendência dos últimos anos. Esta é a principal conclusão das estatísticas de comércio externo para o conjunto do ano de 1986, ontem divulgadas pelo INE.

Segundo esses números do Instituto Nacional de Estatística, o défice comercial de Portugal em 1986 baixou 5,2 por cento tendo a taxa de cobertura das importações pelas exportações subido 11 pontos relativamente a 1984 e 3 pontos em relação a 85, fixando-se em 76,2 por cento em finais do ano passado.

Dados provisórios do INE revelam que o valor total das importações foi, em 1986, de 1,4 mil milhões de contos, inferior em 6,5 por cento ao de 1985, e o das exportações atingiu mil milhões de contos, mais 10,7 por cento.

O INE salienta que o défice da balança comercial portuguesa tem vindo a diminuir, tendo passado de 400 milhões de contos em 1984, para 354,8

milhões em 1985 (menos 11,3 por cento) e situando-se nos 336,5 milhões no final de 1986 (menos 5,2 por cento).

Em dólares norte-americanos; as importações e as exportações cresceram, respectivamente, 21,2 e 26,1 por cento, enquanto o défice se agravou em 7,8 por cento.

Nas trocas comerciais com os países da OCDE, a diferença entre as compras (1,1 mil milhões de contos) e as vendas (956,1 milhões) originou um saldo negativo de 146,6 milhões de contos, superior em 84,4 milhões de contos ao do ano transacto.

Para esta evolução desfavorável a Portugal, contribuiu fundamentalmente o agravamento do défice da balança comercial com a CEE, que passou

de 2,4 milhões de contos, em 1985, para 98,1 milhões, em 1986. No ano passado, o comércio com a Comunidade Europeia representou 58,8 por cento do total das importações portuguesas (45,9 por cento em 1985) e 68 por cento das exportações (62,5 por cento em 85).

Portugal comprou na CEE 830,2 milhões de contos de mercadorias, mais 36,2 por cento que em 1985, e vendeu 732,1 milhões, mais 20,6 por cento.

O comportamento negativo das trocas comerciais com a CEE deve-se essencialmente ao aumento dos défices com a Itália (de 30,3 para 70,4 milhões de contos), com a Espanha (de 57,7 para 83,2 milhões) e com a Alemanha Federal (de 19,1 para 40,5 milhões).

O INE indica, ainda, como causas deste comportamento a inversão dos saldos com a Bélgica-Luxemburgo, que passaram a ser desfavoráveis a Portugal, e o decréscimo do superavit com os Países Baixos.

Com a EFTA, e apesar de Portugal ter deixado de pertencer à organização, o comércio

em 1986 manteve-se ao mesmo nível de anos anteriores, tendo-se registado um saldo positivo de 23 milhões de contos.

Relativamente à OPEP, o défice em 1986 atingiu 103,4 milhões de contos, inferior em 102,3 milhões ao de 1985.

Com os países africanos de expressão portuguesa, as exportações baixaram cerca de 40 por cento e as importações diminuíram 23,9 por cento, devido principalmente à redução para cerca de metade das vendas de Portugal a Angola.

Os principais fornecedores de Portugal em 1986 foram os seguintes países: Alemanha Federal — 198,7 milhões de contos; Espanha — 154,8 milhões; França — 141,9 milhões; Itália — 112 milhões; Reino Unido — 106,2 milhões e EUA — 96,6 milhões.

Principais clientes: França — 163,6 milhões de contos; Alemanha Federal — 158,2 milhões; Reino Unido — 153,5 milhões; EUA — 75,5 milhões; Países Baixos — 72 milhões; Espanha — 71,6 milhões.

Baixa de preços e desvalorização do dólar poupam-nos milhões em petróleo e cereais

A desvalorização do dólar e a descida nas cotações internacionais dos preços do petróleo e dos cereais foram os factores mais importantes para que Portugal tenha poupado, só no ano passado, 146 milhões de contos para adquirir combustíveis e cereais em quantidades semelhantes às do ano anterior.

Dados provisórios do Instituto Nacional de Estatística relativos ao comércio externo, indicam que, no ano passado, Portugal importou 214,9 milhões de contos em combustíveis e óleos minerais, contra 343,9 milhões em 1985, o que equivale a uma poupança de 37,5 por cento.

Em cereais, o valor das importações foi de 40,1 milhões de contos, contra 57,1 milhões em 1985, ou seja, menos 29,7 por cento.

Rockefeller: um banqueiro em Lisboa a falar da África e do Brasil

O banqueiro norte-americano David Rockefeller afirmou ontem que a redução dos défices comerciais e orçamental dos Estados Unidos «é a prioridade mais importante na agenda económica» deste país.

Segundo Rockefeller, que se encontra de visita a Lisboa, criou-se a ideia que o crescimento da economia norte-americana nos últimos quatro anos foi conseguido «à custa de um tremendo aumento da sua dívida».

«Tanto o défice fiscal como o défice comercial norte-americanos são volumosos e preocupantes. Tentar equilibrar esses défices é prioritário» — salientou.

Para Rockefeller, actualmente presidente do «International Advisory Committee» do Chase Manhattan Bank, «este facto colocou-nos numa encruzilhada», pois o défice comercial norte-americano «agiu como motor de crescimento da economia mundial».

«Porém a partir de agora, o crescimento mundial está condicionado à capacidade de os Estados Unidos reduzirem o seu défice», acrescentou.

Relativamente à moratória da sua dívida externa apresentada pelo Brasil, Rockefeller disse

que era uma situação que já se vinha desenhando, tendo a primeira indicação sido dada pelo México em 1982.

O banqueiro norte-americano defendeu a necessidade do Brasil e dos seus credores «encontrarem uma solução», o que implica no entanto mais algum tempo para ser alcançada.

David Rockefeller reformou-se do cargo de presidente do Chase Manhattan Bank em 1981, sendo o seu lugar ocupado pelo actual presidente, Willard C. Butcher.

Rockefeller, que se deslocou a Lisboa acompanhado por Robert Hunter, vice-presidente e responsável executivo do banco para a Europa, África e Médio Oriente, ocupa actualmente as funções de presidente do International Advisory Committee no Chase.

O Chase Manhattan Bank estabeleceu um escritório de representação em Portugal, em 1980, tendo inaugurado a sua sucursal, de que é director-geral Kenneth Patton, em 1985.

Com sede em Nova Iorque, o Chase é o terceiro maior banco dos Estados Unidos, com um activo de 92,8 mil milhões de dólares. O banco tem cerca de 47 000 empregados em todo o

mundo, uma presença física em mais de 60 países e negócios em mais de 100 países. Além disso, tem também 6457 correspondentes em todo o mundo.

Rockefeller disse que a solução para a América Latina passa por «apoiar o crescimento e entender e renegociar» os pagamentos das dívidas dos países desse subcontinente.

Rejeitou, no entanto, a ideia de que esses países possam vir a não pagar o serviço das suas dívidas, «porque se colocará fora do mercado de crédito», o que acarretará grandes dificuldades na obtenção de futuros empréstimos.

Rockefeller analisou, também, a situação em Angola, sublinhando que se deve «ter paciência» para negociar com este país e com outros Estados africanos que se reclamam do marxismo-leninismo.

O «pragmatismo» é essencial para estas negociações, até porque «os soviéticos não foram muito bem sucedidos nas nações africanas».

Sobre a União Soviética referiu que «Gorbachev é um líder diferente» dos que anteriormente estiveram à frente daquele país, mas acrescentou ser ainda cedo «para dizer se a sua política vai ser bem sucedida».

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	53\$45	59\$45
ALEMANHA FED. (marco)	75\$85	77\$05
ÁUSTRIA (xelim)	10\$75	10\$95
BÉLGICA (franco)	3\$460	3\$710
BRASIL (cruzado)	3\$800	6\$300
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	10\$530	10\$580
(notas de 5 a 1000)	10\$580	10\$530
DINAMARCA (coroa)	20\$20	20\$60
ESPAÑA (peseta)	1\$053	1\$173
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	140\$80	144\$30
(notas de 5 a 1000)	141\$30	144\$80
FINLÂNDIA (marka)	30\$95	31\$55
FRANÇA (franco)	22\$80	23\$50
HOLANDA (florim)	67\$15	68\$25
IRLÂNDIA (libra)	203\$85	207\$85
ITÁLIA (lira)	\$097	\$112
JAPÃO (iene)	\$873	\$928
NORUEGA (coroa)	20\$15	20\$65
REINO UNIDO (libra)	223\$80	228\$30
SUÉCIA (coroa)	21\$75	22\$25
SUÍÇA (franco)	90\$10	91\$60
VENEZUELA (bolívar)	5\$10	6\$10

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

Venezuela

APESAR DA ABUNDÂNCIA DE ENERGIA PROCURAM-SE FONTES ALTERNATIVAS

A abundância de petróleo, gás natural e carvão, assim como grandes centrais hidroeléctricas, levam a pensar que a Venezuela é um país com os problemas básicos de abastecimento de energia resolvidos. Contudo a realidade é diferente e os cientistas salientaram como de todas as fontes citadas, só a hidroelectricidade é renovável, enquanto as outras se esgotarão, mais tarde ou mais cedo. Daí que actualmente estejam a ser procuradas alternativas que não sejam nem caras nem efêmeras, segundo afirma um relatório do Ministério da Energia.

O documento, a que a IPS teve acesso, explica as estratégias da Venezuela para aproveitar elementos como o vento, o sol, a água, a biomassa e a geotermia para gerar energia, através de processos simples e não contaminantes.

Embora indubitavelmente se trate de experiências com os olhos postos no futuro, a utilização actual dessas fontes permitiu pôr em prática sistemas de abastecimento de baixo custo, que chegam inclusive para cobrir as necessidades de comunidades isoladas.

Na Venezuela existe um plano de «fontes alternativas e renováveis de energia» (FARE), elaborado especialmente para coordenar esta «busca» e avaliar os seus resultados.

Acessibilidade

Em geral, as novas fontes investigadas são muito acessíveis, permitem um fornecimento seguro, podendo a sua utilização ser planificada.

Além disso, argumenta o relatório ministerial, o seu uso garante a autodeterminação do

país, implica um trabalho de conservação do meio ambiente e, de certa forma, assegura uma melhoria na qualidade de vida da população.

Actualmente a Venezuela é um país eminentemente petrolífero. As reservas provadas elevam-se a cerca de 55 mil milhões de barris sendo as prováveis ainda aiores, quantidade suficiente para cerca de 200 anos, segundo os especialistas.

Além disso, recentemente começaram a explorar-se jazidas de carvão e a aproveitar integralmente o gás natural.

Todavia, e apesar deste optimista panorama, o Ministério da Energia considera fundamental explorar «novas» formas de energia.

O relatório, baseado em dados fornecidos pelo FARE, assinala que a energia solar é utilizada desde há vários anos neste país, principalmente para embarcarecer os custos de electricidade, mas também para abastecer de serviços zonas isoladas, inclusive al-

deias indígenas.

Por outro lado, estão a ser feitos estudos com vista ao aproveitamento da energia solar em projectos concretos, como desalinizadores de água do mar.

A energia eólica, tirada do vento, está a ser aplicada para gerar electricidade em zonas insulares e costeiras, onde existem condições propícias para o obter.

Este tipo de energia requer que os ventos tenham uma velocidade de 4.5 quilómetros/hora, requisito este presente quase permanentemente em zonas junto ao mar.

Bioenergia

As experiências com a bioenergia estão um pouco mais atrasadas, em virtude dos avanços tecnológicos que o seu aproveitamento requer.

A bioenergia, que é obtida de matéria vegetal e dejectos animais, tem sido até agora testada através de biogeradores utilizados em quintas e criação de animais «com bons resultados», segundo afirma o estudo do Ministério da Energia.

A geotermia, por outro lado, aproveita o calor produzido pelas erupções vulcânicas, vaporizações vulcânicas, geysers, poços de águas ferventes e águas termais. Este tipo de energia, que ainda não está a ser aproveitada neste país, está no entanto a ser alvo de estudos pertinentes com vista a localizar quais os locais onde a mesma pode ser obtida.

O relatório salienta que esta opção tem grande aceitação em todo o mundo, pois, embora exija um investimento inicial relativamente alto, posteriormente os seus custos tornam-se muito baixos.

Finalmente, o FARE tenta averiguar a forma como pode ser obtida energia das pequenas fontes de água, cujo poder, por vezes, chega para cobrir as necessidades de pequenas povoações.

O aproveitamento desta fonte hidroenergética é levado a cabo basicamente através de pequenas centrais eléctricas, que abastecem, nalguns casos, as necessidades de uma única casa.



Espelho parabólico para captação de energia solar.

Tribunal impede confiscação de jornal na África do Sul

O Supremo Tribunal sul-africano impediu a Polícia de confiscar a edição de ontem do maior quotidiano do país, «The Star», que continha um anúncio proclamando quinta-feira como «Dia Nacional dos Detidos».

Segundo o chefe de redacção, Harvey Tyson, quando dois agentes chegaram às instalações do jornal com ordens para apreender os exemplares com o anúncio da co-

missão dos pais dos detidos, a primeira edição ia entrar nas rotativas.

Advogados jornal apresentaram um requerimento urgente ao Supremo Tribunal, que emitiu uma ordem temporária impedindo a intervenção da Polícia, por considerar que o anúncio não infringia os regulamentos de censura do Estado de emergência.

A conselho dos seus advogados, Tyson publicou uma

versão modificada e um editorial tarjado de preto, na primeira página, em que se dizia que a África do Sul estava à beira de se transformar num Estado policial.

Nujoma em Espanha

O presidente da Organização dos Povos do Sudoeste Africano (Swapo), foi recebido pelo presidente do Governo espanhol, Felipe Gonzalez, a quem

pediu que exerça a sua influência para que a CEE aplique sanções contra a África do Sul.

Sam Nujoma, que se encontra de visita a Espanha, a convite do Governo Gonzalez, considerou frutuosas as conversações com as autoridades espanholas.

«Vamos intensificar a nossa luta, apesar do apoio de Reagan à África do Sul», sublinhou Nujoma.

24 HORAS



Inquérito sobre naufrágio de «ferry-boat»

O «ferry-boat» britânico naufragado ao largo da costa belga poderá ser colocado numa posição que permita a recuperação dos 81 corpos que contém, no prazo de três semanas, anunciaram as equipas de salvamento. As autoridades judiciais que investigam a tragédia, em que morreram 134 passageiros e tripulantes, afirmaram que continuariam a interrogar os sobreviventes - incluindo o comandante do barco, que ficou ferido - e que de verão apresentarão um relatório dentro de um mês. A causa do pior desastre marítimo do canal da Mancha desde a II Guerra Mundial não é ainda conhecida, mas as suspeitas apontam para as portas do convés de veículos, próximas do nível de água, conselhos honestos - revelaram fontes oficiais. Reagan vai defender os secretários de Estado George Shultz e da Defesa Caspar Weinberger, quando proferir no sábado o seu discurso semanal através da rádio. A Comissão Tower criticou Shultz e Weinberger por se terem «distanciado do evoluir dos acontecimentos», apesar da oposição de ambos à venda de armas ao Irão.

Reagan defende Shultz e Weinberger

O Presidente norte-americano, Ronald Reagan, está disposto a reconhecer que dois funcionários da sua administração o advertiram contra a venda de armas ao Irão, mas que ele ignorou os seus «conselhos honestos», revelaram fontes oficiais. Reagan vai defender os secretários de Estado George Shultz e da Defesa Caspar Weinberger quando disser no sábado o seu discurso semanal através da rádio. A comissão chefia pelo ex-senador republicano John Tower criticou Shultz e Weinberger por se terem «distanciado do evoluir dos acontecimentos», apesar da oposição de ambos à venda de armas ao Irão.

Refugiados palestinianos

Disparos impediram ontem um carregamento alimentar oferecido pela Arábia Saudita de chegar a um campo de refugiados palestinianos em Beirute, disse um porta-voz palestiniano. O mesmo informador disse que três refugiados tinham ficado feridos quando as milícias muçulmanas xiitas Amal dispararam contra quatro camiões que transportavam bens oferecidos pela Arábia Saudita. Trata-se dos mais graves incidentes desde que os sírios conseguiram pôr um freio aos combates entre as milícias.

Renamo mata à catanada

Trinta pessoas foram mortas à catanada pela Renamo nas últimas duas semanas, na província moçambicana de Inhambane, disseram à agência Lusa fontes militares daquela província. Dezoito das vítimas foram assassinadas a 18 de Fevereiro, na localidade de Mafuiane, no distrito de Homoine, e as restantes nas localidades de Furvela, em Morumbene e Inhapossa, distrito de Inhambane. Todos os ataques da Renamo são feitos à noite e «raramente disparam, para evitar ser ouvidos pelos militares» - disse a mesma fonte.

Abu Nidal acusado

Abu Nidal e dois outros palestinianos foram acusados de envolvimento num ataque terrorista que causou 16 mortos no principal aeroporto de Roma em 1985, noticiou o jornal italiano «La Repubblica». Fontes judiciais revelaram recentemente que Domenico Sica, um dos mais destacados investigadores italianos na luta anti-terrorista, recomendou a incriminação de Abu Nidal, líder do grupo dissidente palestiniano «Fatah-Conselho Revolucionário».



Oitenta pessoas foram detidas na terça-feira nos incidentes ocorridos em Santiago do Chile durante uma manifestação comemorativa do Dia Internacional da Mulher. A manifestação foi convocada pelo grupo «Mulher Com a Vida»

Oito pessoas estão a ser julgadas em Boston, Massachusetts, acusadas de tentarem derrubar o Governo norte-americano através de uma série de atentados à bomba e assaltos a bancos. «Somos todos prisioneiros políticos», afirmou o réu Thomas Manning ao juiz John J. Mcaught, que se recusou a deixar os réus escolher os seus advogados. Os argumentos apresentados pelos oito réus, sete dos quais se representam a si próprios, atrasou a escolha do júri. O início do julgamento foi marcado por grandes medidas de segurança, incluindo a utilização de detectores de metais e máquinas raio-X. Os réus são acusados de conspiração para derrubar o Governo, de dez assaltos a bancos e 19 atentados e tentativas de atentado à bomba, incluindo a explosão em 1976 do edifício do tribunal em Suffolk, que provocou ferimentos em 22 pessoas.



Uma agricultor puxa por uma vaca por entre os carros da polícia durante manifestações de camponeses contra a política agrícola do Mercado Comum realizadas em Barcelona

Agricultores brasileiros protestam

Agricultores brasileiros efectuaram ontem uma greve de um dia de protesto contra os preços baixos dos géneros alimentícios na produção e elevadas taxas de juro, bloqueando autoestradas e parques de estacionamento de bancos. A manifestação, convocada pela Frente Agrícola, destina-se a pressionar o Governo no sentido de conceder mais crédito aos agricultores, aumentar os preços dos géneros alimentícios e melhorar as infraestruturas de armazenamento das colheitas. Os organizadores afirmaram que o protesto integrou um milhão de agricultores. Nas comunidades agrícolas, espalhadas por todo o país, mas especialmente nas regiões férteis do Sueste e do centro, os manifestantes bloquearam autoestradas. «Não pretendemos paralisar a produção com este protesto», declarou Flávio Pelles de Menezes, da Sociedade Rural Brasileira. «O que pretendemos mostrar a todos os brasileiros é que os nossos agricultores pretendem trabalhar mais», acentuou. Juros mensais superiores a 14 por cento tornam mais difícil aos agricultores comprar sementes e equipamento a crédito. A inflação no Brasil situa-se, actualmente, a uma taxa anual de quase 500 por cento.

Mudança de temperaturas marítimas

Grandes cardumes de espécies marinhas, que vivem nas águas da placa continental do Peru, começaram a emigrar para o Sul, por causa da mudança das temperaturas da água do mar. A directora geral de Investigações de Recursos Marítimos do Instituto do Mar do Peru (Imarpe), Isabel Tsukuyama, atribui as mudanças na temperatura à persistência de um fenómeno natural, chamado o «menino». Este fenómeno consiste numa corrente cálida de águas, vinda do Norte, e que costuma aparecer pelo Natal, e daí veio o seu nome de «menino», como lhe chamam os pescadores. Além de alterar a temperatura das águas, que habitualmente são frias, por causa da corrente de Humboldt, vinda da Antártida, o «menino» também altera o grau de sal dentro da composição química da água, e portanto provoca alterações do local de vida de uma série de microorganismos vegetais e animais, que constituem a alimentação de peixes pequenos, que por seu lado são a alimentação de outros maiores. O fenómeno da presença prolongada da corrente «menino» altera também as condições climáticas da costa peruana e equatorial, e na temporada de 1982 e 1983 provocou inundações catastróficas na região, que destruíram estradas e comunicações. A brusca alteração da temperatura do mar, entre finais de Janeiro e meados de Fevereiro, foi um dos factores que alertaram os técnicos do Imarpe, que iniciaram as investigações sobre o comportamento e movimentação dos cardumes de anchovas, sardinhas e merlusas, que constituem os produtos fundamentais da indústria pesqueira e de conservas do Peru.

Combate ao tráfico de droga

Uma organização de bairros dos subúrbios de Madrid e uma associação de mães estão a mobilizar-se na capital espanhola contra o tráfico de droga, informaram fontes ligadas às organizações. Uma comissão coordenadora de bairros, dirigida pelo sacerdote operário Henrique Castro, divulgou a semana passada listas de mais de meia centena de lugares onde é habitualmente vendida droga em Madrid. As listas foram divulgadas pelos meios de Comunicação Social que participam na campanha de sensibilização social contra a droga. Da campanha fazem parte denúncias contra uma presumível omissão e corrupção da polícia por não actuar ou por, em casos concretos, participar no tráfico de droga. Nos bairros limítrofes de Madrid foi criada há quatro meses uma associação de mães unidas contra a droga, que se reúnem semanalmente para trocar experiências e estudar acções concretas. Os seus filhos são drogados, e alguns deles morreram, desapareceram, ou estão em prisões por causa da droga.

Mitterrand e Chirac em Madrid

CIMEIRA FRANCO-ESPANHOLA SELA AMIZADE RECENTE

O presidente François Mitterrand e o primeiro-ministro Jacques Chirac chegam esta tarde a Madrid para participar na primeira cimeira franco-espanhola a nível de Estado, numa altura em que as relações entre Madrid e Paris são consideradas excelentes.

A visita de Mitterrand é, aliás, uma tentativa para selar a recém encontrada «entente cordiale» entre a França e a Espanha depois de uma história de relações muitas vezes tumultuosas. Os dois países têm efectuado encontros inter-governamentais periódicos desde há quatro anos, mas o sistema de reuniões de Estado só foi introduzido em 1985, quando o rei Juan Carlos visitou oficialmente Paris e foi assinada uma declaração institucional naquelle sentido.

Agora, as conversações de

Irlanda: Haughey é o novo primeiro-ministro

Charles Haughey foi ontem eleito novo primeiro-ministro da República da Irlanda através do voto de qualidade do presidente do Parlamento, na sequência de uma votação empatada (82-82). Haughey, o grande sobrevivente da política irlandesa, conseguiu uma vitória que constitui uma das mais espectaculares recuperações políticas da sua carreira. Haughey - que ontem elogiou o primeiro-ministro cessante, Garrett Fitzgerald - não conseguiu a maioria absoluta no Parlamento na sequência das eleições gerais de Fevereiro. Agora, o seu governo minoritário vai ter que enfrentar uma economia estagnada que fez com que alguns comentadores se referissem à Irlanda como o único país do Terceiro Mundo na Europa Ocidental.

Mitterrand com o rei de Espanha e o primeiro-ministro Felipe Gonzalez poderão ser as primeiras de uma série de reuniões anuais de alto nível semelhantes às que a França mantém com outros parceiros da Comunidade Europeia.

As relações entre Paris e Madrid melhoraram substancialmente desde que há três anos a França deixou de se opor à entrada da Espanha na CEE e lançou uma campanha contra os separatistas bascos no seu território: 46 expulsões desde o Verão de 1986.

«Os nossos povos são vizinhos e, por isso, podem facilmente ser rivais... É necessário compreender plenamente que, a partir de agora, os nossos destinos estão unidos», disse Mitterrand numa mensagem difundida pela rádio espanhola. Por seu lado, Felipe Gonzalez declarou à rádio francesa que a actual relação entre os dois países «é uma viragem histórica».

François Mitterrand (socialista) e Jacques Chirac (conservador) visitam Madrid na mesma altura, mas chegarão em aviões diferentes e reúnem-se em separado com o primeiro-ministro espanhol. Chirac será acompanhado dos seus ministros da Economia, Negócios Estrangeiros, Defesa, Assuntos Europeus e Comércio Externo. Problemas comunitários e

européus, as reformas na CEE e o balanço do primeiro ano de integração europeia da Espanha, a segurança no Mediterrâneo, o diálogo euro-árabe e a América Latina são alguns dos temas a debater na cimeira franco-espanhola.

Questões relacionadas com a indústria de armamento, a cooperação militar, cultural, económica e comercial serão também abordadas no âmbito das relações bilaterais.

A cimeira franco-espanhola decorre numa altura em que Felipe Gonzalez enfrenta uma série de greves por aumentos salariais e contra planos de redução de postos de trabalho, além de protestos de agricultores descontentes com as consequências da entrada no Mercado Comum.

Negociador norte-americano sugere nova cimeira Reagan-Gorbachev

O negociador chefe norte-americano, Max Kampelman, disse que um acordo entre os Estados Unidos e a União Soviética sobre a eliminação de mísseis de médio alcance era razão suficiente para uma nova cimeira.

Kampelman também manifestou a esperança de que os progressos nas negociações sobre mísseis de médio alcance «possam ser contagiosos» e permitir avanços no controlo de outros tipos de armas, tais como as armas estratégicas.

Kampelman, numa entrevista a uma cadeia de televisão norte-americana, gravada na

Europa, disse que a administração Reagan quer chegar a um acordo com os soviéticos sobre mísseis de médio alcance «o mais depressa possível».

De referir que, o mês passado, Gorbachev aceitou discutir os mísseis de médio alcance sem ter em conta o programa Guerra das Estrelas, criando assim novas possibilidades de sucesso para um acordo sobre reduções de mísseis de médio alcance.

A Nato tem actualmente estacionados na Europa 108 mísseis Pershing II e 208 mísseis de cruzeiro, de ogivas simples, enquanto a União Soviética possui cerca de 250

SS20, de cabeças triplas, representando 750 ogivas.

Moscou possui também um grande arsenal de mísseis de menor alcance, que não encontra correspondência da parte ocidental.

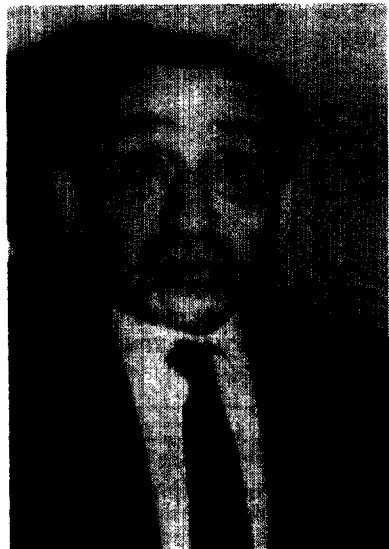
Entretanto começaram ontem em Genebra negociações com vista a um tratado para a eliminação das armas nucleares de médio alcance na Europa.

Informadores norte-americanos e soviéticos referiram que as delegações estariam reunidas durante cerca de duas semanas para começar a elaborar uma minuta de tratado conjunto.

HÁ 25 ANOS — OS AC PÕEM FIM À GUERRA

Bernard Blois

Há dois mil e alguns anos houve um reino de Judeia, até à destruição do templo de Jerusalém, enquanto que a Argélia, colónia romana, turca, onde vários senhores ou corsários estabeleceram depois protectorados efémeros, «feitorias», nunca foi um país organizado, livre, no sentido que hoje damos a essa palavra.



Pierre Mendès France

Essa França, cujo prestígio tinha, de todas as maneiras, sofrido muito devido a uma guerra perdida (mesmo que se encontrasse, no fim, graças à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos, no campo dos vencedores), não podia permitir-se tratar a Argélia, sua vizinha da outra margem do Mediterrâneo, como colónia, tanto no plano político como económico.

Grandes e «pieds noirs»

Claro que havia uma considerável diferença de desenvolvimento entre o iletrado do «bled» — mais ainda a sua mulher — e o «branco pobre», mesmo o simples operário, mas diferença facilmente dominada com o tempo, e que a elite autóctone já solucionara.

Quis a desgraça que duas camadas sociais tivessem entravado toda a velocidade de reforma: 1) Os grandes colonos que possuíam (dezenas de) milhares de hectares de terra, de vinhas, empregando «indígenas» a quem pagavam baixos salários, aumentando assim a sua fortuna ano após ano, e opondo-se encarniçadamente a toda e qualquer tendência de redistribuição do solo; 2) Os «pieds noirs», europeus, nascidos na África do Norte ou tendo para lá ido muito jovens, agarrando-se aos seus «privilégios» que sobretudo consistiam na sua qualidade de europeus, nem mais inteligentes, nem mais trabalhadores, nem mais qualificados no seu conjunto do que os árabes, e que se arriscavam a perder tudo no dia em que estes tivessem os mesmos direitos.

Tanto para uns como para outros, era preciso opor-se à mínima concessão e torpedear-la, se Paris decidisse concedê-la.

Medidas tardias ou insuficientes

Tais eram os dados do terrível drama argelino que nem Charles de Gaulle, em 1944-45, nem os seus sucessores tinham a clarividência e, sobretudo a coragem, a força, de olhar de frente.

Depois de 8 de Maio de 1945, **Dia da Vitória** na Europa, que um levantamento sangrento teve lugar no Constantinois, já devido às promessas de reforma não cumpridas. Uns cem europeus e milhares de muçulmanos (6000 segundo o historiador Robert Aron, 40 a 50 mil segundo os livros

No dia 13 de Junho de 1974 morreu com 76 anos, no exílio, na região parisiense, um homem que 99 por cento dos franceses e 80 a 90 por cento dos seus próprios compatriotas tinham esquecido ou cujo nome, Messali Hadj, nunca tinham sabido.

EDITION DE 5 HEURES
PARIS-JOUR
LE NOUVEAU QUOTIDIEN DU MATIN
28 PAGES
0,25 NF

DE GAULLE: "JE NE CÉDERAI PAS"

Je dois être obéi de tous les soldats"

TEXTE INTÉGRAL DU DISCOURS

Resposta de De Gaulle aos insurrectos que tinham acreditado na sua «Argélia francesa»: «Não cederei».

16 PAGES — **

Le Monde

Alfred, Adolphe, Louis, et de la France, Paris: — Directeur: Robert REYHER

TANDIS QUE LA VIE A REPRIS DANS LA VILLE L'INSURRECTION A CESSÉ A ALGER

SALUTER DE L'ÉTRANGER
la conférence spéciale de Moscou

- Les insurgés ont évacué leur réduit et embarqué dans des camions
- Le sort personnel d'Ortiz et de Lagailard en discussion
- Le gouvernement envisage la convocation du Parlement

A PARIS, le conseil des ministres a été convoqué pour 11 heures à l'Élysée. Les délégués du parti communiste ont été reçus par le général de Gaulle.

A insurreição cessou na Argélia. O caminho está livre para os Acordos de Evian

Nascido em Tlemcen, na fronteira marroquina, Messali desembarcava em França, aos 25 anos, inspirado pelas ideias nacionalistas de Kemal Atatürk, reformador da Nova Turquia, o que não o impediu, jovem operário têxtil, de aderir ao Partido Comunista. Abandoná-lo-á, desconsolado, como tantos outros, não sem ter aprendido o militantismo, a técnica da propaganda, conhecendo entretanto, em 1927, no Congresso anti-imperialista de Bruxelas, Ho-Chi-Minh, Nehru e outros.

A primeira bandeira nacional argelina

Fundou o MNA (Movimento Nacionalista Argelino) que, um quarto de século antes da revolução sangrenta de 1 de Novembro de 1954 já reclamara a entrega das terras «ocupadas» pelos colonos europeus, a retirada das tropas francesas, depois, a nacionalização das minas e das empresas. Medidas que o seu país, tornado independente, obteve ou realizou desde os Acordos de Evian.

Ele não inventou sóas cores argelinas, verde, branco e vermelho, mas, casado (tal como o outro leader magrebino, Bourguiba) com uma francesa, Emilie, filha de um operário lorenense, foi ela (o que tem um certo sabor) quem confeccionou a primeira bandeira nacional, na sua pequena casa parisiense da Rua du Repos.

É evidente que no fim dos Anos Vinte ninguém em França, tal como na Inglaterra, na Bélgica, na Itália, na Holanda, tomava a sério tais «sonhos» de descolonização utópicos e muito perigosos. Desde Novembro de 1929, o seu Movimento que conava na altura 3000 membros, sobretudo operários que trabalhavam em França, foi dissolvido e Messali preso, colocado em residência vigiada e depois praticamente esquecido, até à morte, sem nunca ter voltado ao seu país onde apesar disso seria enterrado, em Tlemcen.

Indígenas intelectualmente inferiores

Ben Bella, Boumedienne e outros prestar-lhe-iam apesar disso homenagem, mas só as título póstumo, não o fazendo regressar em vida, sem dúvida por receio de que ainda pudesse ter um papel político (em 1962 só tinha 64 anos).

O exemplo deste precursor quase desconhecido mostra como as advertências não tinham faltado, a primeira há já sessenta anos, de que havia um problema argelino.

Negado por unanimidade e antes de mais pelos «pieds noirs» e pelos brancos pobres nascidos ou estabelecidos na África do Norte onde muitos tinham feito fortuna, incapazes de admitir ou mesmo de imaginar que os «indígenas» que eles consideravam intelectualmente inferiores, insuficientemente escolarizados, simples mão-de-obra ba-

rata, podiam pretender um dia ter os mesmos direitos sociais, culturais, económicos, humanos e sobretudo políticos que eles.

Tanto mais que uma tal evolução daria inevitavelmente origem à independência do seu país, mesmo que isso não tivesse acontecido no passado.

Colónia francesa desde 1830, apesar de várias revoltas dominadas, com uma superfície imensa, 2 milhões e trezentos e oitenta e um mil quilómetros quadrados, pouco povoada, menos de dois milhões de habitantes na altura da conquista, não tinha, ao contrário de Marrocos e da Tunísia, nenhuma tradição monárquica. Desde 1870, os numerosos judeus do território podiam obter a nacionalidade francesa.

De Gaulle em 1942: «Conduzir para a independência»

Medida recuperadora não muito hábil, que dividiu somente duas comunidades, que até então viviam em bom entendimento. O seu estatuto não igualitário não impedia no entanto os muçulmanos, assim como os outros africanos e asiáticos, de fazer parte das unidades francesas e de nelas se bater em 1914-18, e depois, a partir de 1939.

Será, sem dúvida, uma das motivações do «histórico» discurso de Brazzaville do general De Gaulle, ao declarar em 1942, com muita clarividência e «modernidade» que, terminadas as hostilidades, «os povos colonizados deviam ser encaminhados para a independência».

Os que tiravam proveito do colonialismo não deram, infelizmente, grande importância a estas palavras. Menos ainda no caso da Argélia. Partiam da ideia de que um território, um país, que nunca foi independente, não podia ser «descolonizado».

Astúcias e promessas não cumpridas

Não causou espanto o facto de a 10 de Fevereiro de 1943, um Movimento Nacionalista, agrupado em volta de um «leader» mais moderno, mais dinâmico, Ferhat Abbas (mais tarde deputado francês, impregnado de cultura ocidental contando com numerosos amigos no mundo político de Paris) ter lançado um «Manifesto do Povo Argelino», a fim de obter a igualdade dos direitos políticos e económicos para os mais de nove milhões de compatriotas.

As modalidades, e mais ainda, os prazos dessas reivindicações não eram claros. Os que os formulavam divergiam na forma. Um desses erros trágicos que a história não perdoa foi que os homens que estavam à frente da França na altura da libertação, a começar pelo general de Gaulle e depois os seus sucessores, preferiam ser astutos, tergiversar, prometiam medidas incompletas, autonomia interna, etc., nunca cumpridos.

CORDOS DE EVIAN A NA ARGÉLIA



Ben Bella com Nasser

escolares argelinos de hoje) foram massacrados.

Medidas incompletas: uma lei de amnistia para a libertação de Ferhat Abbas e de Messali, ambos presos, a partilha da Argélia em departamentos franceses (1947), a criação de uma assembleia argelina, etc. — eram tardias e insuficientes. Tanto mais que mesmo elas não eram observadas, respeitadas. A maior parte das vezes eram mesmo claramente violadas.

A decepção foi tanto mais viva quanto vários governadores eram liberais, como Jacques Soustelle, ou socialistas, Naegelen, Lacoste, assim como o presidente do conselho francês Ramadier. Todos eles tinham estado na oposição, tinham defendido soluções igualitárias.

Um acordar brutal

O semanário, em língua francesa, «*La République Algérienne*», que Ferhat Abbas redigia, na Casbah de Argel, era regularmente editado com colunas inteiras censuradas. Nem por isso ele deixava de ter «confiança» no concurso do povo francês para trazer à razão das oligarquias, com mil privilegiados europeus e muçulmanos que dominavam o país». Portanto quase um por cento da população.

Mais esses «pequenos brancos» tinham a ilusão de ser os senhores mais morais que verdadeiros da Argélia, mesmo que, de facto, vissem pouco melhor do que a masa dos muçulmanos com quem teriam tudo a ganhar entendendo-se.

Apelos, advertências, caíram no vazio. O mínimo entrave aos seus pretensos interesses pareciam de tal modo sem fundamento aos mais ou menos ricos, a situação aos seus olhos tão limpa e sem nuvens, que, à excepção de uma ínfima minoria, a brutal insurreição de 1 de Novembro de 1954, com as suas violências, as suas vítimas inocentes, deram-lhe a impressão de um trovão injusto, não merecido, que ninguém esperava.

Nesse dia de Todos os Santos, um jovem casal de professores franceses, notoriamente pró-árabes, os Monnerot, assassinados nos Avrès, foram as primeiras vítimas. Provando o absurdo aparente do acontecimento, que se parecia mais com uma série de ac-

ções terroristas do que com uma verdadeira revolução.

Ajuda e protecção de Nasser

Só na aparência, porque se sabe hoje que desde 10 de Julho de 1954 fora constituído em Berne, sede do futuro FLN, um Comité Revolucionário, o CRUA, que compreendia, entre outros, Ben Bella, Belkacem Krim, Ben Boulaid, etc. Ele dividia a Argélia em seis willayas (regiões militares), e a sua primeira tarefa foi pedir ajuda e protecção a Nasser, cujos sentimentos perante o Ocidente ainda não eram claros, mas que, isso era certo, sonhava tornar-se o Libertador - Unificador do mundo árabe.

Foi numa entrevista decisiva, no Cairo, a 10 de Outubro, que o CRUA recebeu algumas promessas, na altura vagas, do Raïs. Também teve provavelmente contactos com emissários soviéticos. Os serviços secretos franceses no Egipto não sabiam nada.

Porquê essa pressa, quase precipitação sobre concursos... poderosos esperava contar o Movimento num país que, visto do exterior, não dava de modo algum a impressão de se encontrar em estado pré-insurreccional? Um país em que, para além da força militar francesa, centenas de milhares de colonos estavam prontos a defender o «statu quo», se necessário de armas na mão.

Mendès-France: «A Argélia será sempre francesa»

A resposta é simples: a França acabava de sofrer um dos mais dolorosos fracassos coloniais da sua história, em Dien Bien Phu, na Indochina. Fora paa aí salar o que era possível, que o ultra-liberal, notoriamente anti-colonialista Pierre Mendès-France fôra chamado ao poder. Ninguém pensou que ele lá estivesse muito tempo. Tinha muitos detractores, muitos inimigos.

A surpresa nem sempre é, porém, uma premissa do sucesso. Ela era tão grande nesse dia 1 de Novembro de 1954 que ninguém queria tomá-la a sério. Não se tratava de uma explosão local em determinada cidade ou região mas em todo o território, tudo sem a orquestração dos medias, como hoje diríamos. «Os departamentos da Argélia constituem uma parte da República Francesa. Eles são franceses há muito e de modo irrevogável», declararia Mendès-France no dia 12 de Novembro, na Assembleia Nacional.

Depois da recusa categórica do homem do armistício na Indochina, que dera a independência à Tunísia, quem teria ousado ser menos intransigente com os «rebeldes» da Argélia? Iniciou-se então uma guerra sangrenta, impiedosa, de oito anos, que custaria dezenas de milhares de mortos à França e centenas de milhares aos «insurrectos» antes de terminar, lamentavelmente, desastrosamente em todos os planos para a antiga potência colonial.

Dez anos antes, uma autonomia

Ter-se-ia podido evitá-la e, uma vez iniciada, terminá-la mais rapidamente, mais «horrorosamente»?

Evitá-la, sem dúvida alguma. Em 1944, portanto dez anos antes do dramático dia 1 de Novembro, expulsos os alemães da África do Norte, muito poucos nacionalistas argelinos, mesmo os mais ultras, preconizavam uma ruptura total com a França. Tanto por razões económicas, elos culturais, que, por causa da presença de mais de dez por cento de colonos europeus, entre eles quadros preciosos, no seu solo.

Eles teriam aceitado de boa vontade uma **autonomia-interna-associação**, com duas condições: 1) Que Paris cumpra, execute e não se limite a assinar os seus compromissos; 2) que os colonos, «ricos» e «pobres» admitam, reconheçam lealmente os dados mudados da situação, respeitem a igualdade completa dos direitos cívicos, a dignidade humana. Que as grandes propriedades sejam partilhadas, o ensino desenvolvido, com igualdade das possibilidades de ascender a todos os lugares, etc.

«Antes o suicídio do que concessões!»

Reivindicações que nada tinham de excessivo.

Ora se em Paris havia um consenso bastante largo, sobretudo nos meios intelectuais, mas também políticos, para as aprovar, a oposição à sua aceitação-aplicação era considerável, mesmo depois da «departamentalização», e mesmo da insurreição! A cegueira dos colonos, uns apegados às suas imensas fortunas, os outros aos seus pedaços de terra, o mesmo que travara, retardara a descolonização na Índia, no Congo e noutros lugares, não foi decerto em parte alguma tão absurda como na Argélia, com a divisa: «Antes o suicídio e a morte do que concessões!»

Quando meses depois Mendès-France caiu, como se previa, a opinião pública francesa depressa se cansou dessa guerra para onde eram mandadas, a pouco e pouco, unidades do contingente. Circulavam rumores: o Exército teria utilizado métodos «inconfessáveis», entre eles a tortura, a fim de ripostar à guerrilha.

Em 1956, o governo do socialista Guy Mollet já era obrigado a manter lá 400 mil homens (!) tanto mais que Nasser, zangado com o Ocidente devido à expedição de Suez, ajudaria cada vez mais abertamente os «rebeldes».

Uma provocação: o rapto de Ben Bella

O que complica, prejudica toda e qualquer possibilidade de negociações, ou acordo, é o facto de a 20 e 21 de Outubro Ben Bella e mais quatro chefes da insurreição argelina, depois de terem elaborado um projecto de compromisso com o sultão de Marrocos e seu filho, que também devia ter o aval de Bourguiba, antes de ser submetido a Guy Mollet que lhe era, em princípio, favorável, terem tomado o avião pessoal do soberano para Tunis. São interceptados por aparelhos franceses e levados para Argel.

Este golpe, com algo de provoca-



De Gaulle

ção, e de consequências desastrosas, é montado pelo Serviço de Contra-Espionagem que dependia, em Paris, de um único subsecretário de Estado, mas essa «proeza» é saudada com tanto entusiasmo pelo homem da rua, mau juiz, mal informado, que imagina que só por si essa captura pode pôr fim à guerra, que o chefe do governo não ousa protestar nem mesmo fazer libertar os prisioneiros-reféns.

Na realidade esse gesto prolongará a duração da guerra vários anos, modificando o seu curso — e o seu resultado — em detrimento da França. O fosso alargará agora incessantemente, entre uma metrópole, que sabe que a insurreição não pode ser vencida pelas armas, e os colonos europeus, de cepa francesa, espanhola, judia, que só tinham em conta a superioridade militar real, mas estéril, reclamando a intensificação das operações, com exclusão de toda a solução política, para acabar com tudo aquilo o mais depressa possível.

Enquanto os governos, impotentes todos eles, se sucedem em Paris, forma-se um «complot» em Argel. O ermita de Colombey, popular do outro lado do Mediterrâneo, tanto junto dos europeus como dos muçulmanos, não seria de novo, pensam eles, «o homem providencial» capaz de restabelecer miraculosamente a paz, só pelo seu prestígio, entre as várias etnias?

Um cenário digno de Maquiavel

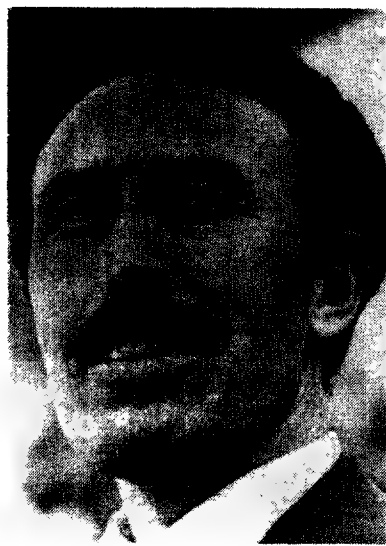
Uma grande cena é representada no dia 13 de Maio de 1958 no Forum de Argel. Aclama-se o nome de De Gaulle que, no fim de Junho, depois de um minigolpe de Estado, «cedendo às solicitações», retoma o Poder em França e instalará, por referendo, a V República, no dia 1 de Janeiro de 1959, de que será, evidentemente, o presidente.

O cenário, digno de Maquiavel, é, na verdade, construído num engano gigantesco. A direita da Metrópole, junta aos «brancos» da margem em frente, votam, conduzem em triunfo o homem que lhes gritará, jurará: «Compreendi-os!» O que no seu espírito devia significar: lutar se necessário pela «Argélia francesa». Mas que, na verdade, significava: encontrar uma solução o mais razoável, o mais realista possível.

Seria necessário que, para o conseguir, De Gaulle tenha jogado claramente, cinicamente, duplo jogo, declarando: «Enquanto eu estiver aqui, a bandeira do FLN não flutuará sobre a África do Norte», ao mesmo tempo que fazia negociações secretas e falando da «paz dos bravos»?

Do «putch dos generais» à OAS

Quando, depois da dúvida, a decepção se tornou geral, o que devia acontecer, produziu-se: nos dias 22 e 25 de Abril de 1961, «putch» dos generais



Houari Boumedienne

Salan, Challe, Jouhaux, Zeller, em Argel, exigindo a continuação da guerra até à «vitória final» e, por ricochete ao retardador, um pronunciamento na Metrópole «que tinha perdido o seu sentido do que era nacional». Pois não havia uma maioria de setenta e cinco por cento a aprovar a autodeterminação na Argélia?

Tentativa suicida que fracassaria tão lamentavelmente como o Movimento de desesperados da OAS (Organização do Exército Secreto), que operando através de atentados e terrorismo nas duas costas do Mediterrâneo, destruirá as últimas possibilidades de um compromisso honroso, «in extremis». À violência dos «brancos», os muçulmanos, que agora sabiam ter ganho, responderam, por sua vez, através da violência e da intransigência.

Uma primeira conferência para sair do trágico atoleiro tem início em Evian. Fracassará, porém, no que diz respeito ao Sahara, que a França, que lá descobrira petróleo, queria, na verdade, conservar. De Gaulle é obrigado a ceder também neste ponto. Uma segunda tentativa correrá melhor. Depois de mil peripécias, a 3 de Julho de 1962, sempre em Evian, no fim de uma guerra impiedosa de noventa e dois meses, a França reconhece a independência da Argélia.

Demasiado ódio acumulado

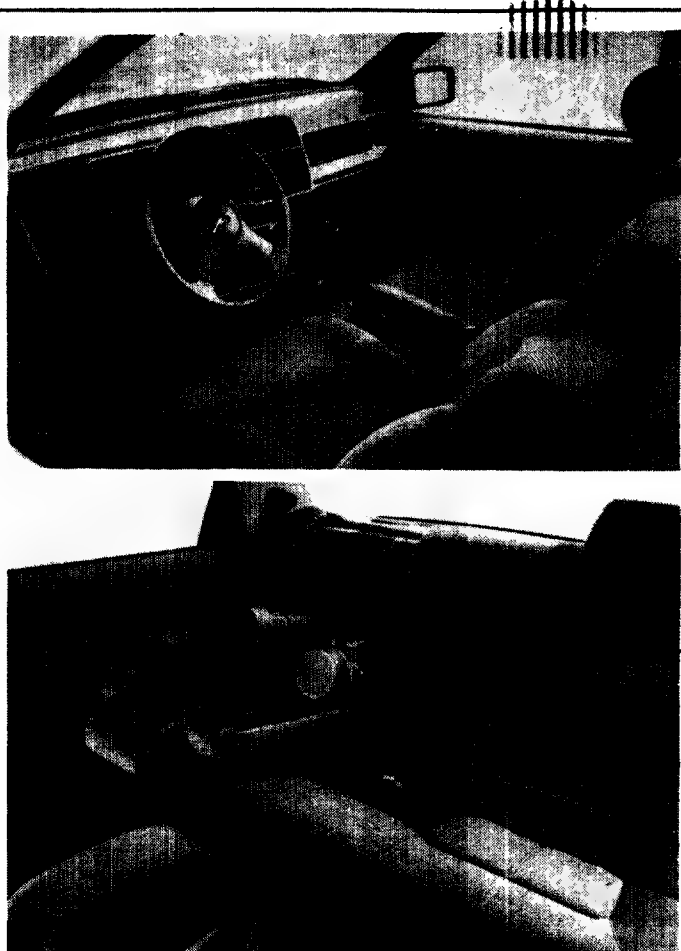
Cinquenta dias depois, a 22 de Agosto, dá-se o atentado, falhado milagrosamente, contra o general, no Petit Clamart, perto de Paris. Ele fora preparado, perpetrado por aqueles que não lhe perdoavam tê-los «traído», e «vendido» a Argélia.

A verdade é que esta fora perdida, sobretudo pela falta de visão, pelo fanatismo, pelo egoísmo cego dos que lá viviam e esperavam continuar a viver. Tanto os colonos ricos como os **pieds-noirs** geralmente pobres, que resolveram acabar os erros das dezenas de anos de colonialismo, com o fogo de artifício sangrento da OAS e o seu equivalente árabe do FLN.

Por mais que os acordos de Evian tenham codificado uma «cooperação privilegiada e leal», a salvaguarda de todos os direitos, etc., o ódio acumulado durante oito anos de hostilidades e, sobretudo o seu epílogo de paroxismo terrorista recíproco eram tais que a quase totalidade dos europeus acharam mais prudente partir, fugir.

Foi destruindo a sua vida profissional, pessoal, que tiveram de reconstruir depois, muitos deles com sucesso, em França, privando ao mesmo tempo o jovem estado independente de preciosos elementos humanos, económicos e sociais, valores que, um quarto de século depois, ainda não foram inteiramente substituídos.

Balanco desastroso, em mais de um plano, de uma guerra que nunca devia ter rebentado, nem durado oito anos.



Gama Ford Sierra 87

EVOLUÇÃO AO ENCONTRO DO MERCADO

Augusto Vilela

Com inegável sucesso nos países onde a sua oferta foi mais intensa, o Ford Sierra constituiu um dos modelos mais importantes lançados pela Ford nos últimos anos, um daqueles modelos que influenciam decisivamente toda uma filosofia de produção e de mercado, tornando-se um carro de prestígio no seu segmento, mas competitivo em preço. O Sierra fixou um conceito de carro em que a comodidade, as performances, a estética e a fiabilidade se conjugaram no equilíbrio e no compromisso perfeitos. Foi ao mesmo tempo um factor de evolução. Entre um Sierra e um Scorpio são grandes as diferenças. Pode mesmo dizer-se que um não tem muito a ver com o outro, mas duvidamos que, sem o Sierra, alguma vez a Ford tivesse chegado ao Scorpio tal como o conhecemos.

Inicialmente apresentado com uma carroceria bi-corpo, que ainda continua a fascinar muita gente, a nova geração Sierra para 1987 evoluiu ao encontro da sensibilidade dos clientes e das tendências de um mercado cada vez mais dinâmico e competitivo, apresentando-se agora numa carroceria de três volumes que altera substancialmente a estética do modelo anterior mas não tanto que o descaracterize.

Os novos modelos são apresentados em versões de três e cinco portas, «sta-

tion» de cinco portas e Sedan de quatro portas, com opções de motores 1.6 OHC, 1.8 OHC, 2.0 OHC, 2.0 Inj. com catalizador, 2.0 Inj., 2.8 V6 e 2.3 Diesel.

Alargou-se assim a possibilidade de escolha numa gama familiar que responde de forma altamente positiva às exigências do mercado.

Excelentes performances e economia de combustível, altos níveis de equipamento, vasta possibilidade de opções e um excepcional comportamento em estrada

são a síntese desta nova gama.

O que há de novo

Exteriormente a gama Sierra 87 distingue-se por uma nova construção da parte dianteira, novo «capot» descendente até ao nível do para-choques e novos e potentes faróis homofocais.

A superfície vidrada foi aumentada permitindo melhor visibilidade.

Entre outras características da nova gama Sierra incluem-se: possibilidade de opção de travões antiblocantes em todas as versões; nova calibragem dos ajustes das molas e amortecedores da suspensão totalmente independente, usando a experiência ganha nos programas Sierra RS Cosworth e XR4x4; estrutura da carroceria revista e de maior rigidez, com pilares do parabrisas cheios de espuma e com novas borrachas nas portas, para maior redução dos ruídos; novos parachoques em policarbonato com enchimento de espuma e frisos laterais da carroceria em todas as versões; comandos e instrumentos agrupados em zonas de trabalho ergonomicamente definidas, novos instrumentos de maior precisão, opção de montagem

de ar condicionado e de desembaciamento rápido do para-brisa; guarnições interiores das portas de novo padrão, bancos tipo Scorpio com possibilidade de ajustamento lombar e em altura, novos padrões de estofos e cintos de segurança ajustáveis em altura, para um maior conforto; novos fechos das portas de alta segurança, sistema de travagem central de accionamento por motores eléctricos silenciosos e antena de rádio incorporada no desembaciador da janela traseira, para maior protecção.

Se a tudo isto juntarmos os oito motores oferecidos, com potências que vão dos 75 cavalos, com quatro cilindros, a 150 com seis cilindros e caixas de velocidades de quatro e cinco velocidades manuais e uma caixa automática de quatro velocidades com travagem do conversor, bem como seis níveis distintos de acabamento, temos uma gama dificilmente igualável, uma espécie de carro por medida, para todos os gostos.

Em qualquer das versões, mesmo mesma nas mais baixas, está presente um nível de conforto pouco comum.

Ao nível das suspensões houve também importantes melhorias, com molas e

amortecedores especialmente estudados para a distribuição de pesos do novo estilo de carroceria. Aqui também foi utilizada a experiência ganha no desenvolvimento dos modelos desportivos da Ford.

Mas um dos maiores atractivos é o sistema antiblocagem dos travões, igual ao que é montado nos modelos Scorpio, e que pode ser aplicado em qualquer versão da gama Sierra, incluindo o Sierra 1.6 OHC e o Sierra 2.3 Diesel.

Na estrada

Os novos Sierra ganharam notavelmente quanto ao seu comportamento em estrada e mesmo a versão 1.6, a mais baixa da gama, parece bastante mais viva que o seu antecessor. À medida que as cilindradas aumentam o Sierra exprime-se com mais amplitude, aumenta o prazer da condução.

Apesar das suas dimensões, mesmo em estradas estreitas e sinuosas, como era o caso dos percursos em que nos foi dado experimentar algumas versões do Sierra, a condução torna-se fácil. Esquece-se o tamanho do carro. Os resultados de funcionalidade e bem estar conseguidos através de cuidados estudos ergonómicos contribuem para que, com bastante facilidade, um condutor mé-

dio e com um mínimo de sensibilidade, tenha a sensação de se diluir no carro, de com ele formar um corpo único, o que facilita a condução e aumenta a segurança.

As dimensões do carro existem de qualquer modo, mas a direcção, bem desmultiplicada, permite manobras relativamente fáceis em locais apertados, ou aquelas necessárias fugas quando se cruza inesperadamente com outro veículo num gancho apertado.

Mas o elemento mais fascinante é sem dúvida o sistema antiblocagem, que confere ao Sierra níveis de segurança que só podem imaginar-se experimentando. Deve reconhecer-se que este sistema não será o mais silencioso de todos os que existem no mercado mas a sua eficácia pode considerar-se uma das maravilhas da nova tecnologia automóvel, tratando-se, como é o caso, de uma gama com preços internacionais ao nível corrente neste segmento do mercado.

O prazer de fazer uma travagem a velocidade elevada sobre um piso de areia, sem se verificar a menor derrapagem, é uma das coisas que mais poderá satisfazer qualquer condutor, pela sensação de confiança e de segurança que transmite.

lubrificantes

GALP

super

lubrificantes

GALP

GALAXIA

lubrificantes

FÚRIA ESPANHOLA COM SAINZ À FRENTE

Augusto Vilela

enviado especial do «DL»

O Espanhol Carlos Sainz, em Ford Sierra RS Cosworth, foi a sensação esta manhã no Autódromo do Estoril, na primeira prova de classificação do Rallye de Portugal, constituída por um percurso de cinco voltas aquela pista, em séries de dez carros. Com uma condução espectacular, Sainz fez o tempo espectacular de 6.17, à frente do francês Ragnotti, da Renault, com 6.25 e deixando Markku Allen a 10 segundos. Com este resultado, o piloto espanhol ganhou o direito a sair para a estrada na primeira posição. O resultado conseguido por Sainz de modo algum retira o nitido favoritismo dos Lâncias. Disposto do único Sierra bem preparado, com muito mais potência que os seus adversários, era natural que Sainz se impusesse em pista. Esta preliminar do Autódromo já fez os primeiros estragos. O Italiano Vittorio Caneva, ficou pelo caminho com o motor partido e o português Inverno Amaral, com problemas de transmissão viu também a sua continuação na prova comprometida.

Esta primeira prova substitui, como se sabe, as «clássicas» de Sintra marcadas pelo acidente ocorrido no ano passado e que levaria a organização a suprimi-las por razões de segurança.

A fórmula encontrada é pelo menos razoável mas o público correspondeu em menor número do que se esperava. De qualquer modo o espectáculo compenhou.

Tratou-se no entanto, como já foi referido, de uma simples preliminar que pouca influência poderá ter no desfecho do Rallye. Os tempos conseguidos em pista são uma coisa e na estrada são outra.

Por outro lado, a instabilidade do tempo, com os con-

correntes em grandes dúvidas sobre as condições atmosféricas que vão encontrar pela frente.

Para os homens da Lância não houve surpresa. «Era o que eu esperava ver na frente o Sierra com os seus 300 Cavalos», disse-nos Nino Russo um dos responsáveis da equipa.

Aliás já nos treinos efectuados segunda-feira, Carlos Sainz havia sido o mais rápido.

«O que não estava nos meus planos era o tempo de Biasion que esperávamos fosse o mais rápido. Está numa posição que eu não esperava».

A explicação acabaria por dá-la o próprio piloto ao



Homens da Lancia: o sorriso da confiança



Timo Salonen: 11.º lugar à saída para o Montejunto

explicar-nos que logo na primeira volta, com os pneus frios, teve uma derrapagem que por pouco lhe originava um pião. Depois passou a andar dentro do seu normal.

Mal terminada a sua prova os Lâncias recolheram às assistências a fim de serem preparados para a etapa de estrada. Tratou-se essencialmente de mudar pneus e suspensões. Estas serão as mesmas utilizadas em Monte Carlo com piso seco e com as afinações adequadas.

Nino Russo revelar-nos-ia ainda que a sua equipa não terá «lebres» ou melhor, serão três «lebres» na estrada. De qualquer modo não esperam chegar à Póvoa de Varzim no primeiro lugar. Os pisos da primeira etapa são na sua quase totalidade de asfalto, o que dá vantagem aos carros mais potentes. Apenas duas classificativas se caracterizam por pisos considerados maus, o que não é suficiente para grandes recuperações.

Carlos Sainz considera por seu turno que o Rallye só agora começou e não atribuiu uma importância muito grande ao

A NOSSA EQUIPA DE REPORTAGEM VIAJA COM lubrificantes GALP

facto de partir com alguns segundos de vantagem. «O Rallye para mim só agora começa e as maiores dificuldades vou senti-las nos pisos de terra. Já veremos o que se vai passar».

Pouco optimista está Joaquim Santos. Aparentemente dispõe de um carro igual, mas só por fora. «Isto é um carro totalmente de série. É mais um grupo N do que grupo A. De Grupo A tem praticamente só os reforços. De resto falta-lhe tudo: caixa de velocidades, caixa de direcção, barra estabilizadora, suspensões, etc. Neste momento não há peças disponíveis e tudo o que o Sainz tem são peças protótipo. Vou andar e ver mas não tenho condições mínimas».

O melhor português nesta primeira classificativa foi Manuel Breyner, correspondendo assim às expectativas que sobre ele se concentram. Para já andou à frente de Salonen, por

exemplo, que apesar de tudo não terá feito a sua prova sem interesse.

Para a segunda fase desta etapa, os concorrentes partiram do Autódromo às 12.30, seguindo para Montejunto, onde se disputa a segunda classificativa. Depois é um percurso que os levará até à Póvoa de Varzim, tendo pelo meio as classificativas de Figueiró dos Vinhos, Campelo, Serra da Lousã, Préstimo, Vouzela, Freita, Arouca e Pejão.

A Hora ideal do primeiro concorrente na Póvoa de Varzim é às 01.45.

Uma das grandes incógnitas nesta prova será a fiabilidade dos novos carros de grupo A, ainda não suficientemente testados em terrenos difíceis. Este é, também, um dos atractivos da prova. Sabe-se até onde eles podem ir em «performances», não se conhece muito bem até onde resistem.

CLASSIFICAÇÕES (após o autódromo):

- 1º Carlos Sainz (Ford Sierra Cosworth), 6.17
- 2º Ragnotti (Renault 11

- Turbo), 6.25
- 3º Allen (Lância), 6.27

CLASSIFICAÇÃO GERAL (após a primeira prova)

- 1º Carlos Sainz (Ford Sierra Cosworth), 6.17
- 2º Ragnotti (Renault 11 Turbo), 6.25
- 3º Allen (Lância), 6.27
- 4º Kankkunen (Lância), 6.30
- 5º Chatriot (Renault 11 Turbo), 6.30
- 6º Biasion (Lância), 6.31
- 7º Eriksson (Golf GTI), 6.34
- 8º Weber (Golf GTI), 6.36
- 9º Carlsson (Mazda 323 4X4), 6.36
- 10º Manuel Mello Breyner (Renault 11 Turbo), 6.40
- 11º Salonen (Mazda), 6.43
- 12º Joaquim Santos (Ford Sierra), 6.44
- 13º Ni Amorim (Ford Sierra), 6.47
- 14º Recalde (Fiat Uno Turbo), 6.51
- 15º Fisher (Audi Quatro), 6.53
- 16º Jorga Ortigão (Toyota), 6.55
- 17º Sthol (Audi Quatro), 6.57
- 18º Tchine (Audi Quatro), 7.03
- 19º António Coutinho (Toyota), 7.05
- 20º Pedro Sena (Peugeot 205 GTI), 7.05

Horário das classificativas

A emoção já está na estrada e nas próximas horas se o leitor quiser dar um salto até à berma (cuidado com o local escolhido) aqui tem o horário das classificativas:

Hoje — 1.ª etapa

- Fig. dos Vinhos (3.ª PEC) 17.32h
- Campelo (4.ª PEC) 18.12h
- Serra da Lousã (5.ª PEC) 18.49h
- PRÉSTIMO (6.ª PEC) 21.14h

- Vouzela (7.ª PEC) 22.09h
- Freita (8.ª PEC) 23.09h
- Arouca (9.ª PEC) 23.43h
- Pejão (10.ª PEC) 00.02h
- Póvoa de Varzim (Cheg.) 01.45h

Amanhã — 2.ª etapa

- Póvoa de Varzim (Part.) 11.00h
- Fafe/Montim (11.ª PEC) 12.25h
- Fafe/Lagoa (13.ª PEC) 12.55h
- Aeród. de Braga (14.ª PEC) 14.30h
- Arcos/Port. (15.ª PEC) 16.35h
- S. Lourenço (16.ª PEC) 17.15h
- Póvoa de Varzim (Cheg.) 19.00h

O Rallye na TV

A RTP acompanhará a grande competição e se o leitor não puder deslocar-se à estrada, aqui lhe deixamos a sugestão para ver o sortilégio das «bombas» através das imagens:

Hoje

- RTP 1 — Apontamento no Telejornal
- Resumo do dia no «Remate»
- RTP 2 — Etapa do dia, no «Estádio», das 18 às 19 horas

Amanhã

- RTP 1 — 14.05 horas, classificativa de Braga (directo); 21 horas, classificativa de Braga (diferido)
- Apontamento no Telejornal
- Resumo do dia no «Remate»
- RTP 2 — Etapa do dia no «Estádio», das 18 às 19 horas

6.ª-feira

- RTP 1 — Apontamento no Telejornal
- Resumo do dia no «Remate»
- RTP 2 — Etapa do dia no «Estádio» das 18 às 19 horas

Sábado

- RTP 1 — 17.10 horas, classificativa de Coruche (directo)
- Apontamento no Telejornal
- RTP 2 — Resumo no «Troféu 1», das 16 às 20 horas

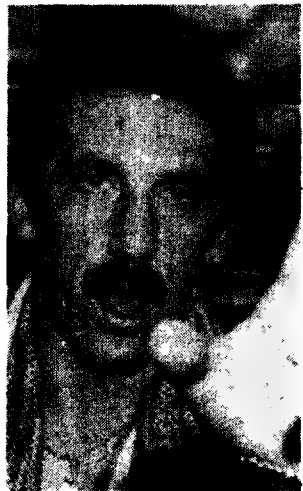
Domingo

- RTP 1 — 15 horas, Slalom do Estoril (directo)
- Resumo no Telejornal
- Balço no «Domingo Desportivo»
- RTP 2 — 10 horas no «Troféu 3»



Bento Amaral em prova

TOITORRES TOYOTA



CARLOS MANUEL: muito mais magro (abateu cinco quilos em consequência de um vírus contraído na viagem do Benfica a Angola) está em grande dúvida para o jogo de Guimarães, porque apenas tem feito exercícios físicos a meio tom e sem forçar.



FERNANDO CABRITA: um princípio de pleurisia tem afastado o conhecido técnico do comando da turma do Estrela da Amadora, apenas se prevendo o regresso ao trabalho ao fim da tarde de hoje, se os médicos assim o permitirem. Boas melhoras, Fernando.



CARLOS VALENTE: em Guimarães, na recepção ao Benfica? ROSA SANTOS em Portimão para dirigir o duelo com portistas? Muito natural, face à informação já transmitida aos dois árbitros de que estão nomeados para «jogos muito importantes, no próximo sábado». Portanto, plena realidade para a nossa aposta?



Em caso de triunfo em Guimarães

BENFIQUISTAS ARRECADARÃO MIL CONTOS DE PRÉMIO

Ainda que Fernando Martins não tenha feito anúncio público da promessa, consta nos meios afectos ao futebol benfiquista que o presidente do executivo do SLB estará na disposição de determinar que o seu tesoureiro (António Dias) abra os cordões da bolsa e retire de lá 1000 notas de mil para cada interveniente da camisola rubra em caso de triunfo em Guimarães. A intenção é naturalmente fincada no facto de se tratar dum jogo decisivo para a conquista do título, havendo quem associe a «generosidade» do acto à circunstância de que em caso de vitória se torna mais fácil que Fernando Martins vença a concorrência no próximo acto eleitoral e se mantenha na liderança da gestão do clube.

Nunes: será desta?

Consta nos bastidores do Estádio do Bessa que será

hoje o dia em que o brasileiro Nunes — que após assinatura do contrato se deslocara ao Brasil tendo retardado o retorno sem qualquer justificação — chegue para, finalmente, se integrar no plantel dirigido por José Torres.

Lourosa: «chicotada»

O técnico Ferreirinha alegando falta de condições de trabalho, rescindiu o contrato que o ligava ao Lourosa, tendo sido escolhido Joaquim Teixeira (que recentemente saíra do Grijó) para o render.

Jorge Andrade: começou a cobiça

Mercê das excelentes actuações rubricadas ao serviço do Farense, o brasileiro Jorge Andrade começa a receber solicitações para mudar de ares e

o Vitória de Guimarães parece ter já entrado na corrida.

V. Setúbal recusa «petrodólares»

O Vitória de Setúbal declinou um convite para jogar em Bagdade, disse Tavares da Silva, secretário permanente da colectividade sadina, que explicou que «o convite obrigava a equipa a partir no dia 16, jogar a 17 e regressar a 18 de Março e a direcção considerou a viagem desgaste face aos jogos de responsabilidade do campeonato, pelo que não aceitou o convite, que era materialmente bem compensador.

O dirigente do clube salientou que o Vitória, líder da Zona Sul do nacional da segunda divisão, tem como principal objectivo o regresso à divisão principal, pelo que os convites «têm que ser encarados nessa perspectiva».

Chaves-Olhansense «desatam» questão da Taça

Pelas 15 horas de hoje, começa a disputar-se, em Chaves, o encontro (de desempate) entre o clube local e os algarvios do Olhansense para decidir qual deles estará presente nos quartos-de-final da Taça de Portugal. Recorde-se que no passado domingo, e após prolongamento, o jogo ficou-se pelo «nulo» A UM GOLO.

Estrela da Amadora no Iraque?

O Estrela da Amadora foi convidado a fazer deslocar a sua equipa de futebol ao Iraque, onde na 3.ª feira realizaria um jogo com um clube local. O convite dirigido através de Manuel Barbosa (Mercury), será analisado esta tarde e a sua aceitação depende do parecer do técnico Fernando Cabrita.

Atletismo

Centenas de inscritos no "GP" Nauticampo

Mais de 300 atletas de ambos os sexos e dos diversos escalões etários encontram-se já inscritos para o I Grande Prémio da Nauticampo em atletismo que se disputa domingo pelas 9.30 horas. «Esta prova vai ser um ensaio. Para o ano vamos ser mais ambiciosos e fazer uma prova em maior escala» — prometeu Hélder Martins, um dos organizadores da prova.

Segundo aquele responsável, o número de participantes deve subir até um milhar dado que as inscrições estão abertas até sexta-feira.

O percurso terá a extensão de 12 500 metros com partida na Avenida 5 de Outubro e chegada à FIL na Praça das Indústrias, devendo os atletas passar pela Baixa lisboeta.

Como aliciante para a participação maciça dos adeptos do atletismo, os organizadores resolveram atribuir diplomas a todos aqueles que terminem a prova, havendo entre estes um sorteio quanto aos prémios.

Taças e medalhas para os melhores classificados completam os diversos prémios a distribuir pelos participantes na competi-

ção que conta com o apoio da Associação Industrial Portuguesa, da Federação Portuguesa de Campismo e Caravanismo e da Federação Portuguesa de Atletismo. «Para o ano é possível que o primeiro prémio seja um automóvel, o que levará os atletas de alta competição a participar na prova» — prometeu um dos organizadores.



CLUBE RECREATIVO DO FEIJÓ

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do disposto nos Estatutos, convoco a Assembleia Geral a reunir na Sede Social no dia 13 de Março de 1987, pelas 21 e 30 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Eleição dos Corpos Gerentes para o Exercício de 1987/1988.

Não se verificando a chamada o número suficiente de presenças, a Assembleia realizar-se-á uma hora depois, no mesmo local, com igual ordem de trabalhos e com qualquer número de associados.

Feijó, Sede Social, 13 de Fevereiro de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Alfredo da Costa Rodrigues

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

Nos termos do disposto nos Estatutos convoco a Assembleia Geral a reunir na Sede Social no dia 13 de Março de 1987, pelas 20 e 30 horas, com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1.º — Apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas da Direcção e respectivo parecer do Conselho Fiscal.

Não se verificando a chamada o número suficiente de presenças, a Assembleia realizar-se-á uma hora depois, com igual ordem de trabalhos e com qualquer número de associados

Feijó, Sede Social, 13 de Fevereiro de 1987

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
José Alfredo da Costa Rodrigues



MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO
SECRETARIA DE ESTADO DA INDÚSTRIA E ENERGIA

Direcção-Geral de Energia

ÉDITOS

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do Art.º 19.º do Regulamento de licenças para instalações eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, estará patente na Direcção de Serviços Regional, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, 81-3.º, e nas Secretarias das câmaras municipais dos concelhos de Silves e Albufeira, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP — Electricidade de Portugal-EP, Direcção Distribuição Sul, a que se refere o processo n.º 1/2742, arquivo 3861, para o estabelecimento nas freguesias de Guia, Algoz e Albufeira, concelhos de Silves e Albufeira, de uma linha aérea a 60 KV (LI 60-70 Tunes-Albufeira II), com 8117 metros, entre as subestações SE 60-624 Tunes e a SE 60-630 Albufeira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes na referida Direcção de Serviços Regional, ou nas secretarias daquelas câmaras municipais, dentro do citado prazo.

Direcção de Serviços Regional de Lisboa, em 25 de Fevereiro de 1987

Pe'l'o ENGENHEIRO DIRECTOR DE SERVIÇOS

Joaquim Gonçalves dos Santos

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
16.º JUÍZO
ANÚNCIO

Pelo Juízo de Direito desta comarca, nos autos de Execução Sumária registados sob o número 4700, cendentes na 3.ª Secção deste Tribunal, movidos pela Exequente ALMIAF — COERCIO E REPRESENTAÇÕES DE UTILIDADES DOMÉSTICAS, LD.ª contra o Executado ALBINO ALVES DE SOUSA, com última residência conhecida na Alameda Padre Proença, Lote C-2, 8.º Dto, 1500 Lisboa, é este Executado citado para, no prazo de 5 dias, que começa a correr depois de finda a dilação de trinta dias, contada da segunda e última publicação do presente anúncio, deduzir oposição, pagar ao Exequente ou nomear bens à penhora, sob pena a esta se considerar devolvido o direito de os nomear.

O pedido consiste no pagamento da quantia de 42 470\$50, acrescida dos juros de demora que se vierem a vencer-se, bem como das custas e condigna procuradoria.

No caso de vir a deduzir oposição, deverá a mesma dar entrada nesta Secretaria instalada no 8.º Piso do Palácio da Justiça de Lisboa, onde se encontra o duplicado da petição inicial, que fica à disposição do Executado ou de quem o representar.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1987

O JUIZ DE DIREITO,
(Registado)

O Escrivão,
A. Nunes

D.L. 11/3/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA
6.º JUÍZO
ANÚNCIO

Por este Tribunal correm éditos de trinta dias, que começarão a contar-se da data da publicação do 2.º e último anúncio respectivo citando os réus para no prazo de VINTE (20) dias, findo o prazo dos éditos, contestarem a acção que, em extracto, é o seguinte: Que a ré seja condenada a pagar à autora a quantia de Esc.: 1 466 043\$00 proveniente de prémios de seguro, juros vencidos e vencidos à taxa legal, sobre a quantia de Esc.: 804 540\$80 e ainda nas custas finais. Tudo em conformidade com a petição inicial cujo duplicado se encontra na Secretaria à disposição da citanda.

Acção Ordinária n.º 5886, 2.ª secção.

Autor: Companhia de Seguros Império, E.P., com sede em Lisboa.

Réu: Indústria Metalomecânica Abel de Melo, Ld.ª, com sede na Rua 28 de Setembro, Lote 2, Ponte de Frielas, Loures, actualmente ausente em parte incerta.

Lisboa, 87/02/24

O Juiz de Direito,
Lino A. Pinto
O Escrivão de Adjunto,
Fátima Valadas Campaniço

D.L. 11/3/87 — 2.ª Pub.

Graça Oliva:

"A minha luta continua!"

Uma vez mais, nos areópagos da nossa arbitragem voltam-se flechas contra Graça Oliva, talvez porque o juiz que um estúpido acidente atirou para fora dos relvados, depois de ter conseguido as mais altas insígnias do organismo que superintende no futebol mundial, acaba de ser nomeado «instrutor» da FIFA, muito possivelmente estando também a um passo de voo dentro da UEFA e, segundo um bloco de árbitros de diversas zonas do país, considerado o provável futuro presidente do Conselho de Arbitragem.

Recordando que a questão que abalou a arbitragem (e foi movimentada por Graça Oliva) incidiu sobre fortes dúvidas na classificação nacional do juiz de Leiria e, mais tarde, pela aceitação do convite para dirigir o encontro particular que teve lugar no Estádio do Benfica entre as «águia» e o Bordéus (facto que lhe valeu 30 dias de suspensão, castigo que foi aplicado por Silvério Jones, então dirigente dos árbitros e do Vitória de Setúbal — como afirma Graça Oliva), parece, realmente, tempo de não continuar a ser beliscado em afirmações públicas que (afinal) não tolem o seu prestígio. Mesmo além-fronteiras, como garante Graça Oliva:

— Em relação a uma entrevista vinda recentemente a lume, repudio totalmente as afirmações proferidas pelo sr. Pinto de Sousa. Por ora, não digo mais nada: espero que o calendário corra.

Só acrescenta: — O Conselho de Arbitragem não tinha (aliás) qualquer poder para me suspender: essa competência era apenas do Conselho de Disciplina ou do

Conselho de Justiça. Mas, como disse, oportunamente será tempo de vir a lume tudo quanto sei sobre a arbitragem portuguesa e os seus dirigentes.

Graça Oliva, que está quase recuperado de um acidente gravíssimo (sofrido com um tractor, na sua quinta, em Castanheira de Pêra) recebeu recentemente homenagem do Benfica pelos seu 25 anos de associado.

— Nunca o escondi. E sempre lembrei ter (até) praticado ciclismo com a camisola encarnada: alinhei em equipas com João Marcelino, Fernando Bento dos Santos, Edgar Marques, António Parente, José Firmino, Henrique de Castro, Manuel Azevedo, António Adegas e o malogrado Eduardo Nicolau.

Num desabafo:

Porque é que, quase um ano depois, o sr. Pinto de Sousa vem ainda espicaçar o nome de Graça Oliva? Será porque, no seio da arbitragem, é meu firme propósito acabar com a anarquia e o espírito de perseguição a determinados nomes?

É urgente que entreguem a arbitragem aos árbitros e não a dirigentes de clubes. Se for caso disso, arranjo já uma lista com nomes competentes: Joaquim Campos, Manuel Lousada, César Correia, Armando Paraty, Manuel Fortunato. O incrível é que, lá fora (ainda recentemente o disse no México, para João Havelange, presidente da FIFA e meu amigo pessoal) se comenta ironicamente o facto de um ferrenho adepto de clube envolvido no futebol de alto nível ter na mão a possibilidade de nomear os árbitros para os vários jogos que podem interessar à carreira do símbolo de que é associado.

Concluindo:

— Não basta ser mulher de César: é preciso comprová-lo sempre. E chegou a hora do futebol português «autorizar» os árbitros a mandarem na sua classe, a menos que qualquer dia os juizes do futebol também se organizem para mandar nos clubes...

Quero continuar na arbitragem por amor á causa: será com unhas e dentes que a defenderei. Ninguém me vai travar nessa luta!



Graça Oliva: persistência na sua luta

Colectividades

Clube Oriental de Lisboa — assembleia geral no dia 13

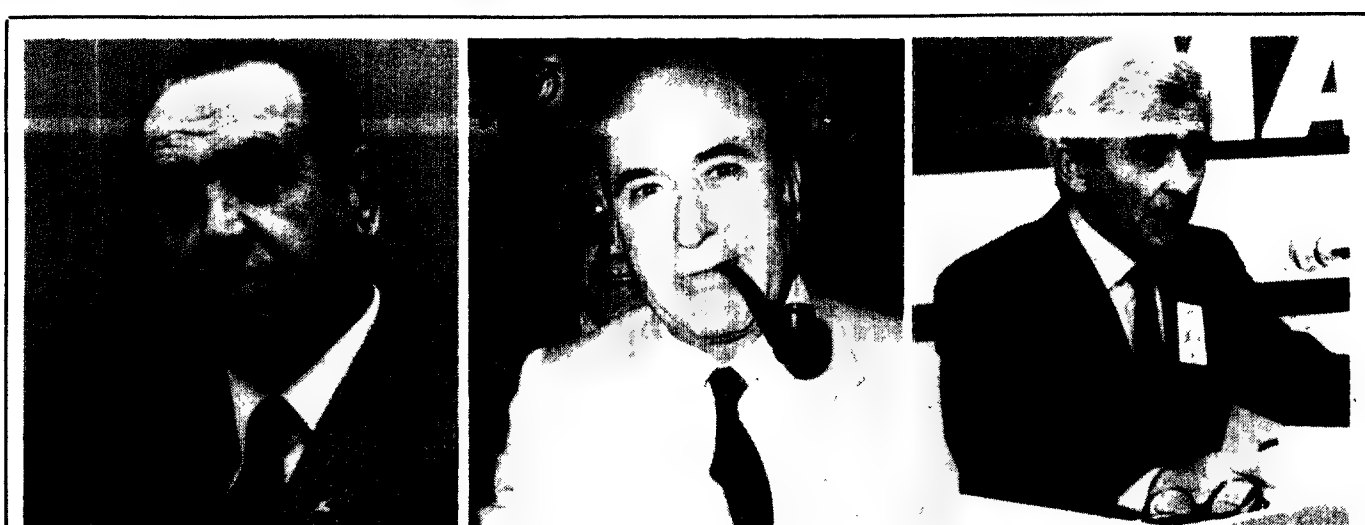
Para eleição dos novos corpos gerentes e tratar de outros assuntos de interesse para o clube, vai realizar-se no dia 13 do corrente (sexta-feira) a assembleia geral do Clube Oriental de Lisboa. A sessão decorrerá na sede social da colectividade sita na Praça David Leandro da Silva, 22, a partir das 20.30 horas.

Alverca volta a organizar torneio de futebol juvenil

O Futebol Clube de Alverca

vai novamente organizar o tradicional Torneio Primavera que decorrerá nos dias 14, 15, 17 e 18 de Abril, em que participarão as equipas do Alverca, Alhandra, Colégio São João de Brito, Sanjoanense, Odivelas e Domingos Sávio.

Por sorteio as equipas participantes foram agrupadas em duas séries, jogando em «poule» numa só volta. **Série A:** Alhandra, Colégio S. João Brito e Sanjoanense; **Série B:** Domingos Sávio, Alverca e Odivelas.



«Todos, todos pelo Benfica»: João Santos, Fernando Martins e Cavaleiro Madeira lutam abertamente pela presidência de um clube de primeiríssimo plano no desporto mundial. A mesma esgrima poderá um dia processar-se em eleições para colectividades dignas mas mais modestas?

BENFICA: QUE FAZ CORRER PARA O LEME?

Três listas de candidatos aos órgãos sociais do Benfica foram apresentadas até às 17 horas de ontem, (prazo limite estabelecido).

As três listas concorrentes às eleições do dia 27, as mais concorridas dos últimos anos no Benfica, são encabeçadas por João Santos (A), Fernando Martins (B) e Cavaleiro Madeira (C).

Apenas uma das candidaturas apresentou o seu programa eleitoral (Cavaleiro Madeira), enquanto duas divulgaram já a lista de associados propostos para os diversos cargos da assembleia geral, direcção e conselho fiscal do Sport Lisboa e Benfica.

Esta semana, e coincidindo com o início da campanha

eleitoral, duas listas têm encontro marcado com a Comunicação Social: João Santos, que até agora contactou pessoalmente alguns núcleos de benfiquistas nos arredores da capital, reúne-se com os jornalistas no Meridien (Lisboa) para comunicar mais pormenores sobre a sua candidatura, e o actual presidente e candidato da lista B, Fernando Martins, apresenta oficialmente a sua lista na sexta-feira à Imprensa, no seu Hotel Altis.

«Esta campanha eleitoral do Benfica vai ser em grande parte inédita, e certamente muito diferente do que o histórico do clube está habituado. Poderá dizer-se que vai ser uma campanha eleitoral à americana», disse um elemento da lista de Cavaleiro Madeira, referindo que só a sua candidatura deve gastar cerca de 20 mil contos na campanha.

Ciclismo: Paris-Nice

Acácio ainda não se mostrou

O belga Eddy Planckaert venceu ao «sprint» a 2.ª etapa da «clássica» Paris-Nice, mas o irlandês Stephen Roche manteve o primeiro lugar da geral.

Planckaert, da equipa Panasonic, gastou cinco horas, 28 minutos e 28 segundos nos 203 quilómetros, batendo sobre a linha de chegada o irlandês Sean Kelly e o britânico Sean Yates. O português Acácio da Silva

não chegou entre os primeiros quarenta.

Stephen Roche comanda a prova com 5.34.24 horas, com 14 segundos de vantagem sobre Thierry Marie, de França, e o suíço Erich Maechler, 2.º e 3.º classificados, respectivamente.

As diferenças são diminutas e o primeiro (Roche) tem apenas 55 segundos de avanço sobre o 20.º (Kim Andersen, Dinamarca).

Os 10 primeiros da geral são:

1.º Stephen Roche, Irlanda, 5h34m24s; 2.º Thierry Marie, França, a 14 segundos; 3.º Erich Maechler, Suíça, mt.; 4.º Bruno Leali, Itália, 18; 5.º Charly Mottet, França, 21; 6.º Urs Zimmermann, Suíça, 23; 7.º Claudio Chiappucci, Itália, 28; 8.º Laurent Fignon, França, 29; 9.º Walter Magnano, Itália, mt; 10.º Joergen Pedersen, Dinamarca, 30.

Golfe no Estoril

Portugal vence "Torneio das Nações"

A selecção de Portugal, formada por José Sousa e Melo e João Santos conquistou o 1.º lugar no torneio das Nações, prova do calendário federativo, e que se inseriu na «Semana Internacional do Estoril» que tem vindo a desenrolar-se no campo do Clube de Golfe do Estoril desde o passado sábado. Na competição feminina o triunfo pertenceu à selecção de Espanha, formada por Mari Carmen Navarro e Sónia Wunsch.

Este importante torneio foi disputado em 36 buracos, dos quais 18 no sistema «foursomes» e 18 em singulares e abrangeu cerca de oito horas. A soma dos três resultados determinou a

classificação de cada equipa. Uma referência às boas condições atmosféricas e ao bom estado do campo.

Classificação da prova masculina:

1.º, PORTUGAL (78 - 74 - 72) = 224; 2.º, RFA (72 - 73 - 81) = 226; 3.º, Espanha (78 - 75 - 74) = 227; 4.º, Holanda (86 - 73 - 75) = 234; 5.º, Finlândia (82 - 75 - 80) = 237; 6.º, Áustria (83 - 80 - 77) = 240.

Classificação da prova feminina: 1.º, Espanha (76 - 77 - 72) = 225; 2.º, RFA (72-78-75) = 225; 3.º, Bélgica (76 - 74 - 83) = 233 e 4.º, PORTUGAL (81 - 77 - 800) = 244.

Face à igualdade entre espanholas e alemãs o desempate,

segundo o regulamento, foi favorável às espanholas pela melhor soma dos dois resultados singulares.

A formação portuguesa, que decepcionou, integrou Teresa Abecassis e Graça Medina, esta notoriamente destreinada e a primeira muito infeliz.

Boa organização, muitos espectadores e assinalado espírito desportivo de todos os concorrentes.

Hoje prossegue a «Semana» com o início do 58.º Campeonato Internacional de Portugal, também do calendário federativo, na fase de apuramento. Este campeonato alongar-se-á até domingo.

"Nacional" de hóquei em patins

"Águia" e "dragões" patinaram

O FC Porto, apesar da derrota (2-1) no recinto do seu rival mais directo, a Oliveirense, manteve o comando do campeonato nacional de hóquei em patins da primeira divisão, após 23 jornadas.

Os portistas somam, com esta derrota, 61 pontos, estando a Oliveirense em segundo lugar, com 57 pontos, seguida do Sporting, com 56.

Os resultados completos da ronda foram os seguintes: Oliveirense - FC Porto, 2-1; Vialongo - Ferpinta, 3-9; Famalicense - Barcelos, 0-8; Juventude de Viana - Sanjoanense, 4-3; Parede - Benfica, 5-4; Sporting - Sesimbra, 10-4; Paço de Arcos - Tomar, 4-3.

Classificação:

FC Porto, 61; Oliveirense, 57; Sporting, 56; Benfica, 52; Sp. Tomar, 46; Juventude de Viana, 45; Sanjoanense, 45; Ferpinta, 45; Barcelos, 45; Parede, 44; Sesimbra, 39; Vialongo, 31 e Famalicense, 27.

Mirandela da Costa visitou o Leixões

O director-geral dos Desportos, Mirandela da Costa, considerou prioritária a concretização das obras da bancada do estádio do Mar que se encontram paradas há cerca de dois anos. «Desgosta-me profundamente ver recintos desportivos em situações como esta» disse Mirandela da Costa.

O director-geral dos Desportos falava no final de uma visita que efectuou a várias colectividades do concelho de Matosinhos, no intuito de tomar conhecimento de empreendimentos em curso.

Durante a visita ao estádio do Leixões, Mirandela da Costa, pôde avaliar os trabalhos de construção da bancada, tendo em vista o relançamento daquela obra. Entretanto, sobre o projecto apresentado pelo Padroense Futebol Clube, Mirandela da Costa referiu que «tudo será feito para que este se concretize».

Do empreendimento, cuja primeira fase está orçada em cerca de 95 mil contos, consta a construção de um estádio de futebol bem como a respectiva bancada e obras de apoio. Para a efectivação desta obra o Padroense Futebol Clube conta com a participação do Estado em cerca de 60 por cento, autarquia 20, e os restantes 20 por cento, do clube.

Para a segunda fase está prevista a construção de um pavilhão gimnodesportivo, com lotação para cerca de três mil lugares, e ainda de um ginásio de apoio.

Diário de Lisboa

TORNEIO FUTEBOL SALÃO 66.º ANIVERSÁRIO

Realizou-se ontem, no Pavilhão do Atlético C.P., a 1.ª jornada referente à Série A, com os seguintes jogos e resultados: «A Bola», 4-«Gazeta dos Desportos», 1; «Correio da Manhã», 2-«Diário de Notícias», 3.

Recorreu para a equipa B do «Correio da Manhã» que em «cima da hora» foi convidada para participar no nosso Torneio. Devido ao abandono do nosso colega «Record», pelo que desde já enviamos os nossos agradecimentos, pela sua pronta disponibilidade e compreensão.

Na lista dos melhores marcadores ficou assim arrumada: Miguel Correia («A Bola»), 3

golos; Lobo Pimentel («Diário de Notícias»), 2; Joaquim Rita («A Bola»), José Cunha («Gazeta dos Desportos»); Jorge Antunes («Diário de Notícias») e Fernando Jorge («Correio da Manhã-B»), todos com 1 golos.

Na acção disciplinar: Cartão Branco para, Eugénio Queirós (GZ); António Simões (B). Cartão Amarelo: Eugénio Queirós.

A próxima jornada, realiza-se no próximo dia 14 do corrente mês, com jogos referentes à Série B no Pavilhão Carlos Lopes, às 16 h «Expresso»-«D. Popular» e às 17 h «Semanário»-«D. Lisboa».

Classificação na Série A

	J	V	E	D	B	P
«A Bola»	1	1	—	—	4-1	3
«Diário Notícias»	1	1	—	—	3-2	3
«C. da Manhã-B»	1	—	—	1	2-3	1
«G. dos Desportos» ..	1	—	—	1	1-4	1

8.ª CONSERVATÓRIA DO REGISTO CIVIL DE LISBOA

ANÚNCIO

O Conservador, Licenciado em Direito, Joaquim do Amaral Pereira da Silva, faz saber que Frederico Schiappa Pietra Alves dos Santos, de 22 anos, solteiro, natural da freguesia de Nossa Senhora de Fátima, concelho de Lisboa, e residente na Avenida dos Estados Unidos da América, n.º 71, 3.º Esq., freguesia de Alvalade, concelho de Lisboa, de acordo com o Art.º 347 e seguintes do Código do Registo Civil, requereu nesta Conservatória lhe seja concedida autorização para alteração do nome que lhe foi fixado no assento de nascimento e que é o n.º 2260 desta 7.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa, para Frederico Schiappa Pietra Alves Saramago.

Por isso, se convidam todos os interessados a deduzirem a oposição que tiverem perante a Conservatória dos Registos Centrais no prazo de 30 dias.

7.ª Conservatória do Registo Civil de Lisboa 5 de Março de 1987.

O Conservador,
Joaquim do Amaral Pereira da Silva

D.L. 11/3/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

2.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias, depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da segunda e última publicação do anúncio.

Execução sumária n.º 11.536, 3.ª Secção.

Exequentes — ALMIAT — Com. e Rep. de Utilidades Domésticas, Lda.

Executado — Maria Arminda Cazzella, residente na Torre A, Corpo A, 12.º — Dt.º, Miraflores-Algés.

Lisboa, 18 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)
O Escrivão de Direito
(assinatura ilegível)

«D.L.» 11/3/87 — 2.ª Pub.

“Dom Pedro”: realeza no trato

Distinção gentil, que nos honra: tal como oportunamente registámos nas nossas colunas, o «Diário de Lisboa» e o seu redactor Neves de Sousa foram homenageados com diplomas de «sócio de honra» do Clube Dom Pedro e, simultaneamente, com cartões VIP para todos os hotéis da cadeia Dom Pedro (Vilamoura, Póvoa de Varzim, Braga, Guimarães, o farense Eva e o madeirense Machico).

A festa-abraço, que englobou também prémio idêntico para o nosso companheiro de lides Wilson Brasil («Gazeta dos Desportos») e outros colegas da Comunicação Social («que têm dispensado colaboração na divulgação das iniciativas de Dom Pedro Hotels, quer das acções de Animação Cultural e Desportiva empreendidas pelo Clube Dom Pedro») processou-se em Vilamoura, onde os convidados foram cumulados de gentilezas por uma sensacional equipa de trabalho: Francisco Ribeiro Salgado (director comercial executivo), José Pedro e Simão Simão (respectivamente director e assistente da direcção do Dom Pedro), José Filipe, Fernando Rodrigues e Carla Silva (responsáveis pelas Relações Públicas do hotel), Fernando Branco (o homem-forte do programa de animação) e José Neves de Sousa (chefe de mesa do Dom Pedro e quase-quase homónimo do jornalista). Citação ainda obrigatória para Tony Barnabé (professor de golfe) e para o jornalista Vasco Resende, colaborador do bloco Dom Pedro que rubricou as propostas que mereceram honraria da empresa presidida por Stefano Savio. Uma estrutura que tem ainda ao melhor serviço profissionais como Manuel da Silva, Ferreira da Silva, Carlos Galino e uma vasta turma de gente competente e perfeitamente actualizada.

Durante a permanência no Dom Pedro (de Vilamoura) os jornalistas foram cumulados de atenções: e apenas puderam retribuir funcionando como «júri» de um concurso de dança de salão que não teve

qualquer contestação dos muitos pares concorrentes. Aliás, esse foi um dos momentos agradáveis de um programa especialmente organizado para o evento: um «jogging» com Jesumino, clínica de golfe com Tony Barnabé, música de piano e órgão por Rui Mendes, clínica de ténis por Luís Lopes, passagem de modelos de moda desportiva (com artigos da «boutique» Mustapha, apresentados pelo próprio pessoal jovem do Dom Pedro) e jantar de entrega de diplo-



Francisco Salgado entrega ao nosso companheiro Neves de Sousa o diploma de «Sócio de honra» que lhe foi atribuído pelo Clube Dom Pedro

mas, onde usaram da palavra Francisco Ribeiro Salgado (o director comercial executivo do Dom Pedro), José Pedro (o director das instalações hoteleiras da empresa de Vilamoura) e os jornalistas Wilson Brasil e Neves de Sousa (sócios de honra do Clube Dom Pedro) e companheiros da Comunicação Social, entre os quais Helder de Sousa (RTP), Costa Parente (TV-Guia) e Daniel Reis, também da Redacção do «DL».

qualquer contestação dos muitos pares concorrentes. Aliás, esse foi um dos momentos agradáveis de um programa especialmente organizado para o evento: um «jogging» com Jesumino, clínica de golfe com Tony Barnabé, música de piano e órgão por Rui Mendes, clínica de ténis por Luís Lopes, passagem de modelos de moda desportiva (com artigos da «boutique» Mustapha, apresentados pelo próprio pessoal jovem do Dom Pedro) e jantar de entrega de diplo-

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 6.º JUÍZO

ANÚNCIO

São citados os credores desconhecidos que gozem de garantia real sobre os bens penhorados aos executados para reclamarem o pagamento dos respectivos créditos, pelo produto de tais bens, no prazo de dez dias depois de decorrida a dilação de vinte dias, que se começará a contar da 2.ª publicação do anúncio.

Execução de Sentença n.º 2 059-A, 3.ª Secção.

Exequentes — A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO, E.P.

Executado — ZONACOP — META-LO MECÂNICA MONTENSE, SCRL, com sede na R. da Estação, 44-46, MOITA Lisboa, 23 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito
Vitor Manuel Pinto Ferreira Mesquita
O Escrivão de Direito
Maria Antonieta Tavares Sousa Gomes

D.L. 11/3/87 — 2.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE OBRAS

ANÚNCIO

Na segunda secção do segundo Juízo deste Tribunal Judicial de Oeiras, correm termos uns autos de Execução de Sentença registados sob o n.º 33/A/79, em que são exequente a Companhia de Seguros Império, E.P., com sede em Lisboa, e executada Maria Adelaide Seabra Gonçalves, residente na Rua José Guilherme de Oliveira 10 — Santo Amaro de Oeiras, e actualmente em parte incerta, e nestes autos correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do respectivo anúncio, citando os credores desconhecidos para, no prazo de dez dias, posterior ao dos editos, deduzirem os seus direitos na execução acima indicada.

Oeiras, 24 de Fevereiro de 1987

O Juiz de Direito
(assinatura ilegível)
A Escrivã
(assinatura ilegível)

D.L. 11/3/87 — 2.ª Pub.

EXPOSIÇÃO E VENDAS DE MATERIAL DE CAMPISMO

* de 13 a 29 de Março, no Palmeiras Shopping, na Quinta Das Palmeiras, em Nova Oeiras.

* Preços especiais de abertura de época em CARAVANAS — ATRELAÇOS — TENDAS — SACOS DORMIR — MOCHILAS — MOBILIÁRIO PARA JARDIM

VISITE-NOS:

MARISOLO, LDA. — Av. da República, 38, Loja Esq.
Telef.: 247 07 38
PAREDE

Viu-se no CAM

DANÇA EUROPEIA CONTEMPORÂNEA: DUAS FORMAS DE ENTENDER A EMOÇÃO

Rui Eduardo Paes

O Grupo Rosas de Anne Teresa de Keersmaecker e Karine Saporta com o duo de dançarinos Marceline Lartigue e Hideyuki Yano foram os pontos mais altos de um ciclo de dança europeia contemporânea que o Serviço Acarte do Centro de Arte Moderna animou na sua sala polivalente desde o passado mês.

Depois de um espectáculo falhado com a Images Dance Company, a oportunidade, portanto, para assistirmos a duas das mais interessantes tendências do bailado contemporâneo, encerrando em si a disparidade das vias possíveis. Karina Saporta com o propósito de reinventar toda uma linguagem coreográfica e Anne Teresa de Keersmaecker subvertendo a gestualidade do acaso e do quotidiano numa abstracção harmonizada.

«Rosas Danst Rosas», o espectáculo que foi apresentado de 24 de Fevereiro a 1 deste mês, estreou-se em 1983, no Festival Kaaitheater de Bruxelas. E foi essa a data para o nascimento do grupo, que para além de Anne Teresa conta com as presenças de Michèle Anne de Mey, Adriana Borriello e Fumiyo Ikeda, todas elas antigas alunas da Mudra,

o Centro de Treino e Pesquisa de Arts Performativas fundado por Maurice Béjart.

As filhas rebeldes de Béjart

Participantes numa estética minimal e repetitiva, é próprio do colectivo a constante organização geométrica e aritmética do espaço, naquilo que será quase como que um sequencialismo esquemático. No entanto, como pudemos ver, a expressividade e a emoção não são excluídas, residindo aí, precisamente, a originalidade e qualidade do Projecto Rosas.

Não por acaso já as quatro jovens haviam sido apelidadas como «as filhas rebeldes de Béjart», e de facto «Rosas Danst Rosas» é um trabalho extremamente tenso, na continuidade das suas cinco secções, nelas se envolvendo



Anne Teresa De Keersmaecker, com «Rosas danst Rosas»

caracteristicamente a agressividade e o movimento abrupto e violento com a ternura, a pausa, a lentidão explícita, a feminilidade.

A gestualidade de Anne Teresa de Keersmaecker é composta dos pequenos elementos quotidianos, casuais. Mas o que poderiam significar na sua imediatez ficou entretanto perdido, e nada do que foram se lhes pode ainda reter. São movimentos que se desconstroem, deixam de estar ligados a uma função para se cingirem a outra, já abstracta.

Obsessivos, neste vocabulário coreográfico, o olhar oblíquo, a mão que passa pelo cabelo ou segura um seio, um braço que procura o outro e o prende, o ombro que é coberto e descoberto.

A coordenação é precisa e automática, seja em simultâneo ou disposta em sequências, mas não exclui a casualidade e a variação, porque é esse exactamente o aproveitamento intencional. É neste aspecto que se define a virtualidade do número quatro: todas as relações entre dançarinos são possíveis, um mais três, um mais um mais dois, um mais dois mais um.

Como objectivo está a diferenciação, que de tão imperceptível (o olhar do espectador é divertido, ou seja, distraído do essencial, um essencial que é mínimo) surge surpreendentemente.

A música, assinada por Thierry de Mey e Peter Vermeersch, e a coreografia foram realizadas sincronizadamente. O efeito torna-se hipnótico: algo em que nos possamos fixar pode encobrir uma mudança fundamental, e a verdade é que esta é uma arte da mudança na sua nuance mais íntima.

O espectáculo começou com as bailarinas deitadas, sentaram-se depois em cadeiras e por fim ficaram de pé. São utilizações muito específicas do espaço, definindo à partida as diversas estruturas rectilíneas, diagonais ou circunferentes pelas quais foi preenchido.

Tudo isto é caricatural, claro, porque em «Rosas Danst Rosas» o que se interroga é o discurso coreográfico na sua

própria lógica. Trata-se, em suma, de um estudo de formas.

Afirmou Anne Teresa de Keersmaecker, em entrevista, que com este bailado ela procurou «criar emoções a partir de imagens, saindo da tendência 'limpa' e distanciada no minimalismo americano». Porque, disse-o noutra altura, o que quer levar por diante é o aprofundamento de um paradoxo: «Trabalhar com processos matemáticos e repetitivos parece excluir a dimensão emotiva. Pondo em prática apenas os elementos puramente coreográficos (escolha de movimentos, distribuição do espaço, ritmo, relação entre dança e música, qualidade e energia dos movimentos, formações frases...) este trabalho tende a criar uma forte intensidade dramática».

Na Sala Polivalente do Centro de Arte Moderna, o Grupo Rosas foi aplaudido de pé, e com entusiasmo.

A Paixão Segundo S. Mateus

Os conceitos coreográficos de Karine Saporta exigem outro tipo de apreensão sensitiva. «Une Passion» é um jogo de ambiguidades e de contrastes, principiando logo pelos referentes: por exemplo a banda sonora escolhida, quase toda ela baseada na «Paixão Segundo S. Mateus», e Bach, e o comportamentalismo amoroso retratado tipo cinema de Hollywood.

Exacerbação do romantismo, mas também recurso à estranheza e à inquietação, protagonizadas pela figura de Hideyuki Yano, que durante todo o espectáculo soube iludir o seu próprio sinal sexual.

Dança tematizada, «Une Passion» conta-nos de uma relação a dois, uma relação que cresce nos domínios do delírio. Daí os componentes simbólicos que foram as cordas e os pratos. As cordas relacionaram, fosse por oposição ou por sequência, e não esqueçamos que um dos maiores «leitmotifs» de Karine Saporta tem sido precisamente o problema da comunicação e inco-

municação humanas. Os pratos, por sua vez, simularam a devoração do outro, o amor extremo.

Francesa, de mãe russa e pai espanhol, Karine Saporta recusa qualquer filiação em escolas de influência, desdenhando toda a formação clássica da dança. Descobriu o bailado, curiosamente, por meio dos estudos de Filosofia. Disse mesmo certa vez ter compreendido que a dança e a Filosofia «são a mesma coisa: todo o movimento pode ser analisado e assim podemos inventar até ao infinito. Para fazer um 'ballet' o pensamento tem de ser posto em forma».

O seu propósito de fundo é fazer uma dança feminina, sem dúvida excessiva e perversa, mas também elegantemente emotiva. Os corpos para que coreografa são histéricos e bárbaros, mas misteriosos e sedutores a um tempo.

Inevitável portanto que a coreógrafa seja tão rígida no que respeita ao treino e preparação física e emocional dos bailarinos que trabalham consigo. Têm dito alguns críticos de dança, elucidamente, que Karine Saporta «possui o dom inquietante de sondar o subconsciente» e é essa a aplicação autoritária que executa.

Seja de que modo for os membros da sua companhia têm para si uma larga margem de responsabilidade, no sentido em que também são improvisadores, visto que se trata, nas coreografias de Karine Saporta, de «investigações do mistério feminino», como há quem designe.

De 5 a 8 do presente mês, foi-nos assim possível assistir a este bailado de forte cariz teatral, e mesmo narrativo, muito embora Karine Saporta seja das poucas coreógrafas contemporâneas que conseguiu escapar ao modelismo B. D. que caracteriza muita da dança que hoje se faz na Europa.

Anne Teresa de Keersmaecker e Karine Saporta foram entre nós, em suma, duas formas de como a coreografia de velho continente entende a emoção.



«Une Passion», coreografia de Karine Saporta



Greta Garbo nos seus dias de glória

EXCLUSIVO

GRETA GARBO A SÓS COM A SUA LENDA-1

William Frank

CORRIA o ano de 1923. A administração dos grandes armazéns Paul B. Bergstrom, de Estocolmo, sempre na vanguarda do progresso, decide encomendar a rodagem de um filme publicitário de curta duração.

Procura-se uma jovem bonita e atractiva, se possível empregada nos armazéns para interpretar o principal papel no documentário. Hoje circulam várias versões que tentam explicar como foi possível que entre tantas candidatas tenha sido escolhida Lucila Greta Gustavson. Alguns falam de

«uma milagrosa intuição» de um dos realizadores do filme publicitário, um tal M. King, encarregado de levar até ao fim o projecto dos armazéns suecos. Outros referem-se ao amor sem esperança de um dos chefes de secção dos armazéns Bergstrom, que assim tentaria conquistar os favores da eleita do seu coração.

A verdade é que quando surgiu a ideia de realizar esse filme publicitário como meio de propaganda - à boa maneira americana - a ideia era de produzir uma curta metragem de quarenta ou cinquenta metros, na qual aparecia uma jovem bonita e atractiva mostrando as últimas novidades: vestidos, casacos sombrinhas, sapatos e demais

artigos comercializados pelos armazéns Bergstrom. Para tal estudaram-se várias fotografias de jovens, realizadas previamente pelo próprio M. King.

A belíssima Lucila Greta Gustavson

A análise das fotos resultou num fracasso total já que nenhuma das jovens apresentadas era suficientemente fotogénica. Pensou-se mesmo em contratar uma profissional (bailarina, atriz ou modelo) para prestar provas. No entanto, esta opção revelou-se tão negativa como a primeira. Assim, uma comissão formada por vários membros masculinos do conselho de administração da empresa chegou à conclusão que a escolha de uma actriz para desempenhar esse papel poderia beliscar a boa reputação dos «armazéns para toda a família», uma tradição da empresa Bergstrom e que seria, precisamente reforçada com esse filme.

Começou-se então a realizar uma segunda escolha entre as vendedoras dos armazéns não fotografadas anteriormente. Entre elas apareceu inesperadamente Lucila Greta, cuja beleza e aspecto sonhador chamou logo a atenção do júri improvisado.

«Como te chamas, minha filha?» perguntou a baronesa Schenk, único membro feminino do conselho de administração.

«Lucila Greta Gustavson, para a servir», respondeu a jovem vendedora, muito tímida e intimidada pela situação em que, inesperadamente, se via envolvida.

Cento e vinte e cinco coroas

Depois de fazer várias perguntas sobre a sua família, salário e sobre o seu trabalho nos armazéns, a baronesa, gentilmente, anunciou que a jovem Greta seria a escolhida para realizar o filme. Ao que parece, Greta esteve a pontos de perder o conhecimento quando a baronesa lhe anunciou a sua deíção e, por muito que gostasse de desempenhar aquele papel, não o poderia fazer por não se sentir capaz, por não ser tão fotogénica como a primeira vista poderia parecer e por outras razões semelhantes. A verdade é que Greta Gustavson sempre sonhara ser actriz, à semelhança do que acontecia com a maior parte das jovens suecas da sua idade. Por outro lado, Greta tinha uma irmã três anos mais velha que sempre lutara, inutilmente, por abrir as portas do teatro e do cinema.

Talvez tenha sido esta a razão principal que levou Greta a não falar logo à sua família sobre a proposta que lhe tinham feito. O «acontecimento» provocou uma verdadeira surpresa na sua família e também alguns ciúmes mais ou menos dissimulados. «Que diabo acham eles em Greta?» pensava a sua irmã Alva com amargura. «Tem um rosto vulgar, um olhar perdido, a cara ossuda e um corpo normal enquanto que eu, que sou muito mais bonita, não consegui até agora outra coisa que promessas vagas e frases mais ou menos delicadas mas hipócritas».

O irmão de ambas, Sven, mais não fez que encolher os ombros ao ouvir a notícia. No entanto, tudo correu pelo melhor. O filme publicitário teve enorme êxito entre os clientes dos armazéns e Lucila Greta Gustavson receberia uma recompensa de 125 coroas, o correspondente ao salário de um mês.

Porém, a aventura cinematográfica introduziu uma perspectiva radicalmente nova na vida de Greta, a qual, seguindo os conselhos de alguns dos seus amigos mais chegados decidiu matricular-se na Academia Real de Arte Dramática de Estocolmo. No entanto, a jovem actriz não conseguiu abandonar totalmente a sua timidez e os seus complexos, mesmo depois de ter desempenhado vários pequenos papéis no teatro o que a levava vezessem conta a pensar seriamente em regressar a casa e aos armazéns onde tinha despedido para o teatro e para o cinema. Ninguém poderá afirmar seriamente qual teria sido o seu futuro se, alguns meses mais tarde, Greta não tivesse conhecido um homem extraordinário que iria transformar a tímida e complexada ex-empregada numa das actrizes mais famosas da história do cinema. Esse homem era o realizador Maurice Stiller.

EM PORTUGAL

	1.6h	Min.	Pre.	Av.13h.
Bragança	8	8	0.0	P. nub.
V. Castelo	8	9	0.0	Neblina
Vila Real	8	8	0.0	Temp.
Porto	11	9	0.0	P. nub.
P. Douro				
Coimbra		11	0.0	P. nub.
C. Verde	5	12	0.0	M. nub.
C. Branc.				
Portalegre	13	13	0.0	P. nub.
Lisboa	12	16	0.0	Nevocoso
Fátima	5		0.0	Neblina
Beja	5	1	0.0	Neblina
Évora	14	15	0.0	Neblina
Sagres	14	1	0.0	Encob.
P. Delgada	13	7	0.0	Aéreas
Funchal	16	15	0.0	Temp.

Temperatura em °C • Precipitação em mm

Temp. max. prevista para hoje: Lisboa 17

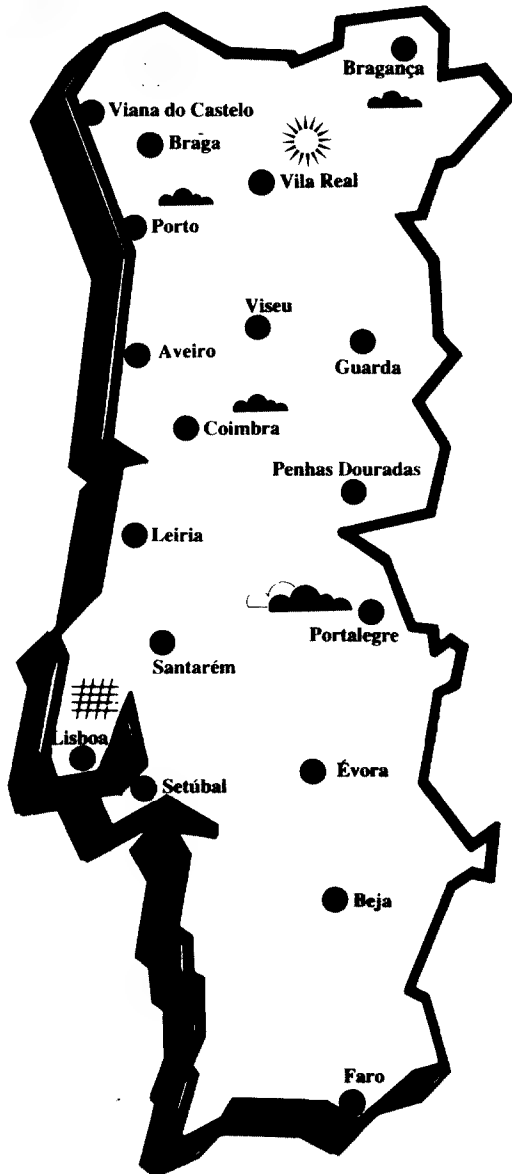
NA EUROPA

	Min.	Max.	Av.13h.
Madríd	5	7	N. nub.
Londres	1		Bruma
Paris	1	2	Temp.
Bruxelas			Temp.
Amesterd.		4	Bruma
Genebra	4	4	Neblina
Roma	9	11	Neblina
Oslo	11	14	Pouco nub.
Copenhaga	7	8	Neblina
Estocolmo	13	15	Temp.
Berlim	7	7	Neblina
Viena	6	6	Neblina
Varsóvia	11	13	Temp.
Atenas	5	4	Chuva
Moscovo	12	16	Pouco nub.

Temperatura em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	1.7h	Min.	Av.13h.
Cataguá	17	29	Nublado
Joanesburgo	14	26	Nublado
Los Angeles	13	21	Nublado
Montreal	15	7	Nublado
Nova Deli	16	29	Temp.
Nova Iorque	5	1	Temp.
R. de Janeiro	21	20	Nublado
S. Francisco	11	16	Chuva
São Paulo	14	22	Nublado
Tóquio		9	Temp.



TEMPO

HOJE

No continente:

Céu com períodos muito nublados, vento fraco, nevoeiros durante a madrugada e manhã. Pequena descida da temperatura máxima.

Estado do mar:

Costa Ocidental: Mar encrespado. Ondulação de noroeste de um a dois metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação fraca.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de noroeste, soprando por vezes com rajadas. Aguaceiros, condições favoráveis à ocorrência de trovoadas. Descida de temperatura.

Estado do mar: Mar de pequena vaga a cavado. Ondulação de noroeste de dois metros na costa Norte e de sudoeste inferior a um metro na costa Sul.

Nos Açores:

Períodos de céu muito nublado. Vento de noroeste moderado no Grupo Ocidental, e fresco a muito fres-

co nos Grupos Central e Oriental, soprando por vezes forte. Aguaceiros especialmente nos Grupos Central e Oriental.

Estado do mar: Mar de pequena vaga no Grupo Ocidental e cavado a grosso nos restantes grupos. Ondulação de noroeste de três a quatro metros.

AMANHÃ

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de sul. Períodos de chuva. Condições favoráveis à ocorrência de trovoadas.

DEPOIS

Céu geralmente muito nublado. Vento fraco a moderado de sul. Períodos de chuva. Condições favoráveis à ocorrência de trovoadas.

MARÉS

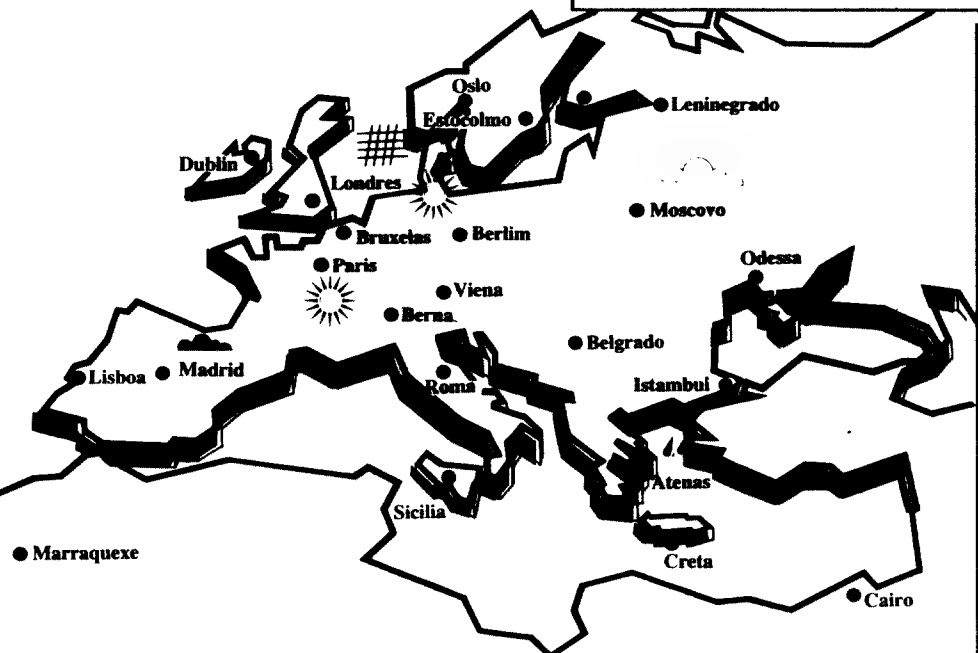
Hoje

Praia-Mar	Baixa-Mar
0.42 3,3 m	6.42 1,7 m
13.11 3,3 m	18.46 1,7 m

Amanhã

1.26 3,5 m	7.17 1,4 m
13.49 3,5 m	1.22 1,4 m

Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.



Informação da agência Lusa

"MÃE CORAGEM" FICOU COM QUATRO

Tanto quanto palmas, protestos ouviram-se no salão nobre do Teatro Nacional D. Maria II, onde pela primeira vez foram entregues os Prémios Almeida Garrett, instituídos como «reconhecimento público da vitalidade» do Teatro português.

Uma peça da última temporada — «Mãe Coragem», de Bertolt Brecht — motivou quatro prémios: melhor produção do ano, para o Teatro D. Maria II e o Novo Grupo, melhor atriz, para Eunice Muñoz, melhor encenador, para João Lourenço e melhor cenógrafo, para José Carlos Barros.

Iniciada com uma homenagem a Amélia Rey Colaço, distinguida com o Prémio Garrett de Mérito, a sessão deu voz aos protestos de um funcionário público de 27 anos, que ali se apresentou vestido de negro e com uma corda atada ao pescoço para receber o Prémio Nacional de Teatro.

Galardoado pela sua primeira obra de dramaturgia, «Trilogia Portuguesa», Miguel Rovisco recusou a parte pecuniária do Prémio — 300 contos — e apenas aceitou a estatueta, criada pelo escultor Manuel Rosa.

Acusou o Teatro Nacional D. Maria II de «má educação» e de falta de interesse pelos novos autores teatrais portugueses por não se ter disposto a levar à cena a sua obra completa, mas só duas das três partes que a compõem.

Miguel Rovisco disse aos jornalistas sentir-se «uma vítima» porque a sua peça ganhou um prémio «por unanimidade» e o Teatro Nacional apenas pôs a hipótese de representar o que lhe interessa e não a trilogia na íntegra.

Mas uma segunda peça sua vai ser levada à cena pelo Teatro Experimental do Porto, já que — como afirmou — «nem só de patine e snobismo vive o Teatro português».

Em resposta, um responsável do Teatro Nacional diria que a instituição «nada tem a penitenciar-se» e que a peça não foi levada à cena por questões de programação da companhia.

Defenda-se o Teatro Aberto

João Lourenço, outro dos premiados, usou da palavra para pedir à secretária de Estado da Cultura, presidindo à sessão, que intervenha para evitar que o Teatro Aberto, em cujo local foi anunciada a construção da sede do Banco de Portugal, seja demolida ou obrigado a fechar as portas.

«Este prémio é como um cigarro que se dá ao condenado antes da execução», disse o encenador.

As palmas que acompanharam esta intervenção redobram quando, em resposta, Teresa Gouveia prometeu que fará «todo o possível» para apoiar o grupo de teatro.

Representados por uma estatueta de um corpo decepado, em metal amarelo, os Prémios Almeida Garrett, no valor de 300 contos cada, pretendem «restituir ao Teatro português o reconhecimento público da sua vitalidade», disse a secretária de Estado da Cultura no final da entrega.

«A criação de um sistema de apoios por parte desta Secretaria de Estado — disse — pode ajudar a acelerar a viragem que se abre para o retomar de um diálogo entre o Teatro e o público, de que vamos tendo indícios prometedores.»

Teresa Gouveia defendeu o lançamento pelo Governo de acções que fomentem não só a produção teatral como a formação profissional e a divulgação, assim como a «criação de uma série de estímulos que possam compensar melhor o talento e o trabalho dos autores, dos encenadores, dos produtores e dos cenógrafos».

A sessão de entrega dos prémios foi ocasião para uma homenagem a Amélia Rey Colaço — ausente devido à lenta recuperação de uma queda e na cerimónia representada pela filha —, que Teresa Patrício Gouveia considerou «uma referência constante de talento, dedicação e despojamento».

A lista dos premiados

Foram oito os prémios atribuídos, para além do Prémio Nacional de Teatro que a partir de agora passará a integrar esta série de galardões anuais, e de várias menções honrosas.

Os prémios referem-se a obras da temporada de 1986.

É a seguinte a lista dos premiados:

Melhor produção do ano: «Mãe Coragem», de Bertolt Brecht, co-produção do Teatro Nacional D. Maria II e do Novo Grupo de Teatro.



«Mãe Coragem e os Seus Filhos» de Brecht

Melhor actor: Rui Furtado em «Sonata dos Espectros», de Strindberg.

Melhor atriz: Eunice Muñoz em «Mãe Coragem».

Melhor encenador: João Lourenço, «Mãe Coragem».

Melhor cenógrafo: José Carlos Barros, «Mãe Coragem».

Melhor produção com texto de autor português: «Teatro de Enormidades Apenas Críveis à Luz Eléctrica», textos de Aquilino Ribeiro montados

por Ricardo Pais no espectáculo que dirigiu com o Grupo Área Urbana de Viseu.

Melhor produção para a infância e juventude: «Nós de um Segredo», de João Brites, com base na literatura tradicional portuguesa, por «O Bando».

Prémio Garrett de Mérito: Amélia Rey Colaço, pela «sua importância no desenvolvimento e dignificação do Teatro português».

Prémio Nacional de Teatro (Extra): Miguel Rovisco, com «Trilogia Portuguesa». Menção Honrosa para Norberto Ávila, com «Dom João no Jardim das Delícias».

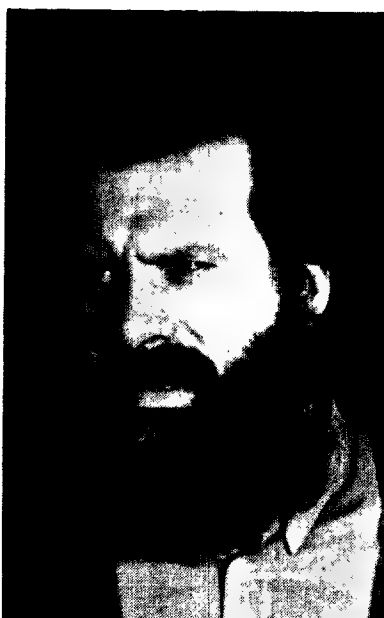
O júri atribuiu ainda menções honrosas no Prémio Nacional de Teatro Infantil a António Torrado, com «Zaca, Zaca, Zaca», a Maria Alberta Meneses, com «À Beira do Lago dos Encantos», e Carlos Correia, com «O Sabor dos Sonhos».



Amélia Rey Colaço



Rui Furtado



João Lourenço



Ricardo Pais



Eunice Muñoz

PALHAÇOS

Carlos Porto

O CONTRA-PALHAÇO, de Hélène Parmelin. Tradução: Christine Zurbach. Encenação: Gil Salgueiro Nave. Cenário, figurinos e adereços: Vasco Fernando. Colaboração musical: Joaquim Domingos Gil. Colaboração plástica: Virgínia Frois. Interpretação: Figueira Cid e João Sérgio Palma. Centro Cultural de Évora/Teatro Garcia de Rezende. Estreia: 7-11-1986 (27-2-87).

O ponto de partida do texto de Hélène Parmelin não é original: trata-se de falar da vida através duma situação circense. As personagens são duas: o palhaço pobre e o palhaço rico, sendo este o contrapalhaço, não no sentido do antipalhaço, mas sim no sentido teatral, de contracenar. O espaço é o ar livre, fora da pista, lugar de trabalho, e da «roulotte» lugar de viagem. É o espaço anterior e posterior ao espectáculo, onde acontece o outro espectáculo, o da vida. Mas esse espaço pode ser também o da pista, onde a vida se transforma em espectáculo.

Se este esquema dramático não é original, o texto de Hélène Parmelin é duma qualidade poética admirável, sem deixar de ser duma forte teatralidade. É pois um grande texto teatral.

Através duma série de sequências, a autora coloca-nos perante comportamentos que resumem a passagem do homem pela terra, do senhor ao escravo, do medo à revolta, do riso às lágrimas, do amor ao

ódio, da guerra à paz, do sonho ao real, da vida à morte. O texto, muito bem traduzido, é um dos mais belos textos teatrais que temos encontrado ultimamente em palcos portugueses, seja ou não para crianças.

Peça naturalmente exigente, não apenas pela sua escrita, a nível da palavra e da frase, cuja comunicação implica um domínio vocal perfeito, mas também no que se refere à sua transmutação em espectáculo teatral, encontrou nos seus criadores do C.C.E. artistas dignos dele.

Tenho visto poucos espectáculos da Unidade-Infância do C.C.E. mas os que vi colocaram-se entre o que de melhor se tem produzido em Portugal neste campo. Este espectáculo confirma-o.

O trabalho de encenação, o ritmo imprimido à acção, a respiração dramática dos diálogos e dos conflitos, a composição física das personagens (o alto e o baixo, o acrobata e o estático, o brilhante e o apagado), a sua expressão psicológica, todos estes elementos constituem um es-



pectáculo de grande qualidade, de grande beleza. É do confronto entre as duas personagens que nasce o que caracteriza cada uma em termos de individualidade, ao mesmo tempo

que ambas se completam como uma humanidade que se enriquece mutuamente.

Os dois actores, Figueira Cid, mais experiente, João Sérgio Palma,

mais jovem, ajudam a essa completude. O espectáculo, o teatro, a vida e a morte, o riso e a amargura passam por eles. Sendo a sua filosofia eles são o seu corpo.



RODAPÉ

As escolas do jazz

Jose Duarte

«Shoenberg n/o deve ser confundido com Debussy — nem, de facto, há razões para crer que o seja. Por isso se diz que Debussy é inconfundível.»

José Sesinando
in «Obra Antuma»

Contrarie-se o tempo e comece-se pelo fim, que é o que está mais próximo de nós... Embora com recentes alterações no seu elenco e certas ausências a concertos marcados, crê-se que o sexteto de «jazz» de Lisboa irá em breve gravar um primeiro disco. Como se sabe, neste sexteto dois dos músicos são do Porto, facto que se vai revelar significativo ao longo desta história.

O trio Xis saiu de estúdio há dias e no disco que gravou se vão revelar as afinidades que Motian/Frisell/Lovano com eles têm.

O quarteto reforçado de Pinho Vargas já podia ter o disco esgotado, dado que foi gravado há meses, mas assim que sair vai ouvi-lo muito na rádio a servir de separador, porque a rádio prefere os melhores instrumentais para usar como separadores.

Para Agosto ainda falta aturar a Primavera, mas já se sabe que a Gulbenkian/ACARTE convidou, para os concertos de Verão, música original de Carlos Martins e os Xis, sem falar de grupos de renome internacional, que aproveitarão para dar experiências aos jovens portugueses. E foi assim que tudo começou há uns anos, já hoje largos.

No Hot Clube de Portugal um músico americano, que por cá estava a ficar, desatou a aliciar instrumentistas para praticarem em conjunto, para se organizarem por naipes de instrumentos, para estudarem a linguagem do «jazz», para combaterem as suas dificuldades.

Estava a nascer a Escola de Jazz do HCP, que tanta importância tem tido na formação da nova geração de músicos que se dedicam à prática desta forma musical. Pois a Escola vai reiniciar os seus trabalhos e as inscrições estão abertas até depois de amanhã. Haverá dois níveis de ensino — principiantes e iniciados — para três áreas: instrumentos (piano, guitarra, contrabaixo, bateria, saxofone, trompete), prática em grupo (pequenas formações de 4 a 7 elementos, tocam e estudam acompanhadas por professor), formação teórica (conceitos harmónicos, técnicas de improvisação, análise musical aplicada à obra dos melhores improvisadores clássicos e modernos, treino do ouvido, formação histórica).

A Escola, para toda esta iniciativa, mantém uma colaboração com a Juventude Musical Portuguesa e conta com o apoio da Secretaria de Estado da Cultura, através da Divisão de Música da Direcção-Geral da Acção Cultural.

E assim ia a prática do «jazz» neste país, até que outra notícia surgiu e que apanhou este repórter de surpresa: a orquestra da Escola de Jazz do Porto. Estreou-se em dois espectáculos no passado fim-de-semana, nas instalações da própria Escola. Por várias razões, o nascimento duma banda grande é um acontecimento importante: primeiro,

porque no «jazz», por cá, não as há, a última nasceu e morreu num ápice, entre uma iniciativa da Gulbenkian/ACARTE e um concerto que celebrava vinte anos duma rubrica radiofónica com cinco minutos, depois porque José Eduardo vive em Barcelona e ele tem sido o animador das «big» bandas, desde a «Girassol» até mesmo a muito do trabalho colectivo na Escola do Hot, a seguir porque reunir, preparar, rodar e apresentar catorze músicos interessados por «jazz» aqui e agora, é obra. Pois tudo isto foi conseguido pela Escola do Porto (os músicos são alunos da Escola) e por Pedro Abrunhosa, contrabaixista que dirige a orquestra. O trabalho começou há mais de um ano e a formação inclui trompete, saxofones, guitarras, flauta, clarinete, contrabaixo, bateria, sintetizador e percussão. A gravação do concerto será apresentada pelo programa radiofónico «À volta da meia noite» no FM Estéreo da Rádio Comercial (00 às 02 h de sábados), para que conste.

Está, pois, assim, Portugal equilibrado, tendo a Norte e a Sul dois focos de estudo e prática do «jazz», que se deseja continuada e que não esmoreça. Só então se poderá vir a perceber para que serve o «jazz».

«... o bombo, porém, n/o se toca com arco. É muito fácil de tocar. Já a flauta é uma gaita.»

José Sesinando
in «Obra Antuma»

FESTIVAL — SOLUÇÃO É O ATESTADO MÉDICO

O crime — espelho doutro crime

Mário Castrim

Estamos ainda todos nós a sofrer o impacto do massacre da Marinha Grande.

Houve quem criticasse o excessivo relevo que ele encontrou nos meios de Comunicação Social.

Num país como o nosso (você sabem, os brandos costumes...) seria muito difícil evitar o alarido informativo. Corresponderia-se ao apetite dos leitores. Depois, em tempo de crise, vender papel ou tempo de antena é uma tentação.

Pela sua força demoníaca julgo que a televisão deveria ter-se moderado. Tudo o que na TV anda é propaganda. Ser vedeta na televisão ao preço de algumas mortes não sei em quantos espíritos parecerá preço acessível. Cuidado, senhores. Recordemos que foi a televisão quem fez o terrorismo.

Duas vezes se ergueram na televisão para trazer um pouco de ordem aos espíritos: o dr. Payne Pereira, no *Telegiornal*, e o dr. Eduardo Cortesão, no *Jornal das Nove*.

O primeiro veio lembrar-nos que o acontecimento não pode desligar-se do conjunto social. De facto, vive-se num clima de violência ou, para empregar a expressão de Payne Pereira, de «banalização da violência», que o mesmo é dizer de incitação à violência. Num país de tantas carências humanas, sociais, culturais, profissionais, uma gota de água pode fazer transbordar o copo. De água, de álcool, de loucura. Será por mero acaso que o desgracado da Marinha Grande envia o seu diário a um jornal que precisamente se caracteriza pelo noticiário sensacionalista?

Mas a maior responsabilidade na banalização da violência cabe sem dúvida à televisão portuguesa. Talvez, diga-se, não estejamos a atravessar, nesse aspecto, a gravidade doutras vezes. Mas o exemplo citado pelo cientista («Dempsey e Makepiece») devia deixar a RTP a meditar nas suas opções.

Eduardo Cortesão negou que se mate por se ser doente mental. Um doente mental pode ser levado a matar pelo «enquadramento social» como pelo «enquadramento social» pode tornar-se inofensivo, pacífico.

De facto, o Homem não precisa só de pão: precisa também de consideração. Sem consideração social, aí temos o fermento do desequilíbrio, do suicídio, do crime. Ou da morte lenta, lenta, lenta e triste, hora após hora sentada nos bancos do jardim.

Como dizia certo detective: todo o crime é social...

Evolução — do avesso

A televisão portuguesa terá muitos méritos. Ninguém (nem

eu muito menos) o discute. Mas o maior de todos será este: provar que a evolução natural se faz em linha descendente, ou seja, com o tempo, em vez de melhorar, piora.

Vejamos o caso das telenovelas. Começa por não haver nenhuma necessidade de imitar uma produção brasileira. Fazendo-o, a RTP não aprende a lição do Brasil, para quem a telenovela representou um processo de aliviar a pressão norte-americana — e para tanto não precisou de copiar nenhum modelo... americano.

Bom, mas foram por aí. Então acontece que, em vez de melhorar a qualidade, a telenovela portuguesa vai descendo. Estamos, em *Palavras Cruzadas*, pior do que estávamos com *Vila Faia*. Devem ter-se enganado nas mudanças.

Outro exemplo (e podíamos apontar muitos mais) está no Festival da Canção. Não sei se alguma vez houve a pioria deste ano. Se quiséssemos usar a palavra certa, teríamos de escrever *horror* com pelo menos cem rr.

E o melhor, por enquanto, é ficar-me por aqui. Sei lá se para o ano que vem ainda virei a ter saudades deste...

Um ladrão — com aspas

«Deixa lá — contentava-me eu a mim, ou a minzinho, tal a doçura do ânimo — deixa lá. Já houve anos em que tiveste de gramas um balúrdio de cantigas. Consola-te. Vais ter apenas seis, e isto à meia dúzia é mais fácil. A sessão começa às nove, conta três minutos para cada modinha, mais os aplausos, mais os votos dos juristas distritais (incluindo as saudações foleiras que logo indicavam a qualidade dos votos) enfim, mais as variedades, etc. e tal e coisa, lá para as onze haverá fumo branco. De qualquer modo, toma um cafezinho.»

Vejam só, leitores, quanta ingenuidade pode ainda ter um cadastrado como eu! A verdade

é que a noite já se encaminhava para a foz (eram quase duas da manhã...) quando subiu o último nome do genérico, do tamanho da língua da Póvoa. Reparam certamente naquele agradecimento à Guarda Nacional Republicana. De facto, só ela poderia manter a ordem entre milhões de espectadores impacientes e descontentes.

E foram os filmes e o bailinho e a voz «off» e as canções de mira técnica e os documentários e o bailinho e a estrelicia e as rendas e «a Madeira é um Jardim» e a voz offgante e o bailinho e um «ballet» e o mar e a pesca e o filme e mais uma canção e o «ballet» e a estrelicia e o documentário e o «ballet» e o bailinho e o artesanato e o bailinho e o «ballet» e o «ballet» e mais «ballet» e a estrelicia...

... e depois veio aquele senhor das mão feiticeiras e também aquilo nunca mais acabava, roubou tudo, até os suspensórios, e tem qualquer coisa de absurdo, num país onde tão descaradamente se rouba, esta ideia de nos entreter com o espectáculo de um «ladrão»!...

... e continuou o bailinho e o documentário e a estrelicia e a senhora historiadora e o artesanato e o «ballet»...

Não era uma emissão: era um pesadelo. Passava da meia-noite quando se lembraram do festival...

Que foi a miséria que se viu. Música, letra (??) um naufrágio de que poucos se salvaram (Hora a hora, dia a dia, imaginem só...) com interpretações ao nível do amadorismo mais Bombeiros Voluntários que se possa imaginar.

Mais respeitinho — pelas casas de banho!

Entretanto, a RTP não prescindia da publicidadezinha, porque a publicidadezinha é a basezinha do negociozinho. Eu cá, enfadado de tudo, lá ia aguentando os «spots» ou como raio de diz.

Tomei boa nota daquele remédio para o reumatismo e vou aconselhá-lo à RTP, coitada,

aos trinta anos ver-se logo atacada pelo ácido úrico, ou lírico ou músico ou que diabo é.

Também quem sabe como viria a propósito aquele tratamento especial, e mui virtuoso, contra piolhos e lêndeas. A RTP saberá as linhas com que se cose.

E os comprimidos contra as dores de cabeça? Formidável, como a RTP pensa em tudo. Dá o café, dá o açúcar. Semeia as dores de cabeça e mostra logo o remédio. Não haverá conluio com alguma internacional das cefaleias?

Aqui muito à puridade acho que a RTP se excedeu no contraponto publicitário. Em pleno festival de canção fazer a apologia do detergente para a casa de banho, com sanita e tudo, francamente! Acho que se deviam poupar a estas situações, divisões tão respeitáveis de um lar como são as casas de banho.

Voltando ao Festival, propriamente dito...

Os 30 — e os 500...

Ainda tive alguma esperança na canção de Pedro Osório. Era uma canção séria, com um problema sério, para pensar e não para ruminar. Uma canção útil, socialmente intervencionista, num país onde vigoram ainda tantos preconceitos de posse amorosa. Com um fio de música tão subtil e tão humilde, como quem nada mais quer senão ouvir a oralidade das palavras...

Perdeu por um voto. Num país como este, quando aquela canção perde apenas por um voto, eu vos digo que o optimismo se justifica.

E agora? Agora acho que a RTP deve desistir de ir ao euro-festival. Não se deve expor a este ponto. Apresente atestado médico, por exemplo. Até é verdade.

Sugere-se à RTP uma alteração. Foi dito que o festival se realizava na Madeira para comemorar os 30 anos da RTP e os 500 anos dos Descobrimentos.

Desculpem, não será o contrário?

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

SALA GARRETT

ESTREIA HOJE ÀS 21.30

ARTHUR

de A. Schnitzler

Dirigido por RICARDO PAIS
Cenários e Figurinos ANTÓNIO LAGARTO
Música ANTÓNIO EMILIANO
Luz ORLANDO WORM
Coreografia PAULA MASSANO

com JOÃO PERRY

ANTÓNIO RAMA CARLOS PIMENTA
FERNANDA ALVES
MARIA AMÉLIA MATA SÃO JOSÉ LAPA

ESPECTÁCULO NÃO ACONSELMÁVEL A M. 12 ANOS
DESCANSO DA COMPANHIA A 2ª FEIRAVIENA 1900
APRESENTA-SEPrograma concebido e coordenado por
JOSÉ RIBEIRO DA FONTE

13 de Março (6.ª feira), 18.30 h

No Salão Nobre do Teatro Nacional de D. Maria II

Lieder de Strauss, Zemlinsky, Mahler e Weber

Marina Ferreira, contralto

Wuno Vieira de Almeida, piano

Apresentação de Augusto M. Seabra

11 de Março a 26 de Abril

No Foyer do Teatro Nacional de D. Maria II

«ARTHUR SCHNITZLER APRESENTA-SE»

Exposição documental sobre a vida e a obra

de Arthur Schnitzler

(de 3.ª a 6.ª feira das 17.30 às 20.30,

Sábados das 15.30 às 20.30)

11 de Março a 26 de Abril

No Átrio do Teatro Nacional de D. Maria II

Viena apresenta um «CAFÉ VIENENSE»

(de 3.ª a 6.ª feira das 17.30 às 20.30,

Sábados das 15.30 às 20.30; encerrado aos domingos)

10 de Março a 9 de Abril

A CINEMATECA PORTUGUESA apresenta SCHNITZLER

em filme

Obras de Cecil B. de Mille, Michael Curtiz,

Max Ophüls, Roger Vadim, Cristina Hauser

(Consultar o calendário da Cinemateca Portuguesa

para informações detalhadas)

12 a 29 de Março

Salão da Sociedade Nacional de Belas Artes

«VIENA 1900 APRESENTA-SE»

Exposição documental sobre Arquitectura, Urbanismo

Artes Plásticas e Artes Aplicadas na Viena da viragem do

século

(de 3.ª feira a domingo das 14 às 20, encerrado nos dias feri-

dos)

TEATRO VASCO SANTANA

Tel. 768609

TEATRO-ESTÚDIO de LISBOA

VEJA TEATRO ÀS 19 H
— A PREÇOS REDUZIDOS —NOVO HORÁRIO: DE 3.ª a 5.ª às 19 h
6.ª e Sáb. às 21h30
Domingos às 16 hSYLVIA
PLATH-
Quem a
matou?

de BARRY KYLE

Trad. M.ª TERESA GUERREIRO

Dir. LUZIA MARIA MARTINS

Mont. FERNANDO FILIPE

INTÉRPRETES (ordem de entrada em cena)

CLARA JOANA * LUÍSA ORTIGOSO *

MANUEL MENDONÇA * MARIA DULCE

O TEATRO ESTÁ AQUECIDO

Sub. SEC

COMUNA

TEATRO DE PESQUISA
PRAÇA DE ESPANHA - T. 728 88 18

TEXTO DE ROGER VITRAC

3.ª MÉS

"VICTOR"

ou

as

crianças

no poder

JAPÊ - F. H. B. (KIAN) - FRANÇAISE

BRÁS E BRÁS * SECLA-FAIANÇA * R. COMERCIAL

DOMINGO

17 H

* VEJA

TEATRO

A PREÇOS

REDUZIDOS

* TERÇA

* QUARTA

* E QUINTA

PREÇO

UNICO:

* 200.00

CAFÉ
TEATROSEXTAS-SÁBADOS
ÀS 23.30 H

*** FARSA

VOCE

MESMO

* * * * *

2 SALAS

2 ESPECTÁCULOS

O MESMO GRUPO

Alfas Triplex

— T. 806496

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00 h

O REI DOS GAZETEIROS

(m. 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15 h

FILHO DE UM DEUS MENOR

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

MONA LISA

(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24 h

A MISSÃO

T. 763319

(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Shopping Center de Lisboa

Amoreiras 1

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

Amoreiras 2

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

RAN — OS SENHORES DA GUERRA

(m. 12 anos)
15.00, 18.00, 21.00 e 24.00 h

Amoreiras 4

MONA LISA

(m. 16 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 5

A COR DO DINHEIRO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, 21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

A MISSÃO

(m. 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15 h

Apolo 70

A COR DO DINHEIRO

(maiores 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Avila

— T. 539930

A VIDA É ASSIM

(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Avis

— T. 547163

QUE BELA NOITE DE NÚPCIAS

(Int. m. de 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Berna

— T. 776098

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Uma cena do filme "O Raio Verde" realizado por Eric Rohmer (Ciclo Comédias e Provérbios). É um filme de qualidade galardoado com o Leão de Ouro (Grande Prémio) no último Festival de Cannes. A intérprete é Marie Rivière. Em exibição no Estúdio 444

Capitolio

— T. 372358

DESEJOS ÍNTIMOS

(Int. m. 18 anos)
15.15, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00 h

Castil

T. 530194

APANHADO NUM MUNDO DE BARRETES

(não acons. men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Cinehloco

— T. 556824

DOIS POLÍCIAS À SOLTA

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
OS COMANDOS DA NOITE
(m. 16 anos)
24.00 h

Cinebolso

AS TARDES ESCALDANTES DUMA BURGUESA FRUSTRADA

(Int. 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Cine Camões

T. 324194

SANTO O MÁSCARA DE PRATA

(n/ac. m 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 579460

VIDAS EM JOGO

(não acons. men. 18 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h
OS COMANDOS DA FORÇA Z(não acons. men. 18 anos)
24 h

Cinemateca

DER JONGE MEDARDOS/1923

18.30 h

Cine Portela

— T. 2524761

SUBWAY — SUBTERRÂNEO

(maiores 12 anos)
16 e 21.45 h

Estúdio 444

TOP GUN — ASES INDOMÁVEIS

(maiores 12 anos)
15.30 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

À VOLTA DA MEIA-NOITE

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h
O MEDALHÃO DO MAL
(m. 12 anos)
23.45 h

Condes

— T. 322523

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

OS MESTRES DO KUNG-FU

(m. 18 anos)
14, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

PEGGY SUE CASOU-SE

(m. 12 anos)
14.30, 17, 19.30 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

2001 — ODISSEIA NO ESPAÇO

(n/ac. a men. 13 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Estúdio 444

— T. 768078

O RAIOS VERDE

(m. 12 anos)
15, 17, 19 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

O GOLPE DO GÊNIO

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

MONA LISA

(m. 16 anos)
14.45, 17, 19.15 e 21.45 h

DOIS POLÍCIAS À SOLTA

(m. 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

FAMA

(int. 13 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 806847

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45 h

O REGRESSO À ESCOLA

(m. 12 anos)
14.30, 16.45, 18.45, 21.30 e 24 h

Imperio

— T. 555134

FORTE SAGANE — O HERÓI DO DESERTO

(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

PLATOON — OS BRAVOS DO PELOTÃO

(m. 16 anos)
15.15, 18.30 e 21.30 h

A MOSCA

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Londres

— T. 801313

A MOSCA

(m. 16 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

QUARTO COM VISTA SOBRE A CIDADE

(m. 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

A COR DO DINHEIRO

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19 e 21.30 h

CAL — TEMPO DE GUERRA

(maiores 16 anos)
23.45 h

Roma

T. 889192

PSICO III

(m. 16 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Roxxy

T. 548560

GORDON O PIRATA NEGRO

(maiores 6 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

O REI DOS GAZETEIROS

(m. 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.15 h

Sala 2

O NOME DA ROSA

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19, e 21.30 h

Sala 3

FILHOS DE UM DEUS MENOR

14.15, 16.45, 19.15 e 21.45 h

7.ª Arte

— T. 730715

A VIDA É ASSIM

(Comédia)
(m. 12 anos)
15, 17, 19.10, 21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

NOVE SEMANAS E MEIA

(maiores 18 anos)
15, 18.15 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

NADA EM COMUM

(m. 12 anos)
14.00, 16.30, 19 e 21.30 h

Tivoli

— T. 570595

A COR DO DINHEIRO

(m. 12 anos)
14, 16.30, 19 e 21.30 h

Turim

T. 706666

DESAPARECIDO EM COMBATE — Parte II

(maiores 12 anos)
15, 17.30 e 21.30 h

Voxmania

— T. 880808

ÁFRICA MINHA

(maiores 12 anos)
15, 18 e 21 h

Xenon

T. 368490

NOITE DOS ARREPIOS

(m. 16 anos)
14.15, 16.30, 19 e 21.30 h

Zodiaco

— T. 570151

Exibição permanente de filmes indianos

(m. 13 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cineteatro

— «Prisão de Mulheres», às 15.30 e 21.15 h (m. 18 anos)

AMADORA — Cineteatro

— «Prisão de Mulheres», às 15.30 e 21.15 h (m. 18 anos)

AMADORA — Cinestúdio

— «O Regresso à Escola», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

AMADORA — Babilónia

— «Amigo Mortal», às 15.15, 18.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

CACÉM — Cinestúdio Flores

— «Thor — O Conquistador», às 15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALGUEIRÃO — Cine Teatro Chaby

— «As Aventuras de Jack Burton», às 21.30 (m. 12 anos)

SANTO ANTÓNIO DOS CAVALEIROS — Cine St.º António

— «Chamavam-lhe Génio», às 17 e 21.30 h (n/ac. a m. 13 anos)

MEM MARTINS — Estúdio Dois Eme

— «Nova Iorque Fora de Horas», às 15.30 e 21.30 h (m. 16 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril

— «O Nome da Rosa», às 17 e 21.15 h (maiores 12 anos)

ALGÉS — Cinema 2000

— «E.T. — O Extraterrestre», às 15.30 e 21.30 (para todos)

OEIRAS — Alto da Barra

— Sala 1 — «Regresso à Escola», às 15.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Poltergeist II — O Outro Lado»

, às 15.30 e 21.45 h (m. 16 anos)

CARCAVELOS — Atlântida Cine

— «E.T. — O Extraterrestre», às 15.30 e 21.30 h (m. 6 anos)

CASCAIS — Miramar

— Sala 1 — «Os Bravos do Pelotão», às 15.15 e 21.30 h (m. 16 anos)

Sala 2 — «O Nome da Rosa»

, às 15.30 e 21.30 (m. 12 anos)

Outra Banda

ALMADA — Academia

— «Desejo de Morte», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Cinestúdio

— «Acto Selvagem», às 15.30, 18.15 e 21.30 h (m. 12 anos)

ALMADA — Incrível Almada

— «O Homem da Maiorca», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

COSTA DE CAPARICA — Oceano

— Sala 1 — «Dois Polícias à Solta», às 15.45 e 21.30 h (m. 12 anos)

Sala 2 — «Campo do Inferno»

, às 16.15 e 21.45 h (maiores 16 anos)

BARREIRO — Cinestúdio Barreirense

— «Thor, o Conquistador», às 15 e 21.15 (m. 12 anos)

LINDA-A-VELHA — Cine-tropical

— «Oito Milhões de Maneiras para Morrer», às 15.30 e 21.30 h (m. 12 anos)

ODIVELAS — Cineodivel

— «Guerreiros do Deserto», às 15.30 e 21.30 (m. 16 anos)

CRUZ DE PAU — Cinema Lord

— «Terror no Auto-Estrada», às 16 e 21 h (m. 18 anos)

MARIONETAS CHINESAS

Desde hoje, até sábado, pode ver na sala polivalente do Centro de Arte Moderna da Gulbenkian, a Companhia de Teatro de Marionetas Chinesas de Fugian «Zhan-gzhou», cujos espectáculos se efectuarão às 15 e às 18 horas.

Esta companhia tem a característica de apresentar marionetas de luva, primorosamente elaboradas, manipuladas com uma perfeição de des-treza insuperáveis. Os fantoches, impulsionados por uma variedade de movimentos que inclui artes marciais e acrobáticas, são uma autêntica fascinação para o público em geral e para o juvenil em particular.

A província oriunda de Fugian é o «centro» do Teatro de Fantoches na China. A actividade artística gravita à volta da cidade de Zhangzhou, onde a tradição do teatro de fantoches tem florescido, ao longo dos

últimos 150 anos. É uma arte das mais exigentes do mundo, no plano da técnica e os principais manipuladores executam actos de verdadeira perícia, sem qualquer ajuda dos modernos meios tecnológicos e, para o fazerem, têm de ser sujeitos a um treino intensíssimo.

Atendendo ao interesse cultural desta iniciativa, as escolas e outras instituições poderão reservar os seus bilhetes, gratuitamente, que para o público em geral são a 200 escudos, com os habituais descontos para jovens e estudantes.

O Serviço de Animação, Criação Artística e Educação pela Arte (ACARTE) da Fundação Gulbenkian conta com o apoio do «Arts Worldwide» de Londres e da Embaixada da República Popular da China em Lisboa.



Janina Fialkowska, pianista, esta tarde na Gulbenkian

MÚSICA

- GULBENKIAN (Grande Auditório): às 18,30, concerto pela pianista Janina Fialkowska, que interpreta obras de Liszt, Mendelssohn, Beethoven e Chopin.
- UP & DOWN (R. Passos Manuel, 116-B): apresentação ao vivo dos programas de maior audiência na rádio, esta noite com actuação ao vivo de Paulo Gonzo, realizador convidado Fernando Neves, Programa «Rocklândia» da Antena 1.

EXPOSIÇÕES

- ESBAL (R. Barata Salgueiro, 36): exposição de «Photographia» de João Redondo, Francisco Silva, Carlos Gomes, João Mota e José Cerqueira. Patente até dia 21, dias úteis das 14 às 19.
- GALERIA PAULINO FERREIRA (R. Nova da Trindade, 18-B): exposição de Pintura de Mourato, até dia 30 de Março, de segunda a sexta das 9 às 12,30 e das 14,30 às 19, sábados das 9 às 13.
- ESCOLA SECUNDÁRIA DA AMADORA: até dia 14 uma exposição de Gravura e Serigrafia de Gil Teixeira Lopes, Matilde Marçal, João Hogan, Manuel Cargaleiro, Rogério Ribeiro e Espiga Pinto. Patente nos dias úteis das 9 às 23, sábados das 9 às 13.

- GALERIA QUADRUN (R. Alberto de Oliveira, 52 - aos Corucheus): Escultura de Amaral da Cunha até 21 de Março.

- BIBLIOTECA NACIONAL (Campo Grande): «A Inquisição em Portugal», uma exposição bibliográfica, até 30 de Abril.

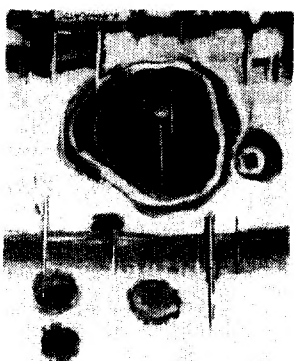
- CASINO ESTORIL (Galeria de Arte): exposições de obras de professores artistas, com a finalidade de angariar fundos para a concretização dos seus objectivos sociais. Com a colaboração de alguns dos mais importantes artistas plásticos, esta mostra está patente até 14 de Março, todos os dias das 15 às 24 horas.

- VALE TUDO MENOS TIRAR OLHOS (R. Rodrigo da Fonseca, 25): fotografias de Francisco Rúbio até 21 de Março, de terça a sábado das 15 às 20.

- MULTIFACE ARTE (Centro Comercial Gemini, R. Sousa Lopes): Francisco D'Almada expõe óleos, serigrafias e esculturas.

- MUSEU DE SETÚBAL (Convento de Jesus): exposição com obras de Eduarda Castelo, Graca Delgado e Pilar Sobral.

- GULBENKIAN (Galeria de Exposições Temporárias): exposição de Yersin - obra gravada e litografia, organizada por Françoise Simecek et La Fondation William Cuendet & Atelier de Saint-Prex.



Trabalho de H. Mourato, na «Paulino Ferreira»

- ATRIUM DA IMPRENSA (R. da Horta Seca): Pintura de Joaquim Baltazar até 12 de Março. Patente de segunda a sexta, das 11 às 20.

- SNBA (R. Barata Salgueiro, 36): Pintura de 1976 a 1986, todos os dias das 14 às 20, excepto segundas e feriados.

- GALERIA HOLLY (L. da Trindade, 17): colectiva com novas obras de João Hogan, Mário Cesariny, Raul Perez, Barros, Cargaleiro, João Cutileiro, Joaquim Rodrigo e Gonçalo Duarte. De terça a sábado das 10,30 às 13 e das 15 às 19,30, segundas das 15 às 19,30, até 31 de Março.



Um trabalho de Paiva Raposo, exposto na Galeria de S. Francisco

- DITEC-ESPAÇO ARTE (Av. da Igreja, 46-A): Pintura de Zé Penicheiro com o título «Lisboa 1900», onde o artista retrata, no seu estilo, «o mundo das ruas, bairros, vielas e costumes alfacinhas nos primeiros dez anos deste século». Patente até 15 de Março, de segunda a sexta das 14,30 às 19,30, sábados das 10 às 13 e das 15 às 19,30.

- HOTEL ALBATROZ (Cascais): Pintura de Carlos Lança, durante o mês de Março das 10 às 23.

- OLHARTE (Calçada do Cardeal, 18): exposição de Pintura de três jovens artistas plásticos - Carlos Augusto Ribeiro, Gil Heitor Cortesão e João Jacinto - sob o título «Duíno». Patente até dia 18, de terça a domingo das 16 às 20.

- MUSEU DO TRAJE: Ana Silva e Sousa expõe esculturas com o título «Viagem da Boa Esperança», comemorativa do 5º centenário da viagem de Bartolomeu Dias. Até 15 de Março.

- SALA DO CASTELO (Campo Maior): Tapeçarias de Portalegre por iniciativa da Associação de Artes Plásticas de Campo Maior. Tapeçarias sobre cartões da autoria de Almada, Nagreiros, Carlos Botelho, Júlio Pomar, Cruzeiro Seixas, Costa Pinheiro e Pinto Coelho. Até 15 de Março, das 9 às 12 e das 14 às 17, todos os dias excepto segundas-feiras.

- GALERIA DE S. FRANCISCO (R. Ivens, 40): Pintura e Gravura de Paiva Raposo até 7 de Abril. Patente de segunda a sexta das 10 às 13 e das 15 às 19, sábados das 10 às 13. Simultaneamente, o lançamento dos portfólios «Visitações e Crucificações», do mesmo autor.

- HOTEL MERIDIEN (Lisboa): até 20 de Março, a exposição itinerante brasileira «A Gravura Brasileira Contemporânea», cedida pela Embaixada do Brasil e que foi preparada para percorrer diversos países da América Latina, sendo Espanha o próximo destino.

- MUSEU DE JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): até dia 22, a exposição «Alguns Reflexos da Arte da China em Portugal», com o patrocínio do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian. Esta mostra, que consta essencialmente de peças de porcelana, azulejos e mobiliário dos séculos XVII e XVIII (documentação fotográfica), é exemplo da influência da arte oriental na arte portuguesa.

- EDIFÍCIO CASTIL: Os Artesãos e Gonçalo Ramos Pereira apresentam a sua nova colecção «Les Mariees».

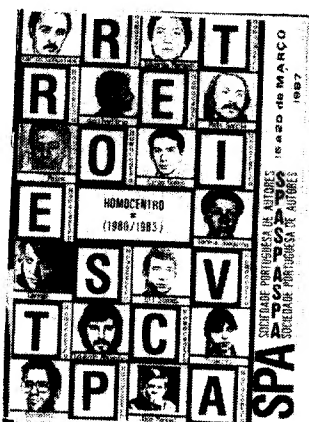
- CETÁRIA (Setúbal): até 9 de Maio, uma exposição com trabalhos de Nuno Henrique de Castro (pintura) e Susana de Barros (cerâmica). Patente de segunda a sexta das 9 às 12 e das 14 às 18.

- COLEGIO MILITAR (Museu Colegial): até dia 15 a exposição «400 Anos de Relojoaria» evocando a figura de Justiniano de Araújo, relojoeiro inventor dos fins do século XIX, ex-aluno daquele estabelecimento de Ensino. A mostra, que tem carácter didático e cultural, está aberta ao público em geral e a grupos de alunos de outros estabelecimentos, entre as 10 e as 13 e as 15 e as 18,30 (dias úteis) e entre as 15 e as 18,30 aos sábados e domingos.

- DIFERENÇA (R. S. Filipe Neri, 42): exposição de fotografia de Ernesto de Sousa com o título «Itinerários». De terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19.

- MUSEU DE SINTRA (galeria de exposições temporárias): até 20 de Março a exposição «A Pedra, o Barro e a Forma», com trabalhos em mármore e cerâmica dos artesãos Amílcar Salomé e Eduardo Azenha.

- SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES (Av. Duque de Loulé, 31): o «Homocentro», grupo de intervenção sócio-cultural fundado em 1980, prepara activamente a sua reaparição com uma exposição entre 16 e 20 de corrente, no auditório da SPA. Integrando a mostra de artes plásticas - uma retrospectiva - dois recitais, um de poesia e outro de guitarra clássica. Recorde-se que o Homocentro nasceu em 15 de Outubro de 1980, optando pela descentralização. Das dez exposições realizadas, sendo as duas primeiras em Lisboa, o grupo expôs as restantes mostras em Beja, Sacavém, Faro, Coimbra, Figueira da Foz, Ericeira, Leiria e Monte Gordo. Também no decorrer destas mostras, manifestou a chamada interligação entre as várias artes, tais como o Teatro, o Ballet, a Música e a Poesia. Depois de uma paragem, em 83, o Homocentro encontra-se de novo preparado para a «luta».



Lisboa — PERMANENTE

ALTO DE SANTO AMARO — Santo Amaro, R. Filinto Elísio, 29-A-B (T. 637070); **ALVALADE** — Brisália, R. do Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS - SALDANHA** — Império, R. António Enes, 10 (T. 548002); **AVENIDAS NOVAS** — Fátima, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL** — Sirius, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA** — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 124-126 (T. 873875); **CALHARIZ - BENEFICA** — Rebocho, R. Tenente Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B (T. 743871); **CHELAS - COLÉGIO VALSASSINA** — Serra, R. Luís Cristino da Silva, lote 221, loja 133, zona 2, Chelas (T. 85372); **LUMIAR - QUINTA DAS MOURAS** — Matos Viegas, Av. Rainha D. Amélia, 34-B (T. 794174); **MARVILA** — Freitas, R. Vale Formoso de Baixo, 23-A (T. 381136); **MERCADO DO CHILE** — Corvo, R. Ângela Pinto, 32-B-C (T. 549756); **RA-DIODOFUSÃO - EX-EMISSORA NACIONAL** — S. Nunes Simões, R. do Quelhas, 1-3 (T. 661275); **COLINA DO SOL - BRANDO - AMADORA** — Vidal Reis, Urbanização Alforneiros, célula G, lote 35 (T. 996540); **CARNAXIDE** — H. Amaral, Pt. António Boto, 11-A (T. 4104556); **CODIVEL - ODIVELAS** — Nabais Vicente, R. A. lote 19-A, loja E, Urbanização Codivel (T. 9816803); **PONTINHA** — Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453); **REFORÇO - ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA** — Palma, Av. Duque de Ávila, 25-31 (T. 547088); **AVENIDA DE ROMA** — Avis, Av. de Roma, 56-B-C (T. 895370); **CAMÕES - SANTA CATARINA** — Combro, C. do Combro, 82 (T. 326059); **CAMPO DE OURIQUE** — Pinheiro, R. de Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CAMPOLIDE - SETE RIOS** — Nova, R. de Campolide, 297-C (T. 687475); **LUZ - FRENTE AOS MENINOS DA LUZ** — Gény, R. Conselheiro José Silvestre Ribeiro, 12-A, ao 218 da E. da Luz (T. 7140342); **OLIVAIS SUL** — Fernandes Borges, R. D. Aleixo Corte Real, lote 388, cruzamento com a R. Cidade de Bolama (T. 311091); **PEDROUCOS** — Sociedad Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (T. 610280); **PENHA DE FRANÇA** — Higiénica, R. Helidoro Salgado, 20-A (T. 844361); **PICHELEIRA** — Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16 (T. 880703); **RATO - MARQUES DE POMBAL** — Vieira Borges, R. Alexandre Herculano, 28-30 (T. 520536); **BURACA - AMADORA** — Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **OLIVAL BASTO** — Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO** — Matos, T. das Prioras (T. 2519939); **Outra Banda - ALMADA** — Magalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242); **PERMANENTE** — COVA DA PIEDADE — Morgado, R. Cabo da Boa Esperança, 25-A (T. 2767356); **PERMANENTE** — MONTE DE CAPARICA — Nova, R. dos Trabalhadores Rurais, 82 (T. 2954436); **ATÉ às 19 horas**; **COSTA DE CAPARICA** — Chai, Av. General Humberto Delgado (T. 2403218); **ATÉ às 19 horas**; **LARANJEIRO** — Oliveira Sérgio, R. dos Álamos, 2-A (T. 2296464); **ATÉ às 22 horas**; **SESIMBRA** — Leão, Av. da Liberdade, 13 (T. 2233471); **ATÉ às 19 horas**; **LAVRADIO** — J. Consolado, Av. Joaquim J. Fernandes, 17-C (T. 2043126); **ATÉ às 19 horas**; **BARREIRO** — Avenida, Av. Alfredo da Silva,

Farmácias

88 (T. 2073212); **PERMANENTE**; **BAIXA DA BANHEIRA** — Nova Fátima, E. Nacional, 244-A (T. 2040141); **ATÉ às 19 horas**; **CORROIOS** — Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084); **ATÉ às 19 horas**; **CRUZ DE PAU** — Fonseca, R. do Ribatejo, 2-A (T. 2211131); **ATÉ às 22 horas**; **ARRENTELA** — Lusitana, P. Cândido dos Reis, 10 (T. 2210007); **ATÉ às 22 horas**; **MONTIJO** — Giraldes, R. Almirante Reis, 45 (T. 2310008); **ATÉ às 22 horas**; **MOITA** — Silva Rocha, P. da República, 16 (T. 2390029); **ATÉ às 19 horas**; **ALHOS VEDROS** — Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (T. 2040020); **ATÉ às 19 horas**; **ALCOCHETE** — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 2430100); **ATÉ às 19 horas**; **SETÚBAL** — Marques, R. Arronches Junqueiro, 109 (T. 22783); **PERMANENTE**; **Soromenho**, R. Machado dos Santos, 24 (T. 22691); **PERMANENTE**; **Cunha Pinheiro**, E. da Canari-nha, 32 (T. 29215); **ATÉ às 22 horas**; **Linha de Cascais** — **ALGÉS** — Almeida Nifo, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070); **PERMANENTE**; **LINDA-A-VE-LHA** — Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235); **ATÉ às 19 horas**; **TIRES** — Guimarães, L. Duarte, lote A, r/c (T. 2441616); **ATÉ às 22 horas**; **ALCABIDECHÉ** — Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363); **ATÉ às 22 horas**; **PORTO SALVO** — Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo (T. 2421015); **ATÉ às 22 horas**; **MALVEIRA DA SERRA** — Luz, E. Nacional (T. 2850635); **ATÉ às 22 horas**; **PAÇO DE ARCOS** — Godinho, Av. Patrão Lopes, 4 (T. 2432039); **PERMANENTE**; **OEIRAS** — Central, R. Conde Ferreira, 29 (T. 2430058); **ATÉ às 22 horas**; **CARCAVELOS** — Central, R. 5 de Outubro, 25 (T. 2470037); **PERMANENTE**; **SÃO DOMINGOS DE RANA** — Godinho da Silva, R. Afonso de Albuquerque, lote B, loja 2 (T. 2470361); **ATÉ às 22 horas**; **PARADE** — Mendes Junqueiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838); **PERMANENTE**; **SAS- SOEIRO** — Amaral Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312); **ATÉ às 22 horas**; **BIRRE** — Imani, lote 7-B, Hera (T. 2852121); **MADORNA** — Madeira, R. A (T. 2476326); **ATÉ às 22 horas**; **AMOREIRA** — Abrantes, Vivenda Maria Carlos Anjos (T. 2682313); **ATÉ às 22 horas**; **MONE ESTORIL** — Suíça, Cruzeiro (T. 260087); **ATÉ às 22 horas**; **CASCAIS** — Cascais, R. Conde de Monte Real, Bairro das Caixas (T. 28240); **PERMANENTE**; **Linha de Sintra** — **AMADORA** — Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (T. 4930019); **ATÉ às 22 horas**; **Carlos**, R. Sebastião da Gama, 28-B, B. Casal de São Brás, **ATÉ às 22 horas**; **DA-MAIA** — Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530); **PERMANENTE**; **QUELUZ** — André, R. Elias Garcia, 151 (T. 950043); **ATÉ às 22 horas**; **CAMARATE** — Mendonça, L. 25 de Abril, 135-C, Apelação (T. 2573158); **ATÉ às 19 horas**; **CACÉM** — Rico, L. Adriano S. Gil, Agualva (T. 4312833); **PERMANENTE**; **AL-GUEIRÃO** — Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038); **PERMANENTE**; **MERCÊS** — Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275); **ATÉ às 22 horas**; **RINCHOA** — Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 2262006); **ATÉ às 22 horas**; **SINTRA** — Misericórdia, Pen-doa, 17 (T. 9231070); **PERMANENTE**; **COLARES** — Abreja (T. 929088); **SÃO PEDRO DE SINTRA** — Valentim (T. 9230456); **PERMANENTE**.

TEATROS

Comuna — Sala 2

P. Espanha (Telef. 7260818)
De 3.ª a sáb., às 21.30, e domingos, às 17 h.
«VICTOR OU AS CRIANÇAS NO PODER» de Roger Vitrac, Enc. de João Mota.

CAFÉ-TEATRO

Sextas e Sábados, às 24 h «FARSA VOCÊ MESMO» — um espectáculo de café-teatro — coordenação geral de Carlos Paulo e João Mota.

Teatro «O Bando»

P. de Espanha — Tel. 726 69 10
«A VIAGEM», de Sophia de Mello Breyner. Encenação e cenografia de João Brites.

Teatro Infantil de Lisboa

Aos sábados às 16.00

«O CHOUPO ANDARILHO»

Domingos, às 16.00

«O AVESTRUZ MECANICO»

Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; domingo e feriados, às 16.00

«ESCRITA EM DIA», Nova versão de «Isto É Maria Vitoria», original de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Rogério Bracinha com a colaboração de Mário Zambujal. Intérpretes: Eugénio Salvador, Simone de Oliveira, Francisco Nicholson, Delfina Cruz, Carlos Cunha e Maria Mota.

Laura Alves

R. da Palma, 251 — Tel. 86 47 56

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e feriados, às 16.00

«CÁ ESTÃO ELES», texto de César de Oliveira e Varella Silva. Intérpretes: Ivone Silva, Camilo de Oliveira, Maria Amândia, Dulce Guimarães, Luís Mascarenhas e Luís Aleluia, entre outros.

Trindade

R. Nova da Trindade — Tel. 32 00 00

De 3.ª a sábado, às 21.00; domingos, às 16.00

«A MULHER DO CAMPO», de William Wyche-ley. Pelo Teatro da Comucópia. Intérpretes: Rui Mendes, Júlia Correia, Júlia Buisel, José Manuel Mendes, Luís Lucas, Rui Furtado, Raquel Maria, Márcia Brea, Alda Rodrigues, Francisco Costa, Gilberto Gonçalves, uís Miguel Cintra, entre outros. Música de José Mário Branco.

Porto — Teatro

R. do Heroísmo, 86 — Tel. 57 32 65
5.ª e 6.ª, às 21.30; sábados e domingos, às 16.00 e 21.30

«MEROPE — LIBERDADE OU MORTE!», baseado em textos de Almeida Garrett, pelo TEAR. Recolha de textos e encenação de Castro Guedes.

Porto — Teatro Campo Alegre

R. Campo Alegre, 627 — Tel. 38 21 31

De 3.ª a domingo, às 21.45; domingo, às 16.00

«O MOTIM», de Miguel Franco; pelo Seiva Trupe. Encenação de Norberto Barroca. Intérpretes: António Reis, Estrela Novais, Alfredo Correia, Luís Cunha e Lourdes Rodrigues.

Porto — Teatro Sá da Bandeira

R. Sá da Bandeira, 108 — Tel. 22 550

Quintas, sextas e sábados, às 20.30 e 23.00; domingos, terças e quartas, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«LISBOA, TEJO E TUDO», de César de Oliveira, Raul Solnado e Fialho Gouveia. Intérpretes: Carlos Miguel, Camacho Costa, Helena Isabel, Henrique Viana, Mariema, Paulo César, etc.

Setúbal — Teatro de Bolso

R. Dr. Aníbal Álvares da Silva, 9 Tel. 29130

De 5.ª a domg., às 21.30

«ATÉ AMANHÃ», Sobre textos de Jaime Salazar Sampaio. Pelo TASS. Enc. de João Manuel.

TEATRO ABERTO

P. Espanha (Telef. 770969)

De 2.ª a 5.ª, às 21.30; domingo, às 16.00 e 21.30.

O JARDIM DAS CEREJAS, de Tchekov. Versão de João Lourenço. Vera San Payo de Lemos. Música de Eduardo Paes Mamede. Cen. de José Manuel Castanheira.

Alges — Teatro 1.º Acto

R. Eduardo Augusto Pedroso, 16-A — Tel. 211 50 33

De 5.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às 17.00

«NÓ CEGO», pelo Grupo Teatro Espaço.

Vasco Santana

Av. da República, 16 — Tel. 76 86 09
3.ª, 4.ª e 5.ª, às 19.00; 6.ª e sábados, às 21.30; domingos, às 16.00

«SYLVIA PLATH — QUEM MATOU?», de Barry Kyle. Tradução de Teresa Guerreiro. Direcção de Luzia Maria Martins. Montagem de Fernando Filipe. Intérpretes: Clara Joana, Luisa Ortigoso, Manuel Mendonça e Maria Dulce.

Teatro Nacional D. Maria II

Pç. D. Pedro IV — Tel. 32 22 10

De terça a sáb., às 21.30; domingos, às 16.00

«ANATOL», de Arthur Schnitzler. Enc. Ricardo Pais. Cen./fig. de António Lagarto. Música de António Emiliano.

Teatro «A Barraca»

R. Alexandre Herculano, 70 — Tel. 68 63 00

Diariamente, às 21.45; domingos, às 16.00

«MÁRIO GIN TÓNICO», sobre textos de Mário Henrique Leiria. Pelo Teatro Experimental do Porto. Interpretação de Mário Viegas.

Teatro Ibérico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 17.00

«A VIDA É SONHO», de Calderón. Encenação: Blanco Xil. Intérpretes: Blanco Xil, Francisco Soromenho, Jorge Sousa Costa, Lídia Franco, Luzia Paramés e Miguel Martins. Um texto e um espaço: o resto quase não existe.

Teatro do Século

R. do Século, 41 — Tel. 32 47 04

De quinta a domingo, às 21.30

«DRACULOS JUNIOR», texto e encenação: Fernando Gomes. Intérpretes: Fernando Gomes, Fernando Luís, Maria Vieira, Maruga e Pedro Advrta.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

Todas as noites, às 21.30; domingos e feriados, às 16.00

«AQUI HÁ FANTASMAS», original em português de Henrique Santana. Encenação de Henrique Santana. Intérpretes: Henrique Santana, Rita Ribeiro, Henrique Santos, Carlos Quintas, Armando Cortez, Maria Helena Matos, Luís Alberto e António Feio.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

- Consumir. Cerume.
- Ganho. Engenheiro sueco inventor de um processo para acender automaticamente os faróis de acetilene.
- O mais. Teimas.
- Nó dos dedos (Açores). Armada.
- Anel. Interjeição de dor. Campeão.
- Milímetro. Lugares de contenção.
- Laço (inv). Origem.
- Rio da Suíça (inv). Ornatos.
- Tramara. Camareiras.
- Terceiro. Amónio (s.q). De alto preço.
- Conjunção. Clava. Arsénio (s.q).

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

VERTICAIS:

- Gálio (s.q). Preposição. Mau.
- Nome de homem. Daria mios.
- Cidade da Argentina. Acrescentais.
- Pronome pessoal. A Pérsia.
- Tornaram morno.
- Mulher de vida airada.
- Cadáver.
- Tombaria. Casta.
- Espécie de capacete. Nome de mulher.
- Torna a atar. Fora pelo ar com grande velocidade.
- Asas. Restos mortais.

Recebeu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º

HORIZONTAIS:

- Aparelho de ginástica. A alma.
- Estime. Atravessar.
- Letra grega. Apelido.
- Sadías. Joieira.
- Sufixo que designa abundância (pl). Anual.
- Artigo definido (ant). Ruim.
- Feições. Folha de ferro estanhado.
- Serra de Portugal. Observem.
- Batráquio. Arrogara.
- Carta de jogar. Título honorífico na Índia. Autores.
- Cidade de Itália. Ecoa.

1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1										
2										
3										
4										
5										
6										
7										
8										
9										
10										
11										

VERTICAIS:

- Argila. Falhas.
- Patrão. Sensatas.
- Rénio (s.q). Exprimir por palavras.
- Comera à ceia.
- Estimas. Abalos (pop).
- Falhas. Eia!
- Antepassados. Mulo.
- Conjunção. Cidade do Peru.
- Clima. Besuntarias.
- Usa. Possuir.
- Sufixo que designa estado. O mais. Estimara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 978

HORIZONTAIS:

- CASA. DE. Dão.
- Acartariéis.
- Dor. As.
- Ira.
- Sam. Honroso.
- Rato. Dobei.
- Go. Toras.
- Ovoa. RR. Era.
- Bi. Siara. Ar.
- Rau. Miami.
- Emalar. Orem.

VERTICAIS:

- Cádis. POBRE.
- Agorar. Viam.
- Saramago. Ua.
- Ar. Toas.
- TACHO. Imá.
- Dás. Trair.
- ER. Andorra.
- Io. Ror. Amo.
- DE. COBRE. Ir.
- Ais. Seara.
- Os. Poisaram.

PROVERBIO: Casa de pobre, tacho de cobre.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 15 807

HORIZONTAIS:

- Catanga. Co.
- Labor. Sal.
- ER. Mar. Re.
- Rematariam.
- Amaram. Croa.
- Asam. Carne.
- SS. Carear.
- Atais. Man.
- Restara. Dra.
- los. Aos.
- Orçara. Asa.

VERTICAIS:

- Mera. Sargo.
- Remaste.
- Al. Mas. As.
- Tâmara. It.
- Abatam. Sair.
- Noras. Roa.
- Gr. Carnas.
- Ficara.
- Arrendas.
- Carmona. Roa.
- Olé. Aéreas.

Antena Um

16.00: Pequeno jornal e rock-lândia; 18.00: Regressos; 19.00: Informação e música; 20.00: No estúdio e no estúdio; 20.15: Música portuguesa; 20.30: A voz de Roma; 21.00: Musical; 21.30: Imaginário. Noticiários de hora a hora.

Programa 2

15.30: Música sinfónica; 16.30: Álbum musical; 17.00: Tempo de bailado; 17.30: Música vocal; 18.40: Duetos instrumentais; 19.00: Integrais; 19.35: Música do século XX; 20.40: Música, para órgão; 21.00: Música orquestral, de Smetana; 21.57: «Cântico de Espanha», de Albeniz; 22.05: «Ofrenda Musical», BWV 1079, de Bach; 23.00: Intercâmbio musical; 00.50: Último andamento e resumo; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Programa da tarde; 17.00: Feira mágica; 20.00: Peça que a gente passa; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo e resultados; 23.00: 24.ª hora; 01.00: É de noite... já se vê; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música; 16.00: Som da frente; 17.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: O sabor da música; 22.00: A mil e uma noites; 00.00: Morrison Hotel; 02.00: O rock pode esperar; 03.00: Guarda-nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Terceira vaga; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Fim-de-tarde; 20.00: Programa da LAR; 20.30: Cidade nova; 21.00: Luzes da ribalta; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial; 23.55: Meditando.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Grande bazar.

Voz de Lisboa

15.00: Rádio da cidade; 18.00: Bola branca; 18.30: sete colinas; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço; 21.00: Música no espaço; 22.00: Bric-à-brac; 23.00: Bola branca; 23.30: As canções da meia-noite; 23.57: Meditando.

Voz do Porto

15.00: Passeio alegre; 18.00: Bola branca; 18.30: TRANSMISSÃO DO TERÇO; 19.00: Informação e música; 20.00: Porto de abrigo; 20.30: Meia de música; 21.00: Palácio de Cristal; 23.00: Bola branca; 23.30: Porto final.

Canal 2-Rede Nacional de FM Etéreo

09.00: Os cem mais; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico. Noticiários a todas as horas.

RTP 1

17.30 - Mira Técnica

Com Música Portuguesa

18.02 - Sumário

18.07 - Brinca Brincando
«O Regresso da Lampada Maravilhosa» e o «Cão Vagabundo»

18.50 - Par ou Impar

19.30 - Telejornal

20.00 - Boletim Meteorológico

20.05 - Vamos Jogar no Tótopola

20.20 - Palavras Cruzadas

43º Episódio: - Helena propõe ao irmão darem uma quota da empresa a Simão, mas Filipe opõe-se terminantemente. Rosa vai fazer uma viagem e Oscar ainda se sente mais só. João surpreende Margarida vestida com a farda e ela é obrigada a explicar-se. Lucinda visita Lurdes e diz-lhe que acha importante viver a vida e não ficar amarrada a recordações. Lurdes, por seu lado, acha que é difícil remexer no passado. Luis está preocupado por Francisco sair com Joana e diz ao filho que espera da parte dele um comportamento correcto para com a enfermeira. Simão está na sala e, enquanto Lucinda e Lurdes estão na cozinha, batem à porta. Simão vai abrir e depara com Mina que o olha com cara de poucos amigos, demonstrando não ter ficado nada contente por encontrá-lo em casa da mãe.

21.05 - Lotação Esgotada

«Como Roubar um Milhão»: - Simon Dermott, detective privado especialista em casos de falsificação de peças de arte, é contratado por Bernard de Solnay. Este suspeita que sejam falsas algumas das peças expostas numa galeria de Paris. Mas Simon encontra a filha de Bonnet que expõe as obras. Apaixona-se por ela. Esta vai envolverlo num complicado plano para roubar a Vénus de que o pai é proprietário.

Interpretação: Audrey Hepburn, Peter O'Toole, Eli Wallach e Hugh Griffith.
Realizador: William Wyler

23.25 - A Música de Michel Legrand

Michel Legrand, célebre pelas suas composições musicais para filme (que já lhe valeram 3 Oscars em 14 nomeações), Stephanie Grappelli, inspirado violinista que pôs o jazz a tocar violino ou violino a improvisar para jazz, e Nancy Wilson, uma senhora voz, juntaram os seus talentos ao da Orquestra Filarmónica de Londres



No 2º canal, às 20.30,
«Uma Família às Direitas»



No 1º canal, às 20.20, mais um episódio de «Palavras Cruzadas»

sob a batuta de Ettore Stratta, e é claro que deram excelente espectáculo no London Royal Festival Hall.

Podemos apreciá-los agora, neste programa, ao mesmo tempo que recordamos melodias como «Wind mills of mind», «Night and Day», a abertura do inesquecível «Os Chapéus-de-chuva de Cherburgo» ou «Summer 42».

Realização: David Hillier

00.25 - 24 Horas

00.55 - Remate



15.05 - Agora, Escolha!

16.30 - Notícias

16.35 - Trinta Minutos Com...

O Pintor Ramanafer

17.05 - Countdown

18.00 - Estádio

19.00 - Nino Show

20.05 - 5ª Dimensão

106º Episódio: - O comandante Douglas Stansfield é seleccionado para um voo espacial que demorará cerca de 30 anos. Para que ele não envelheça durante a missão, os cientistas estudaram e aperfeiçoaram uma técnica de vida suspensa. Assim, Douglas ficará apenas um pouco mais velho. Durante os treinos, encontra Sandy, uma empregada de uma Agência Espacial e ambos se apaixonam. Douglas parte para o espaço e, depois de um mês de viagem, decide envelhecer normalmente pois não quer voltar muito mais novo do que Sandy. Mas quando regressa espera-o uma desagradável surpresa...

Realizador: - Robert Fleury

20.30 - Uma Família às Direitas

82º Episódio

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - E de Ler

«Provérbios Portugueses» de Fernando Ribeiro de Melo

21.35 - Natasha

«Natasha» é interpretada por Natalia Makarova com Anthony Dowell, Denys Gano, Gary Chryst, Tim Flavin, e The Norman Maen Dancers.

A música para «Natasha» foi especialmente gravada pela Royal Philharmonic Orchestra, dirigida por Barry Wordsworth. Natalia Makarova é universalmente conhecida como uma das maiores bailarinas do nosso tempo.

Serão apresentados excertos dos bailados «Romeu e Julieta», «Carmem» e «Manon», entre outros.

AMANHÃ

RTP-1

17.30 - Mira Técnica
18.02 - Sumário
18.07 - Brinca Brincando
18.50 - Par ou Impar
19.30 - Telejornal
20.00 - Boletim Meteorológico
20.10 - Palavras Cruzadas
20.45 - ALF - Uma Coisa do Outro Mundo
21.15 - Rally de Portugal
21.50 - As Bluebell
22.50 - 24 Horas
23.20 - Remate

RTP-2

15.05 - Agora, Escolha!
16.30 - Notícias
16.35 - Trinta Minutos Com...
17.05 - Countdown
18.00 - Estádio
19.00 - Nino Show
20.00 - Notícias
20.05 - 5ª Dimensão
20.30 - Uma Família às Direitas
21.00 - Jornal das Nove
21.30 - E de Ler
21.35 - A Quinta do Dois

GRUNDIG seleccionou para si...



23.05 - A Música de Michel Legrand



21.35 - Natasha

GRUNDIG PORTUGUESA
comércio de artigos electrónicos, Lda.

Rua Bento Jesus, 17
Cruz Quebrada 1495 LISBOA
Telex 4197570



Uma Família às Direitas



AOS CONDUTORES

«Junto das paragens de transportes públicos, abrande a marcha, porque a qualquer momento pode surgir uma criança a atravessar, quer pela frente quer pela retaguarda do autocarro.»

PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA



PORTE
PAGO



Fundador **Joaquim Manso**

Propriedade, Composição e Impressão: **RENASCENÇA GRÁFICA, SARL**
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: **RUA LUZ SORIANO, 44 — 1200 LISBOA**
TELEFONES: 32 11 54 / 5 — 32 02 71 2 3 Publicidade 36 87 40
Serviço da noite (depois das 21): Porteiro 32 11 54 Redacção 32 02 71 2 / 3
Endereço Telegráfico DIBOA — Telex 12 363 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: **INTERPRESS** Rua do Norte, 115-1 — 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 — 32 22 04 — 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 40\$00

Director **A. Ruella Ramos**

Director adjunto **Fernando Piteira Santos**

DEPÓSITO LEGAL 1426/82

ÚLTIMA HORA

O primeiro ministro vai nomear um delegado do Governo incumbido de dinamizar a actividade económica do concelho de Setúbal. O delegado do Governo vai ser proposto pelo ministro do Plano no prazo de 30 dias. A decisão governamental tem em vista a implementação da segunda fase do programa de desenvolvimento da península de Setúbal. A mesma resolução dá urgência à execução dos projectos de obras públicas na península, inscritos no PIDDAC-87, designadamente os que se referem aos sectores da saúde, educação, pescas e transportes.



Eleições na Faculdade de Ciências Humanas

A Lista I venceu com 463 votos, as eleições realizadas terça-feira para a direcção da Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, disse à agência Lusa uma fonte estudantil.

A outra lista concorrente, a lista V, ficou em segundo lugar com 444 votos.

Dos cerca de 2.700 estudantes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, votaram aproximadamente 33 por cento, a maior adesão de sempre registada nas faculdades do País, disse a mesma fonte.

A lista vencedora é integrada por representantes na Comissão Nacional Coordenadora dos Estudantes de Letras, que tem por missão garantir a reestruturação dos cursos de Letras do País, em especial a formação para a docência e outras saídas profissionais, acrescentou.

Decorador abastecia-se na loja do ex-patrão

A Polícia Judiciária de Lisboa, acaba de deter um indivíduo de 30 anos de idade, que identificou como Olavo e que teria estado até há alguns meses empregado numa firma do Bairro de Campo de Ourique, dedicada ao ramo de estofagem e decoração.

Durante o tempo em que ali trabalhou algo de estranho preocupava o patrão. Enquanto este estava mais pobre o empregado exibía sinais exteriores de riqueza.

Tendo deixado o emprego estabeleceu-se e continuava a progredir. Só que agora veio a apurar-se que utilizando chave falsa ia nos fins-de-semana ao armazém do antigo patrão abastecer-se, podendo assim fazer preços de impossível concorrência.

As primeiras investigações apontam já para um mínimo de cinco mil contos os prejuízos causados ao antigo empregador.

Ensino técnico-profissional

carece de medidas urgentes

Grande sobrecarga horária, desajustamento de programas, precariedade de instalações e equipamentos e problemas de inserção no mercado de trabalho dos diplomados em alguns cursos têm sido alguns factores de bloqueamento ao desenvolvimento do ensino técnico-profissional.

Tais factores foram apontados pela secretária de Estado do Ensino Básico e Secundário numa reunião no MEC em que esteve presente o ministro João de Deus Pinheiro e as comissões regionais para o ensino técnico-profissional com o objectivo de proceder ao balanço da experiência de quatro anos de implementação daquele ensino.

Marília Raimundo acrescentou que a experiência «exige tomada de medidas urgentes com vista à sua dignificação, à consecução dos objectivos maiores que o justificam e legitimam, à sua adequação à realidade socio-económica do País e das regiões, à resposta às necessidades regionais e locais de mão-de-obra especializada».

A experiência pedagógica do ensino técnico-profissional foi lançada no ano lectivo de 83/84, em 42 escolas, com sete cursos profissionais e seis cursos técnico-profissionais. No presente ano lectivo a experiência alargou-se a 174 escolas onde são ministrados 19 cursos profissionais e 39 técnico-profissionais.

DE/C/LA/R/A/S/



VERGÍLIO FERREIRA tem três dos seus romances e uma série de contos de uma edição de cem mil exemplares, esgotados num mês na União Soviética. A informação é da sua editora em Portugal, e os romances, incluídos com os contos num único volume, são «Aparição», «Alegria Breve» e «Signo Sinal». Denomina-se «Mestres da Literatura Contemporânea» a colecção em que a obra foi publicada, sendo Vergílio Ferreira o primeiro escritor português dessa colecção. «Aparição» já tinha sido publicado duas vezes na URSS.



MÁRIO SOARES estará presente, juntamente com membros do Governo e o embaixador de Espanha em Lisboa, na antestreia, amanhã em Lisboa, do filme «Balada da Praia dos Cães», película de Fonseca e Costa feita a partir do romance de José Cardoso Pires. A estreia do filme ocorrerá em seis salas de Lisboa, Porto, Coimbra e Braga. Trata-se de uma estreia que «aposta no cinema de qualidade» e aspira a ser «um novo recorde de bilheteira», disse a empresa distribuidora. O filme de Fonseca e Costa é uma co-produção luso-espanhola e já foi estreado em 14 salas de cinema do país vizinho.

GRETA GARBO não foi, afinal, internada no hospital de Nova Iorque. A portavoz do próprio estabelecimento, Myrna Manners, afirmou que «não entrou ninguém com o nome de Greta Garbo, ou mesmo com o verdadeiro nome da actriz, Greta Gustafson, aqui». Citando uma alegada fonte do bloco operatório de Nova Iorque, um jornal da cidade havia noticiado que Greta Garbo — uma das mais célebres «stars» dos anos 30 — tinha «baixado» para receber tratamento.

RUDOLF HESS piorou nos



últimos tempos, agravando-se o estado de saúde do ex-dirigente nazi e único prisioneiro de Spandau actualmente com 92 anos. Hess, segundo o seu próprio filho, está em perigo de vida no Hospital Militar Britânico de Berlim Ocidental, para onde foi transferido. Uma fonte diplomática britânica confirmou a deterioração do estado de saúde do ex-lugar-tenente de Hitler, que cumpre uma pena de prisão perpétua. O seu filho mais novo disse que ele sofre de pneumonia.

LEONOR BELEZA empossou ontem a Comissão Instaladora do Hospital Distrital de Faro a que preside Mário da Luz Sousa e Silva. Nomeada por «urgente conveniência de serviço», a CI do Hospital Distrital de Faro integra os vogais José Gago Leiria (médico), Elisa Cabrita Gomes (enfermeira), o eng.º Manuel Maláquias e os drs. David Vieira da Costa, Carlos Carvalheira e Bertrand Brás. A nova CI daquele estabelecimento hospitalar têm em vista proceder à implementação e reorganização dos seus serviços de acordo já com a Carta Hospital que deverá ser este ano publicada — segundo disse ao «DL» uma fonte ministerial.

Vereador do Fundão recorre para o Supremo

O vereador José Campos, da Câmara Municipal do Fundão, recorreu para o Supremo Tribunal Administrativo da suspensão de mandato de que foi alvo pelo executivo.

A substituição de José Campos, do CDS, por Pires Fernandes, do PSD, não foi aceite pelo primeiro, que alega «confusão de votação» para se concretizar a sua destituição.

José Campos disse à Lusa ter recorrido da deliberação escrita em acta aprovada pelo executivo com a presença do novo vereador, junto do Supremo Tribunal Administrativo.

Os vereadores do PS e do CDS têm mantido a recusa em participar em reuniões camarárias «enquanto não for reposta a legalidade, e face à ameaça, por parte do presidente, da intervenção da PSP».

Soube-se de fonte oficial que a Assembleia Distrital de Castelo Branco reúne no próximo dia 16, presidida pelo governador civil Alberto Romãozinho, a fim de debater a situação do município.

Um memorando sobre a situação no município do Fundão foi remetido por aqueles vereadores ao Parlamento Europeu, Presidente da República, provedor de Justiça, partidos políticos, Primeiro-Ministro, Associação Nacional de Municípios e ministro do Plano.

Adiado julgamento das FP-25

O julgamento do chamado caso das FP-25, de que é um dos réus Otelo Saraiva de Carvalho, foi adiado para a tarde de sexta-feira.

O tribunal, que julga o pleito, a decorrer em Monsanto, tomou ontem a decisão a pedido do Ministério Público, que desejava tempo para preparar resposta aos requerimentos de reformulação de que requisitos apresentados pela defesa nas últimas sessões de audiência.